

AMBIENTES DE ENSINO DE ARQUITETURA E URBANISMO

ANÁLISES E PROPOSIÇÕES PARA A CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO PEDAGÓGICO

THAYS DE CARVALHO MOREIRA
Orientação: Prof. Dr. Egon Vettorazzi

Foz do Iguaçu
2024



AMBIENTES DE ENSINO DE ARQUITETURA E URBANISMO

ANÁLISES E PROPOSIÇÕES PARA A CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO PEDAGÓGICO

TRAYS DE CARVALHO MOREIRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Tecnologia, Infraestrutura e Território da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Dr. Egon Vettorazzi

Foz do Iguaçu
2024

THAYS DE CARVALHO MOREIRA

AMBIENTES DE ENSINO DE ARQUITETURA E URBANISMO

ANÁLISES E PROPOSIÇÕES PARA A CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO PEDAGÓGICO

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Egon Vettorazzi
UNILA

Prof. Dra. Cecília Angileli
UNILA

Prof. Ms. Elisiana Kleinschmitt
UDC

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Tecnologia, Infraestrutura e Território da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Dr. Egon Vettorazzi

Foz do Iguaçu, 14 de outubro de 2024.

Foz do Iguaçu
2024

TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nome completo do autor(a): Thays de Carvalho Moreira

Curso: Arquitetura e Urbanismo

Tipo de Documento

graduação

artigo

especialização

trabalho de conclusão de curso

mestrado

monografia

doutorado

dissertação

tese

CD/DVD – obras audiovisuais

Título do trabalho acadêmico: “Ambientes de ensino de arquitetura e urbanismo: análises e proposições para a construção de um espaço pedagógico.”

Nome do orientador(a): Professor Dr. Egon Vettorazzi

Data da Defesa: 14/10/2024

Licença não-exclusiva de distribuição

O referido autor(a):

a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que o detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

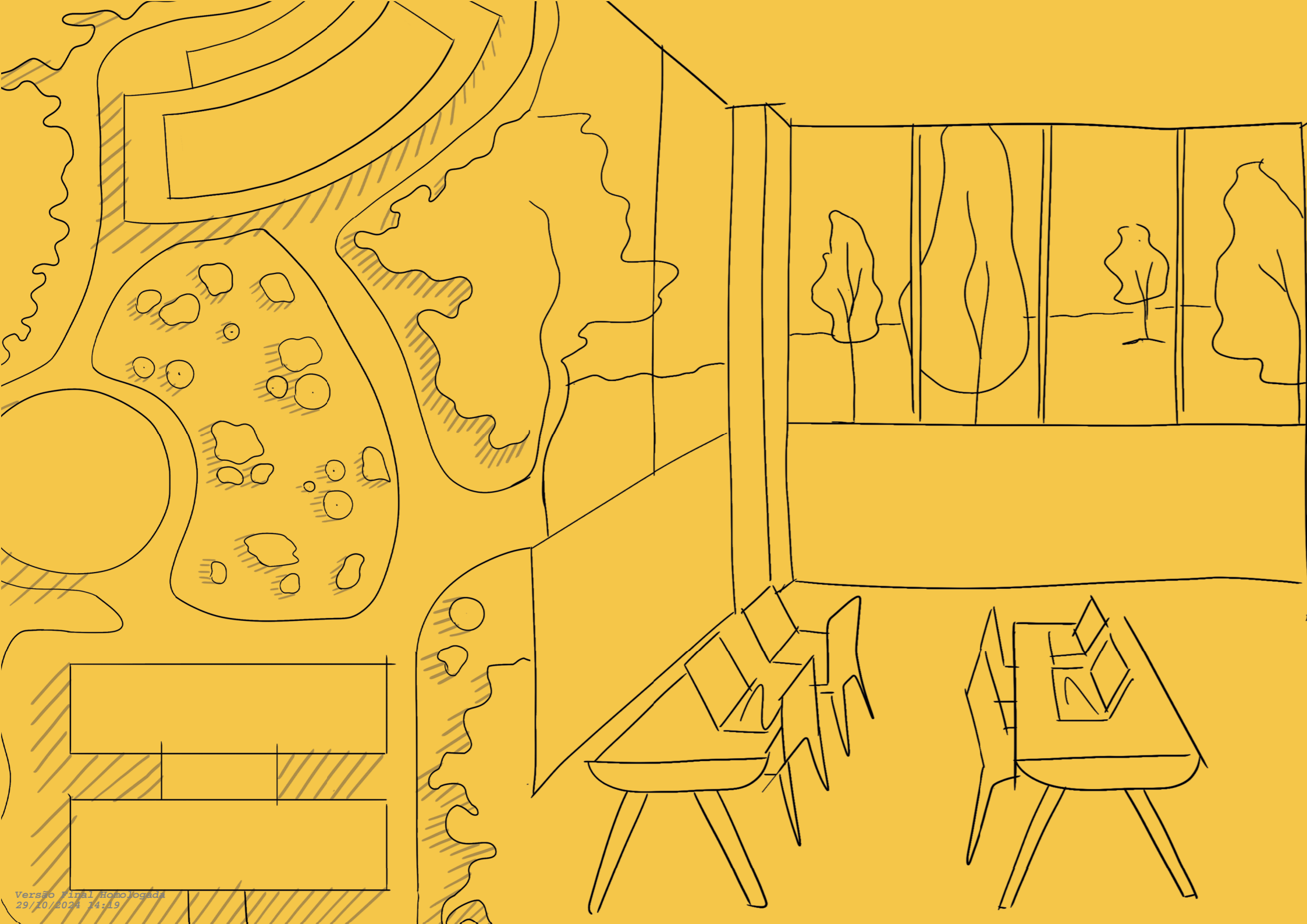
b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca Latino-Americana – BIUNILA a disponibilizar a obra gratuitamente e de acordo com a licença pública Creative Commons Licença 3.0 Unported.

Foz do Iguaçu, ____ de _____ de _____.

Assinatura do Responsável



Aos meus pais, **Ivone e Silvério**, que me ensinaram, muito antes da faculdade de arquitetura, que o verdadeiro significado de "lar" está onde e como nosso coração mora.

*A los que buscan aunque no encuentren
A los que avanzan aunque se pierdan
A los que viven aunque se mueran*

Mario Benedetti

Arrisco dizer que esta é a seção mais importante desta monografia, porque, sem essas pessoas/instituições, nada do que está escrito a seguir seria possível. Por isso:

Agradeço, primeiramente, ao meu **Deus** por me carregar nos braços quando eu acreditava estar caminhando sozinha.

Aos meus pais, **Ivonete e Silvério**, por possibilitarem minha jornada acadêmica e dedicação integral ao curso quase que em sua totalidade. À minha mãe, por me reerguer, incentivar e enaltecer todas as vezes em que essa longa e difícil trajetória me exigiu demais. Ao meu pai, por manter o bom humor e ser sempre tão solícito e paciente comigo. Se hoje finalizo este ciclo, muito se deve a eles.

Ao meu orientador, **Prof. Dr. Egon Vettorazzi**, por aceitar me orientar em um tema que foge da sua área principal de pesquisa, por ser sempre tão dedicado ao seu ofício, manter sempre o bom-humor e o otimismo, além de acreditar em mim e no meu potencial. Não teria pessoa melhor para me orientar

nesse final de ciclo.

À **Profa. Dra. Cecília Angileli**, por me dar o prazer e a sorte de ser acompanhada por ela em TCC I e por se mostrar muito mais que uma professora, mas uma verdadeira educadora. Por me trazer à realidade tantas vezes e por sempre acreditar na minha capacidade e no meu valor. Que um dia as universidades possam contar com mais educadores(as) como ela.

Às **universidades participantes** da pesquisa, mas principalmente aos colaboradores dessas instituições que se propuseram a ajudar com fotos, dados e materiais técnicos. Espero que este estudo possa contribuir de alguma forma para a realidade de vocês.

À **Secretaria de Comunicação Social da UNILA**, em especial ao Departamento de Comunicação Digital (DICG), onde estagiei em 2022, por terem me ensinado tanto e por serem a primeira instituição a acreditar em mim, mesmo quando eu mesma não acreditava. Guardo vocês no meu coração.

À cada integrante da **turma de Arquitetura e Urbanismo de 2019**, pelo carinho e acolhimento, em especial **Hong Hung e Vanessa Lara** por terem aparecido em minha vida no que foi, para mim, o momento mais difícil da trajetória universitária. Agradeço, mais que especialmente, ao Hong, por ter me acolhido e apoiado desde que nos conhecemos, se mostrar um amigo tão recíproco e enxergar o mundo de uma forma tão parecida com a minha. Todo o sucesso do mundo na caminhada de vocês.

Ao **curso de Arquitetura e Urbanismo** por, mesmo diante de tantas dificuldades como falta de corpo docente e infraestrutura limitada, formar arquitetos(as) e urbanistas mais conscientes e atentos(as) à realidade latino-americana.

Aos(Às) **professores(as)** que fazem o impossível para proporcionar uma educação de qualidade, mesmo com as adversidades do ensino público, e que, em sua maioria, se dedicam incansavelmente ao desenvolvimento acadêmico e profissional de seus estudantes.

À **Universidade Federal da Integração Latino-Americana**, por me ensinar sobre sonhos coletivos, a valorizar a minha origem e as tantas riquezas da América Latina, além de

me proporcionar uma experiência internacional.

Por fim, Simone de Beauvoir se revela brilhante ao afirmar que "**todas as vitórias ocultam uma abdicação**". Finalizar um ciclo como este é escolher a si mesma em diversas ocasiões, abdicar de finais de semana de descanso e lazer, abrir mão de momentos com a família e tirar forças de onde parece não haver mais nada, tudo na esperança de um futuro melhor, porque **a educação transforma**.

Essa transformação, no entanto, não acontece isoladamente; é impossível passar tantos anos em um determinado contexto sem criar laços significativos. Alguns foram mais curtos, outros mais duradouros, e alguns quero levar para a vida toda. Todos, para o bem ou para o mal, me ensinaram algo e impactaram meu crescimento pessoal e acadêmico. A todos, sou grata.



Ao contrário do que postulou Descartes, nós existimos não porque pensamos, mas porque sentimos.

Zulmira Áurea Cruz Bomfim; Zenith N. C. Delabrida; Karla Patrícia M. Ferreira



RESUMO

Este trabalho investiga a influência dos ambientes de ensino no processo de ensino-aprendizagem, com foco na área de arquitetura e urbanismo na região sul do Brasil. Utilizando uma abordagem interdisciplinar que incorpora conceitos da neuroarquitetura, psicologia ambiental, sociologia e educação, o estudo busca compreender como os espaços físicos de aprendizagem impactam o desempenho dos estudantes e sua experiência de aprendizado. A pesquisa inclui análises de dados quantitativos e qualitativos, como questionários e observações, para examinar os aspectos físicos, sensoriais, emocionais e sociais dos ambientes de ensino. Os resultados esperados contribuirão para o desenvolvimento de proposições e recomendações para o projeto de espaços educacionais mais eficazes e estimulantes. Essa abordagem visa promover um ambiente de aprendizagem mais inclusivo, inspirador e propício ao desenvolvimento acadêmico e pessoal dos estudantes.

Palavras-chave: Ambientes de Ensino, Neuroarquitetura, Processo de Ensino-Aprendizagem, Arquitetura e Urbanismo.

RESUMEN

Este estudio investiga la influencia de los ambientes educativos en el proceso de enseñanza-aprendizaje, centrándose en el campo de la arquitectura y el urbanismo en la región sur de Brasil. Utilizando un enfoque interdisciplinario que incorpora conceptos de neuroarquitectura, psicología ambiental, sociología y educación, la investigación busca comprender cómo los espacios físicos de aprendizaje impactan en el rendimiento de los estudiantes y su experiencia de aprendizaje. El estudio incluye el análisis de datos cuantitativos y cualitativos, como encuestas y observaciones, para examinar los aspectos físicos, sensoriales, emocionales y sociales de los ambientes educativos. Los resultados esperados contribuirán al desarrollo de directrices y recomendaciones para diseñar espacios educativos más efectivos y estimulantes. Este enfoque tiene como objetivo promover un entorno de aprendizaje más inclusivo, inspirador y propicio para el desarrollo académico y personal de los estudiantes.

Palabras clave: Ambientes Educativos, Neuroarquitectura, Proceso de Enseñanza-Aprendizaje, Arquitectura y Urbanismo.

ABSTRACT

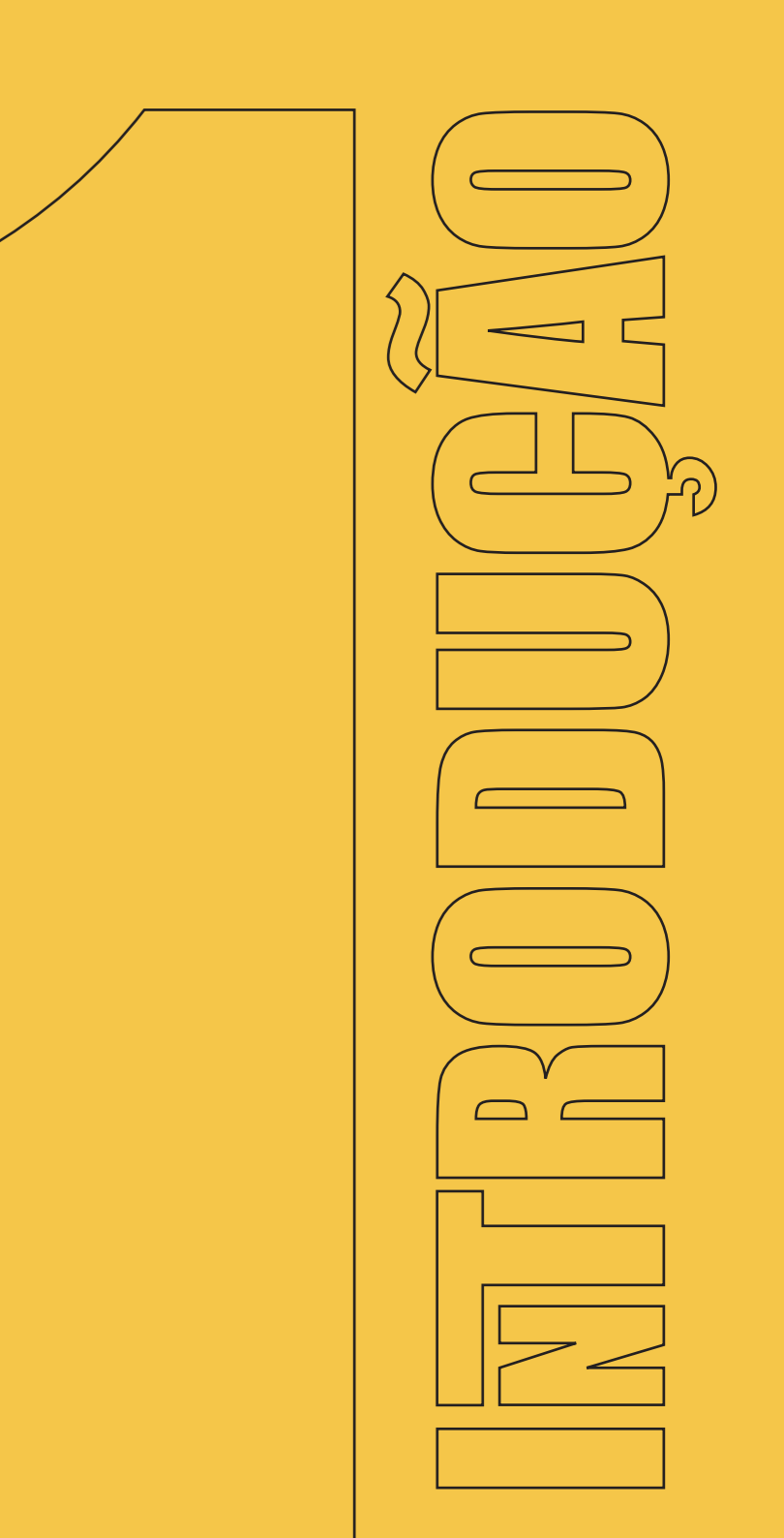
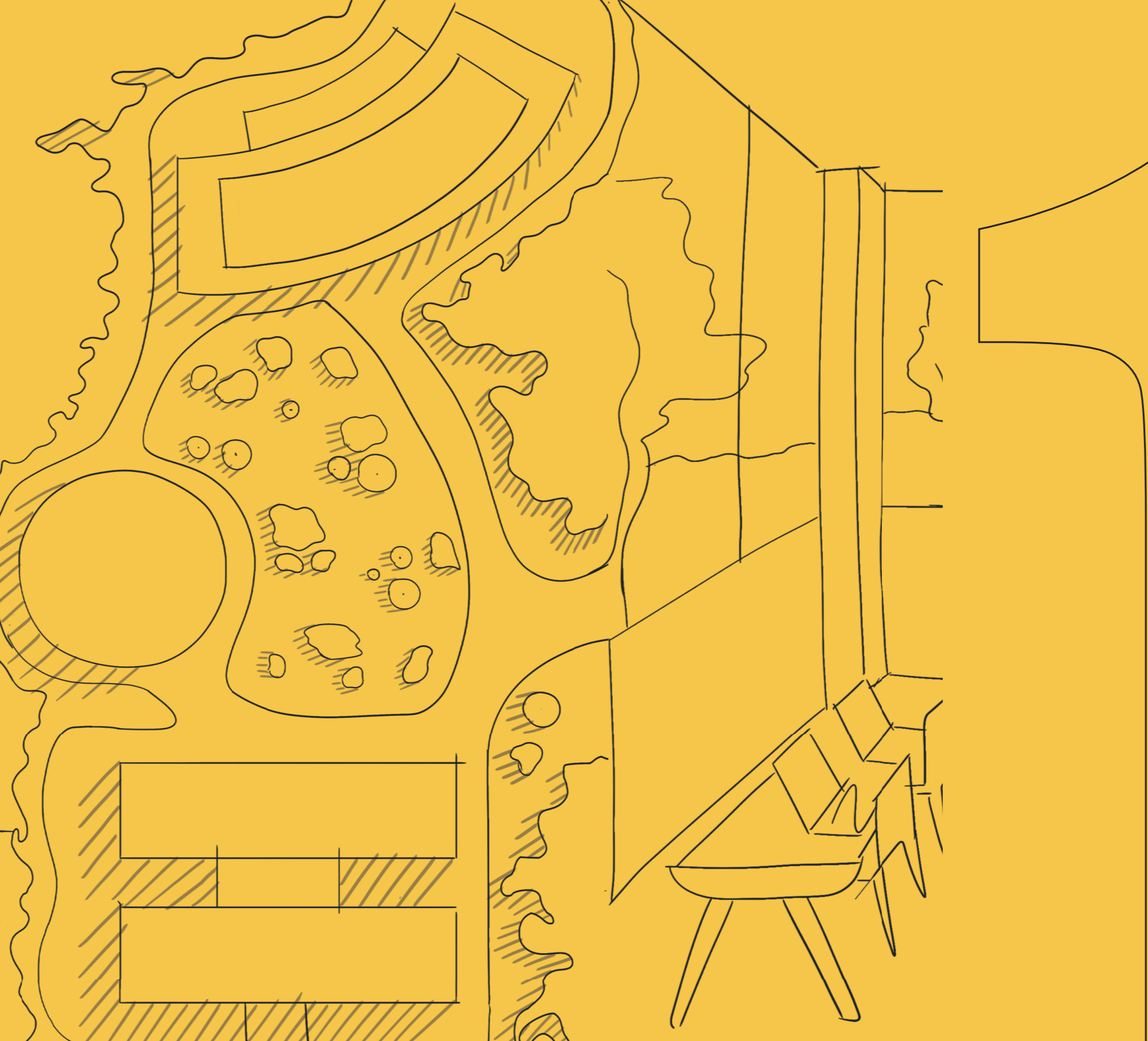
This study investigates the influence of educational environments on the teaching-learning process, focusing on the field of architecture and urbanism in the southern region of Brazil. Using an interdisciplinary approach that incorporates concepts from neuroarchitecture, environmental psychology, sociology, and education, the research seeks to understand how physical learning spaces impact students' performance and learning experience. The study includes analysis of quantitative and qualitative data, such as surveys and observations, to examine the physical, sensory, emotional, and social aspects of learning environments. The expected results will contribute to the development of guidelines and recommendations for designing more effective and stimulating educational spaces. This approach aims to promote a more inclusive, inspiring, and conducive learning environment for students' academic and personal development.

Keywords: Educational Environments, Neuroarchitecture, Teaching-Learning Process, Architecture and Urbanism.



ÍNDICE

INTRODUÇÃO	19
1.1 OBJETIVO GERAL.....	22
1.2 OBJETIVO ESPECÍFICO.....	22
1.3 JUSTIFICATIVA.....	23
1.4 BREVE CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO.....	25
2 METODOLOGIA	32
3 REFERENCIAL TEÓRICO	36
4 ESTUDOS CORRELATOS	46
5 DESENVOLVIMENTO	63
5.1 O ATELIÊ DE ARQUITETURA E URBANISMO.....	65
5.2 A UNILA E A EXPERIÊNCIA DE ESPAÇOS PROVISÓRIOS: UMA AUTOETNOGRAFIA.....	67
5.3 ESTUDOS DE CASO.....	82
5.4 ESTUDOS SUBJETIVOS: ENTREVISTAS.....	110
5.4.2 A PERSONA.....	118
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	139
6.1 PROPOSIÇÕES PARA A CONSTRUÇÃO DE UM AMBIENTE PEDAGÓGICO.....	141
4 REFERÊNCIAS	147
5 APÊNDICES	151



Na área da arquitetura, muito se discute acerca dos ambientes adequados para o desenvolvimento infantil, especialmente em contextos escolares. A infância, de fato, constitui um período fundamental para o desenvolvimento humano. Tanto é que estudos relacionados à neurociência aplicada ao ambiente construído são, atualmente, comumente desenvolvidos nessa área, e com razão.

No entanto, no Brasil, é fácil perceber, quando se é estudante, que após certa idade, os ambientes de ensino entram em uma espécie de limbo, tornando-se um padrão caracterizado por cadeiras individuais enfileiradas, voltadas para um quadro que se estende até (e principalmente) o ensino superior. No que diz respeito ao curso de Arquitetura e Urbanismo, algumas universidades já reconheceram certas necessidades específicas da área, transformando as salas de aula em ateliês.

A Arquitetura e o Urbanismo, enquanto disciplinas ligadas ao espaço e suas configurações, possuem uma relação intrínseca com o seu ambiente de ensino. O ateliê — espaço físico onde os estudantes de arquitetura desenvolvem suas práticas projetuais — é um elemento crucial nessa dinâmica, sendo considerado por alguns autores como o “coração” da formação em arquitetura (Salama, 2005). No entanto, de forma geral, a infraestrutura deixa muito a desejar:

A infraestrutura tem sido um dos pontos mais sensíveis na oferta de ensino de qualidade. Em um curso que pretende ensinar a arte de organizar os espaços, em alguns casos são oferecidos em espaços improvisados e desprovidos de condições satisfatórias para o atendimento das atividades pedagógicas do curso. Alguns cursos mantêm o espaço de laboratórios, mas sem equipamentos adequados ou já obsoletos. Outros, melhor aparelhados estão à disposição quase exclusiva de programas de pós-graduação pouco servindo ao cotidiano da relação ensino-aprendizagem na graduação.

Em que pese se encontre cursos com espaços, mobiliários e equipamentos adequados, muito há que se melhorar em relação ao conforto ambiental, acesso universal, atendimento às condições específicas do curso, etc. Faltam salas, inclusive para uso no desenvolvimento de tarefas fora do horário de aulas, falta mobiliário adequado, acesso à rede e internet, etc. Além disso, há ausência de espaço para exposição, para encontro, para debate e mesmo que possam acompanhar o dinamismo requerido para a prática do atelier de projeto, que deve funcionar como um laboratório vivo para investigação de soluções e alternativas. (MARAGNO, 2013, n.p.).

Nesse contexto, é importante considerar as diferentes categorias de universidades presentes no país, como as tradicionais, novas e novíssimas. As universidades tradicionais são instituições de ensino superior com história e tradição significativas, geralmente fundadas há décadas ou até mesmo séculos. Elas possuem reputação consolidada, influência acadêmica, corpo docente renomado e uma ampla oferta de cursos e programas.

Por outro lado, temos as universidades novas, que são instituições de ensino superior fundadas em um período mais recente, geralmente nas últimas décadas. Embora possam não ter a mesma história ou tradição das universidades tradicionais, as universidades novas buscam oferecer uma educação de qualidade e estão em constante crescimento. Muitas vezes, essas universidades estão focadas em áreas específicas de estudo ou adotam abordagens mais inovadoras.

Além das universidades novas, surgem também

¹ O Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais ou REUNI, foi um programa que teve como objetivo ampliar o acesso e a permanência no Ensino Superior. [...] Com o Reuni, o governo federal adotou uma série de medidas para retomar o crescimento do ensino superior público, criando condições para que as universidades federais promovam a expansão física, acadêmica e pedagógica da rede federal de educação superior. [...] MEC (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO). O que é o REUNI. [S. l.], 25 mar. 2010. Disponível em: <https://reuni.mec.gov.br/o-que-e-o-reuni>. Acesso em: 2 jan. 2024.

as chamadas ‘novíssimas’, conforme Nascimento, Souza e Salviano (2021). Essas universidades, criadas a partir dos anos 2000 e ligadas ao programa REUNI¹, ainda se encontram no estágio inicial de desenvolvimento, voltando-se para a expansão de infraestrutura, a ampliação da oferta de cursos e o fortalecimento de sua reputação acadêmica.

Dentro desse panorama de universidades tradicionais, novas e novíssimas, optou-se metodologicamente por um recorte específico nas universidades do sul do Brasil para o estudo dos ambientes de ensino de Arquitetura e Urbanismo. A seleção dessas instituições não se deve a uma superioridade em relação às demais, mas pela trajetória consolidada dessas universidades tradicionais na formação de arquitetos e urbanistas, o que permite uma análise mais aprofundada dos desafios e avanços estruturais e pedagógicos.

Pensando nisso, este trabalho de conclusão de curso propõe analisar a qualidade física e subjetiva dos

ambientes de ensino de universidades tradicionais de Arquitetura e Urbanismo da região sul do Brasil, além de propor formas de conceber e adequar ateliês de modo a contribuir no desempenho acadêmico e bem-estar dos professores e estudantes.

1.1 OBJETIVO GERAL

O objetivo principal do trabalho é estudar as características físicas e subjetivas de ateliês de arquitetura e urbanismo de universidades tradicionais do sul do Brasil e, com base em princípios da neurociência, psicologia ambiental, sociologia, educação e conceitos da avaliação pós-ocupação, propor soluções que possam contribuir para o melhorar o processo de ensino-aprendizagem. Pretende-se entender com isso, como estudantes são influenciados tanto psicológica quanto emocionalmente pelo espaço físico no qual estão inseridos como isto afeta o processo de ensino-aprendizagem.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Realizar uma breve revisão bibliográfica dos temas relacionados à neuroarquitetura, psicologia ambiental, educa-

ção, sociologia e avaliação pós-ocupação voltada ao ensino superior;

- Compreender como os elementos projetuais exercem influência sobre a percepção humana e os processos de aprendizagem;
- Realizar estudos de caso em espaços de educação de universidades públicas tradicionais de Arquitetura e Urbanismo, identificando as características desses ambientes e suas formas de apropriação;
- Criar proposições para o desenvolvimento de um ambiente de ensino em arquitetura e urbanismo mais pedagógico.

1.3 JUSTIFICATIVA

O tema em questão revela-se de importância, fundamentado na experiência adquirida no ambiente provisório destinado ao curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). A UNILA se destaca como uma universidade novíssima, cuja recente criação levanta questionamentos acerca das diferenças em relação às universidades tradicionais. Tal experiência despertou interesse em

compreender se e de que maneira os espaços físicos influenciam seus usuários, sobretudo no âmbito educacional.

A verdade é que nossos sentidos são os responsáveis por nos inundar com sensações e experiências (calor ou frio, excesso de luz ou a falta dela, cheiro agradável ou não, cores), que são vividas a todo o momento e, não necessariamente sentidas de maneira consciente ou focalizada.

Dito isto, ao considerarmos que passamos grande parte de nosso tempo em ambientes construídos, o(a) arquiteto(a), como projetista e planejador(a) do espaço, tem grande responsabilidade no momento de pensar um projeto; e ao pensar um projeto para o ambiente educacional de ensino superior deve-se levar em consideração que o bem-estar do estudante (ou a falta dele) pode influenciar (positivamente ou não) a formação de um cidadão e profissional que virá a contribuir para a sociedade.

[...] A emoção, linguagem e pensamento são mediações que levam à ação, portanto somos as atividades que desenvolvemos, somos a consciência que reflete o mundo e somos a afetividade que ama e odeia este

mundo, e com essa bagagem nos identificamos e somos identificados por aqueles que nos cercam. (BOMFIM, DELABRIDA E FERREIRA, p. 67, 2018 apud Lane, 1995b, p.62)

Ainda de acordo com Bomfim, Delabrida e Ferreira (2018), o componente afetivo tem importância definitiva para o bem-estar, já que confere à própria existência o sentido necessário para a saúde física e mental. O pensar e o sentir são indissociáveis.

O estudante de Arquitetura e Urbanismo, de modo geral, possui relação com as artes, trabalhos manuais, é movido a muita criatividade para solucionar problemas, tem de ser empático o suficiente para projetar para o usuário e não para si mesmo (seja uma casa ou um parque), tem de pensar na inclusão, na acessibilidade, no meio ambiente, deve saber algumas classificações de biologia, geografia, física, conceitos de sociologia, *design*, direito e tantos outros. Para Ching e Eckler (2014) a arquitetura é:

[...](1) uma disciplina artística que busca inventar por meio do projeto; (2) uma ciência que conta com técnicas de construção específicas; e (3) uma ciência social que abrange comportamento, percepção e cultura para criar espaços que dêem suporte

ao estilo de vida de seus usuários. (SILMAS, DIAS e SILVA, 2021 apud CHING e ECKLER, 2014, n.p)

As grandes questões são: como seria um ambiente ideal para o ensino de tal programa? O que os ateliês transmitem a este estudante? Como essas sensações influenciam no seu desempenho acadêmico e saúde mental? Como deveria ser projetado um espaço de ensino para futuros projetistas?

O estudo destas problemáticas, baseado em análises pós-ocupação, contribui para a criação e adequação de ateliês que estimulem o sistema sensorial de maneira intencional e proporciona conhecimentos sobre a influência do ambiente também na esfera de ensino de adultos, com foco na área de arquitetura.

Esta pesquisa também busca trazer visibilidade para a importância das questões subjetivas e de como o projetista comunica esse ambiente ao usuário. Afinal, arquitetura é comunicação no sentido mais abrangente da palavra, ao projetar espaços estamos promovendo uma constante comunicação com o usuário, um constan-

te despertar de emoções e sentimentos que vão interferir diretamente na vida de quem os habita.

1.4 BREVE CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

A região sul do Brasil apresenta um contexto histórico, cultural e econômico rico, que influencia de maneira significativa a arquitetura e o urbanismo presentes nessa área. A colonização europeia, sobretudo a influência italiana, alemã e portuguesa, deixou marcas inapagáveis na arquitetura e no urbanismo da região, tal qual a presença dos povos originários e da cultura africana. A presença de imigrantes e a miscigenação cultural contribuíram para a formação de uma identidade arquitetônica e urbanística única, caracterizada por elementos estéticos e técnicas construtivas específicas.

O sul brasileiro é reconhecido por uma arquitetura que remonta ao período colonial e se estende até os dias atuais. A arquitetura colonial portuguesa, a arquitetura enxaimel trazida pelos colonizadores alemães, as influências neoclássicas, ecléticas e modernistas são apenas algumas das estéticas presentes nesta região. Além dis-

so, a região sul abriga exemplares importantes de arquitetura contemporânea, que dialogam com as tendências globais e locais.

A região se destaca por sua diversidade, que abrange aspectos socioeconômicos, culturais e ambientais, mas também enfrenta desafios e problemas específicos relacionados à arquitetura e urbanismo. Questões como planejamento urbano, mobilidade, preservação do patrimônio histórico, sustentabilidade ambiental e adaptação às mudanças climáticas estão entre os desafios enfrentados pelos profissionais da área. Cada um de seus estados possui características próprias que se refletem nos ambientes de ensino de arquitetura e urbanismo.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a região sul do Brasil, composta pelos estados de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul, soma cerca de 30 milhões de habitantes e o terceiro, quinto e sexto maiores índices de desenvolvimento hu-

Figura 1 - Mapa esquemático da região sul do Brasil. S/E.



Fonte: A autora, 2023.

mano (IDH)² do país, respectivamente.

Além de estados com altos IDHs, a região está entre os sete maiores Índices de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB)³, possui alta taxa de alfabetização e, segundo o Instituto SEMESP, uma taxa de escolarização líquida acima da média nacional (17,8%), o que poderia ajudar a justificar o desenvolvimento regional, além da alta presença de indústrias, e atividades de agricultura e pecuária. Ainda de acordo com o Instituto SEMESP, Juntando as modalidades presencial e EAD, a região representa 17,5% da educação superior do país e está entre as três com mais pessoas matriculadas em instituições de ensino superior:

A região Sul é a terceira em número de matrículas, com 1,5 milhão de estudantes no ensino superior. Juntando as modalidades presencial e EAD, a região representa 17,5% da educação superior do país. [...] 38,1% das matrículas totais da região estão no estado do Paraná, seguido por Rio Grande do Sul (35,5%) e Santa Catarina (26,4%). (Instituto SEMESP, 2022).

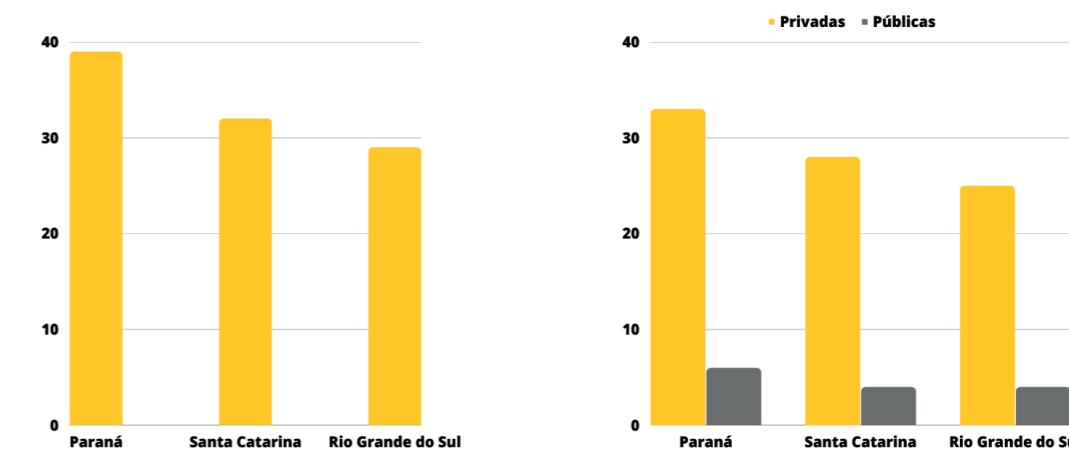
Apesar do grande número de matrículas, de acordo com o IMDS [(201-?)], somente 7,3% dos negros alcançam o ensino superior ou conseguem chegar mais longe, indo até o mestrado ou doutorado. O número de brancos que chega ao ensino superior ou vai além (21,1%) é 2,9 vezes maior. Em nenhuma outra região essa diferença é tão grande.

Segundo o Instituto SEMESP (2022), a região possui 375 instituições de ensino superior que ofertam cursos presenciais, porém de acordo com o Ranking de Universidades Folha (2019), somam 100 instituições que oferecem o curso de Arquitetura e Urbanismo, sendo 86 delas privadas e 14 públicas (Gráfico 1).

²Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), o Índice de Desenvolvimento Humano compara indicadores de países nos itens riqueza, alfabetização, educação, esperança de vida, natalidade e outros, com o intuito de avaliar o bem-estar de uma população.

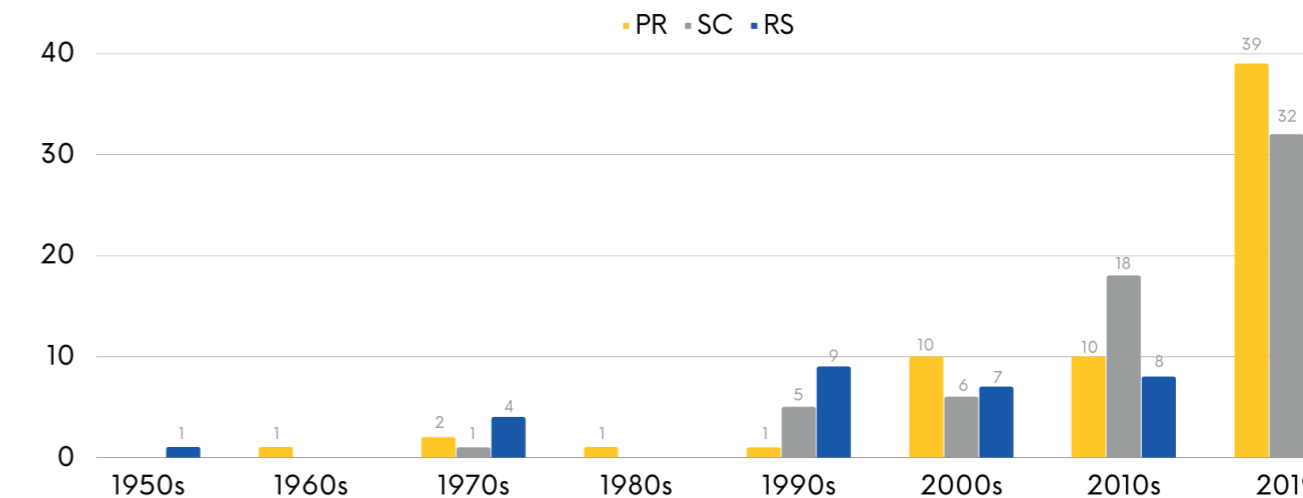
³De acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica reúne, em um só indicador, os resultados de dois conceitos igualmente importantes para a qualidade da educação: o fluxo escolar e as médias de desempenho nas avaliações.

Gráfico 1 - Instituições de ensino que ofertam o curso de Arquitetura e Urbanismo no sul do Brasil.



Fonte: A autora, 2023. Base de Dados: Ranking de Universidades Folha (2019).

Gráfico 2 - Aumento dos cursos de Arquitetura e Urbanismo na região sul ao longo das décadas

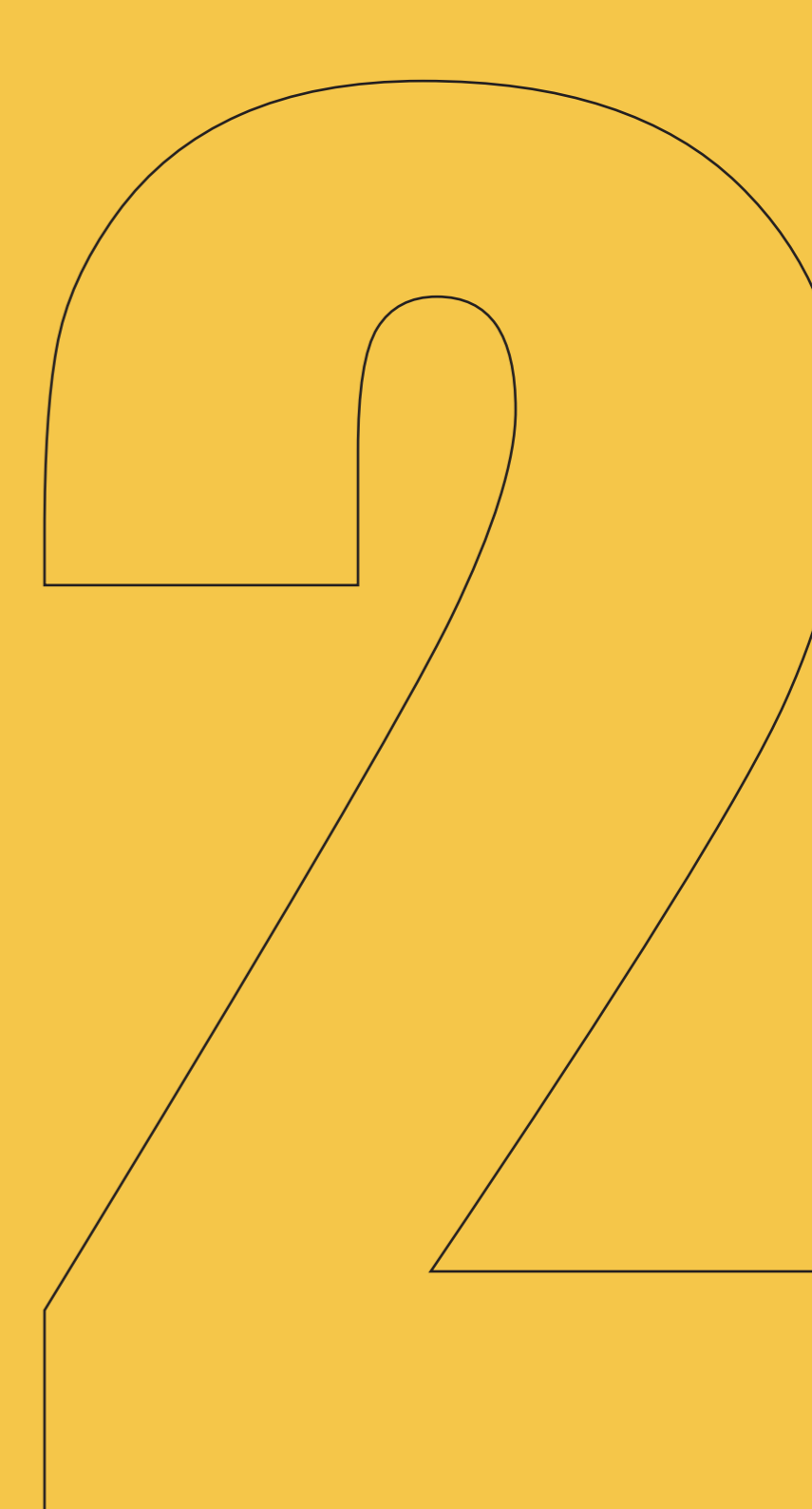
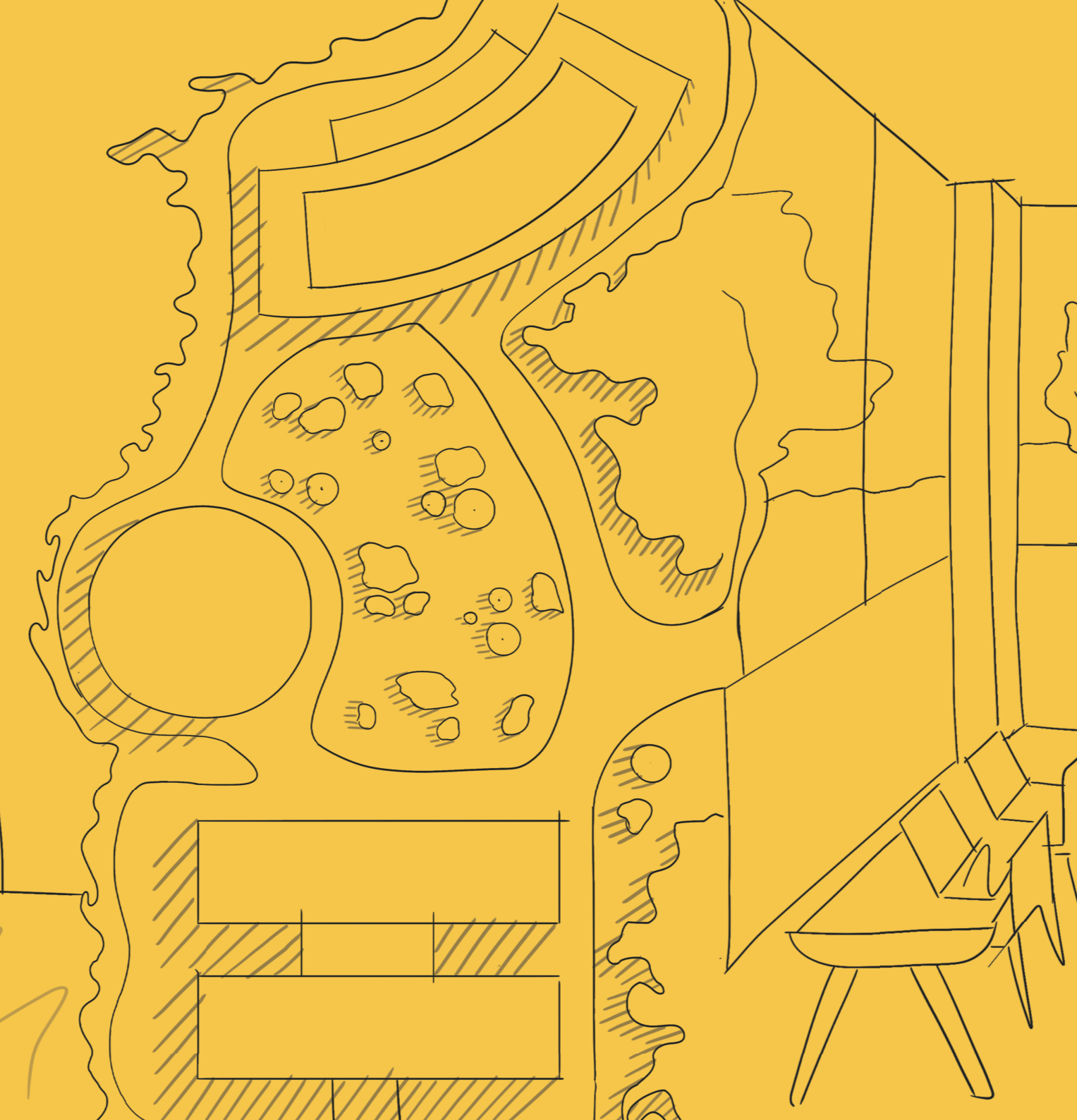


Fonte: Adaptado de Rosaneli (2015) apud Portal do Ministério da Educação (e-Mec).

É importante salientar que este número significa um salto na criação de cursos de Arquitetura e Urbanismo (em instituições públicas e privadas) na última década, ou seja, a oferta de cursos praticamente triplicou em quase dez anos (Gráfico 2).

Além do CAU-UNILA estar contextualizado nesta nova leva de cursos criados após a década de 2010, este vigoroso aumento justifica a análise das possíveis diferenças entre os ateliês de cursos mais tradicionais e recentes, e como estes ambientes impactam na vida dos estudantes.

A região foi escolhida como objeto de análise, pela viabilidade de pesquisa, bem como pelo aumento vigoroso da criação de cursos de Arquitetura e Urbanismo na última década.



MEDOTOLOGIA

2 METODOLOGIA

Na presente monografia foi utilizado o método de pesquisa mista, com finalidade de analisar os ateliês de Arquitetura e Urbanismo, inicialmente, de doze universidades do sul do Brasil partindo do mapeamento de instituições comunitárias e públicas, das quais cinco contribuíram para esta pesquisa ao final.

Foi utilizado como metodologia a revisão bibliográfica, o estudo de correlatos, entrevistas feitas através de questionário, bem como estudos de caso.

O estudo parte da revisão bibliográfica dos temas: neuroarquitetura, psicologia ambiental, e análise pós-ocupação. Para isso, serão utilizados conceitos de autoras como Vilma Villarouco, Gleice Elali, Zulmira Bomfim, Zenith Delabrida, Karla Ferreira, e outros que desenvolveram e seguem desenvolvendo pautas pertinentes ao tema.

Em concomitância com a discussão dos conceitos e embasamento teórico, foi feito o contato *online* com as universidades e definição de quais apoiariam os levantamentos. Com base nisso, foi desenvolvida uma análise

⁴ O questionário pode ser consultado na íntegra, no Apêndice A.

física dos ateliês (através de fotos, plantas e descrições) e uma análise subjetiva (sob o ponto de vista do usuário) — a partir de aplicação de questionários —.

O questionário⁴ é constituído por trinta e duas perguntas e foi aplicado através de recursos *online*. Foi feito um estudo piloto com um estudante e mais tarde os formulários foram efetivamente divulgados entre os outros acadêmicos. No total, a pesquisa foi enviada para cinco universidades, das quais três participaram e retornaram, ao todo, quarenta e nove respostas.

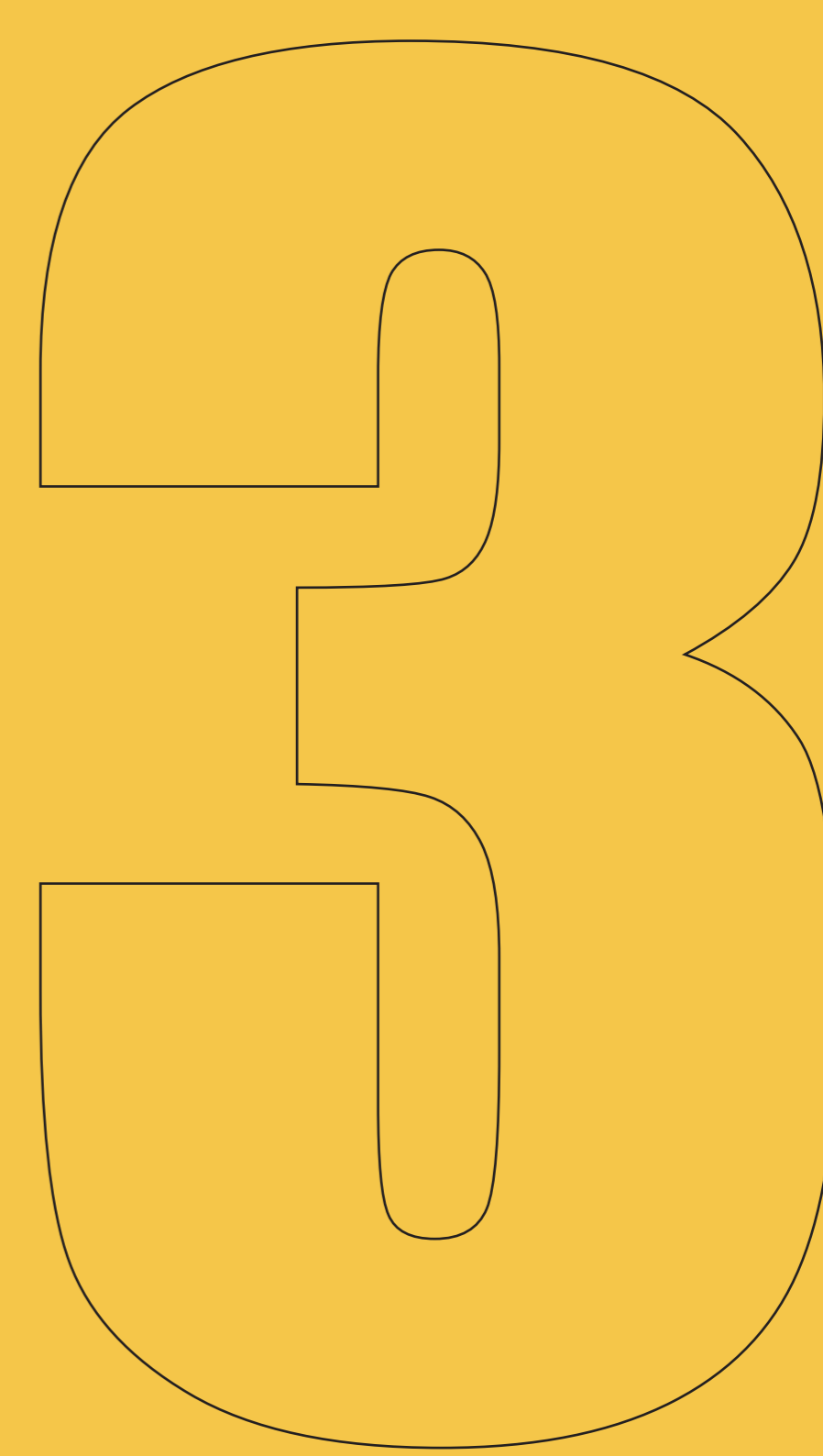
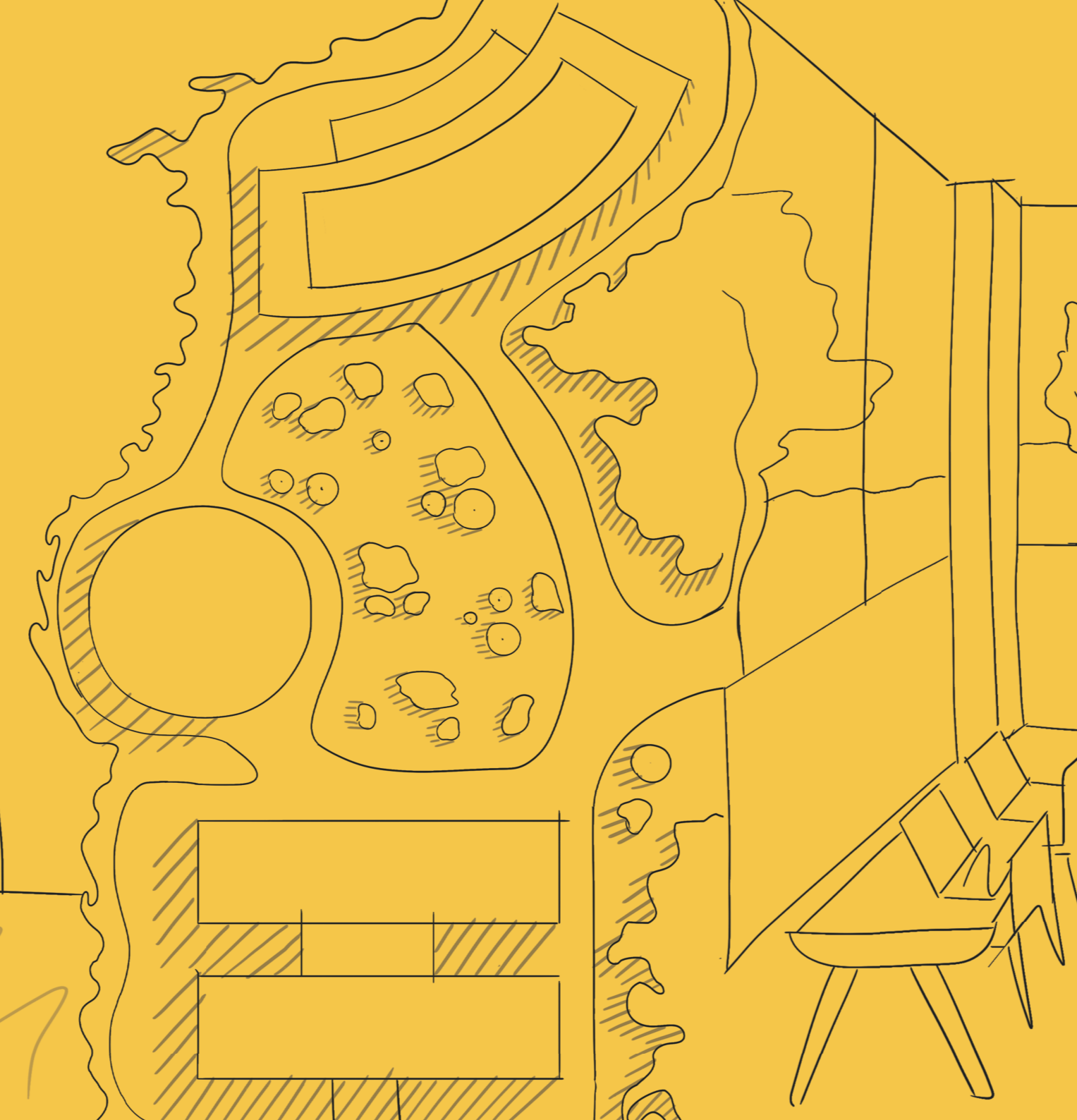
Posteriormente, foi feita a análise das respostas dos questionários com o intuito de entender quais aspectos colaboram e/ou prejudicam as relações de pertencimento e apropriação do espaço, bem como estes aspectos influenciam no processo de ensino-aprendizagem.

O estudo, por fim, teve como instrumentos de coleta de dados o estudo de caso e entrevista *online*. Após análise destes estudos, foram feitos apontamentos para criação de ateliês, a partir do cruzamento de informações dos levantamentos feitos com o referencial teórico.

Figura 2 - Organograma da metodologia de pesquisa.



Fonte: A autora, 2024.



REFERENCIAL TEÓRICO

3 REFERENCIAL TEÓRICO

A influência dos ambientes de ensino no processo de ensino-aprendizagem é uma interação que envolve muitos campos de estudo, neste trabalho serão usados como base a neurociência aplicada ao ambiente construído (neuroarquitetura), psicologia ambiental, sociologia, análise pós-ocupação e bases teóricas da educação.

A verdade é que a relação entre qualquer espaço construído e o ser humano é complexa e multidisciplinar. Quando esta análise é voltada ao ambiente de ensino, busca-se, por exemplo, teorias da educação para compreender a melhor forma de aprendizagem. No caso específico deste trabalho, a análise se volta ao ensino de adultos, que diferente das crianças, precisam de espaços e estímulos que visem despertar o interesse pelos tópicos a serem compreendidos.

A psicologia ambiental trata do “[...] estudo da transação entre o indivíduo e o ambiente físico (tanto

o ambiente natural quanto construído)”⁵. Essa relação envolve aspectos de percepção, compreensão e comportamento:

[...] o homem não possui apenas uma existência social, ele possui acima de tudo uma existência física. O homem onde quer que esteja, ocupa algum espaço, espaço esse que exige algumas propriedades especiais, como iluminação, ventilação, abrigo do sol e do calor, etc. ou a ausência disso, para que possa desenvolver as suas atividades e manter suas relações sociais num certo padrão. Caso o ambiente onde o indivíduo se encontra não atenda aos seus objetivos, ele tenderá a modificá-lo a fim de torná-lo congruente com suas necessidades.⁶

Inicialmente, para entendermos como as emoções podem afetar nossa percepção, compreensão e sentimento de pertencimento, é importante nos apropriarmos do conceito geográfico de “lugar”. A geografia humanista aborda de maneira diferente — da tradicional — este conceito:

[...] Pode-se concluir que na Geografia o conceito de lugar hoje ainda pode ter o sentido estrito de localização, mas que, desde a década de 1960, a partir de um aporte fenomenológico e da aproximação entre a ciência e o mundo da vida, o lugar pode

ser definido como um fenômeno complexo, transescalar, encarnado em nossa corporeidade e em nossas experiências cotidianas na Terra, no espaço geográfico, que nos sustenta. (Holzer, 2019, n.p)

Diferente do conceito geográfico, a psicologia ambiental enxerga o “lugar” como um território emocional, já que o espaço físico causa efeitos fisiológicos e emocionais.

[...] Na perspectiva do simbolismo do espaço, o lugar é visto como um território emocional, tornando-se, portanto, uma dimensão na construção de significados e na extensão da subjetividade dos indivíduos. As emoções podem ser muito úteis para a avaliação e transformação dos ambientes em sua dimensão ética quando se criam espaços de interesses e necessidades coletivas, ou mesmo quando se propicia a concretização de comportamentos ecologicamente responsáveis. (Bomfim, Delabrida e Ferreira, 2018, p. 60).

As autoras Bomfim, Delabrida e Ferreira (2018) destacam que os primeiros trabalhos relacionados aos estudos da relação pessoa-emoções-ambiente foram publicados por James A. Russell e outros colaboradores, os anos 80. Estes autores classificaram “três dimensões se-

mânticas básicas (dicotômicas)”: prazer/desprazer; excitação/não excitação e dominância/subserviência. Essas dimensões, mais tarde, seriam a base para identificação das emoções provocadas pelo contexto ambiental.

Bomfim, Delabrida e Ferreira (2018) ainda recordam que os autores (Russell e seus colaboradores) definiram que “(1) todo ambiente físico provoca emoções; (2) a avaliação afetiva do lugar influencia a escolha de onde ir e o que explorar no ambiente”. Por exemplo: o professor Roger S. Ulrich, comparou ambientes urbanos e naturais. Os ambientes naturais foram vistos como mais bonitos e prazerosos. Ter a visão de um ambiente natural através da janela de um hospital causa efeitos positivos na recuperação de um paciente, pois diminui a ansiedade e a dose de analgésicos. Esse efeito também pode ser percebido no ambiente educacional:

[...] O *Design Biofílico*⁷ aplicado aos ambientes educativos tem o poder de melhorar o desempenho acadêmico, aumentando a

⁵ MELO, Rosane Gabriele C. de. Psicologia ambiental: uma nova abordagem da psicologia. *Psicol. USP* [online]. 1991, vol.2, n.1-2, pp. 85-103. ISSN 1678-5177.

⁶ MELO, Rosane Gabriele C. de. Psicologia ambiental: uma nova abordagem da psicologia. *Psicol. USP* [online]. 1991, vol.2, n.1-2, pp. 85-103. ISSN 1678-5177.

⁷ O termo 'biofilia' é traduzido como 'amor às coisas vivas' no grego antigo (philia = amor a / inclinação a). [...] O princípio por trás da biofilia é bastante simples: conectar humanos com a natureza para melhorar o bem-estar. Fonte: STOUHI, Dima. "Os benefícios da biofilia para a arquitetura e os espaços interiores" [Bringing the Outdoors Inside: The Benefits of Biophilia in Architecture and Interior Spaces] 25 Mai 2022. **ArchDaily Brasil**. (Trad. Sbeghen Ghisleni, Camila) Acessado 31 Mar 2023. <<https://www.archdaily.com.br/br/927908/os-beneficios-da-biofilia-para-a-arquitetura-e-os-espacos-interiores>> ISSN 0719-8906

um ambiente físico confortável, para melhorar o rendimento acadêmico e profissional.

A neuroarquitetura se baseia em princípios da neurociência para estudar o ambiente construído, como este influencia seus usuários, ou seja, percebe a conexão entre o espaço físico e a percepção humana.

De acordo com Villarouco et. al (2021), o ambiente em que estamos inseridos constantemente nos bombardeia com informações, que muitas vezes não são compreendidas conscientemente: “Muito do que a neurociência nos mostra é que a consciência é uma parte pequena da vivência em um ambiente e grande parte do que experienciamos é impalpável até mesmo para nossa própria consideração.” (VILLAROUCO et al., 2021). Um ambiente de sala de aula bem projetado estimula áreas do cérebro associadas à concentração, criatividade e aprendizado.

Em consonância com as autoras Villarouco et. al (2021), a neuroarquitetura pode proporcionar projetos que consideram melhor o impacto na vida do usuário, porque ao interagirmos com um espaço, este nos

provoca sensações e nos geram impressões ligadas às emoções e à cognição. Para isso, é importante entender como se dá os processos de percepção e compreensão do espaço, bem como o processo de afetividade ambiental.

De acordo com Bomfim, Delabrida e Ferreira (2018), temos dois sistemas de pensamento: um rápido e um lento. O rápido é instintivo, funciona com quase nenhum esforço, de maneira involuntária e nunca se desliga. Segundo as autoras, esse sistema seria predominantemente comandado pelas emoções e responsável pelas nossas sensações. O lento é o responsável pelo raciocínio, exige escolha e é voluntário. Ou seja, de acordo com as autoras, o sistema rápido nos faz agir antes de pensar (portanto está mais propenso a erros) e, o lento, pensar antes de agir.

Conforme Villarouco et.al (2021), possuímos dois tipos de atenção: a focalizada (ou seletiva) e a dividida. A atenção focalizada consiste em ignorar os estímulos externos, ou seja, os sentidos trazem as informações, mas as áreas do cérebro que são responsáveis por inter-

pretá-las são inibidas. Já a atenção dividida é aquela em que não entramos em um estágio de concentração profunda, onde prestamos atenção a mais de um estímulo ao mesmo tempo (por exemplo, quando se está comendo e conversando ao mesmo tempo, ou quando se está dirigindo). A atenção dividida exige mais energia cerebral, com uma menor eficiência. Os sistemas intuitivos e a atenção, através dos sentidos, seriam os grandes responsáveis pela nossa percepção, inclusive a ambiental. O processo cerebral de aliar as informações recebidas às memórias individuais, nos dá uma percepção do espaço e nos faz identificar situações e espacialidades.

[...] Padrão é uma palavra essencial. Não se enxerga o mundo como ele é, mas sim como se aprendeu a ver. A percepção é então esse processo de colocar as informações dentro do que a memória permite reconhecer, unidas a fim de identificar situações de perigo, posicionamento espacial, reconhecimento de formas. (Villarouco et al., 2021, n.p)

VILLAROUCO et al. (2021) falam muito de constância em relação à percepção, ou seja, as informações variam mas o perceber é constante. Essa constância está relacionada à forma, tamanho e cor. Para entender

melhor, as autoras VILLAROUCO et al. (2021) expõem o exemplo da variação da luz do dia num cômodo qualquer. Por mais que a luz mude com o passar do dia, ainda somos capazes de reconhecer um ambiente por sua forma, cor (mesmo que os comprimentos de onda mudem), e/ou tamanho (variação de uma imagem em relação a nós mesmos).

Somos capazes de reconhecer os familiares e amigos, ainda que estejam com uma roupa ou maquiagem diferente. Somos capazes de discernir os tamanhos do desenho de um objeto a partir das linhas de perspectiva (ainda que não sejam explícitas) da paisagem ao fundo. Então, basicamente, é a percepção que dá sentido ao espaço, ainda que perceber um ambiente e compreendê-lo sejam noções diferentes.

A compreensão de um ambiente está relacionada à consciência. Segundo VILLAROUCO et al. (2021), a percepção, os sistemas intuitivos e a atenção exigem apenas uma pequena parcela do funcionamento. A consciência atua principalmente no processo de adequar-se a um ambiente, não necessariamente percebê-lo.

[...] Perceber não será o mesmo que compreender o que está acontecendo. Apenas uma pequena parte de todo conteúdo processado chegará a esse patamar. Cabe aqui diferenciar: usa-se o termo consciência, especialmente na neurociência médica, para identificar o nível de responsividade do cérebro aos estímulos ambientais. (Villarouco et al., 2021, n.p)

Mas por que as pessoas possuem reações diferentes aos mesmos espaços? “as reações humanas são conduzidas pela expectativa, pelo julgamento e pelos processos cognitivos de cada um de nós” (VILLAROUCO et al., 2021).

De acordo com VILLAROUCO et al. (2021), a atenção determina parcialmente o que é lembrado pela memória, porque as informações recebidas serão percebidas com mais ou menos detalhes. Parcialmente, porque as emoções também contribuem com uma parcela da memória de longo prazo. Alguns momentos podem ser mais relevantes para a atenção, porque as emoções são mais intensas. As autoras ainda ressaltam que a memória, por ser tão fortemente afetada pelas emoções, pode afetar a forma como reconhecemos os elementos ambientais e ao que eles remetem.

A Avaliação Pós-Ocupação (APO) também leva em consideração a experiência do usuário, na verdade, a coloca como um dos pontos focais para parâmetros de avaliação, já que avaliar o espaço através da perspectiva de quem o vive, valida a importância da opinião do usuário. De acordo com Doris Kowaltowski, na apresentação de Ono et. al (2018)¹⁰:

[...] O ser humano julga permanentemente o que está ao seu redor através da sua percepção, impactada por experiências, circunstâncias, necessidades, desejos e o próprio ambiente físico natural ou construído. [...] "a Arquitetura é impiedosa: é o que é, funciona ou não, e você pode ver e perceber claramente a diferença" [...] propiciar experiências espaciais prazerosas com projetos apropriados ao seu contexto, convidativos, e ambientalmente responsáveis, e que atendam às necessidades funcionais do ser humano. Sabemos, portanto, que avaliar é essencial para fechar um ciclo de processo de projeto de confirmação de que metas foram atingidas. [...] (APO) é um procedimento que contribui para a comprovação da correta aplicação de princípios e conceitos em processos de projeto, seja em arquitetura, no urbanismo ou no *design*.

A APO também foi levada em consideração para o desenvolvimento desta pesquisa, entretanto, é importante ressaltar que não foi utilizada como metodologia

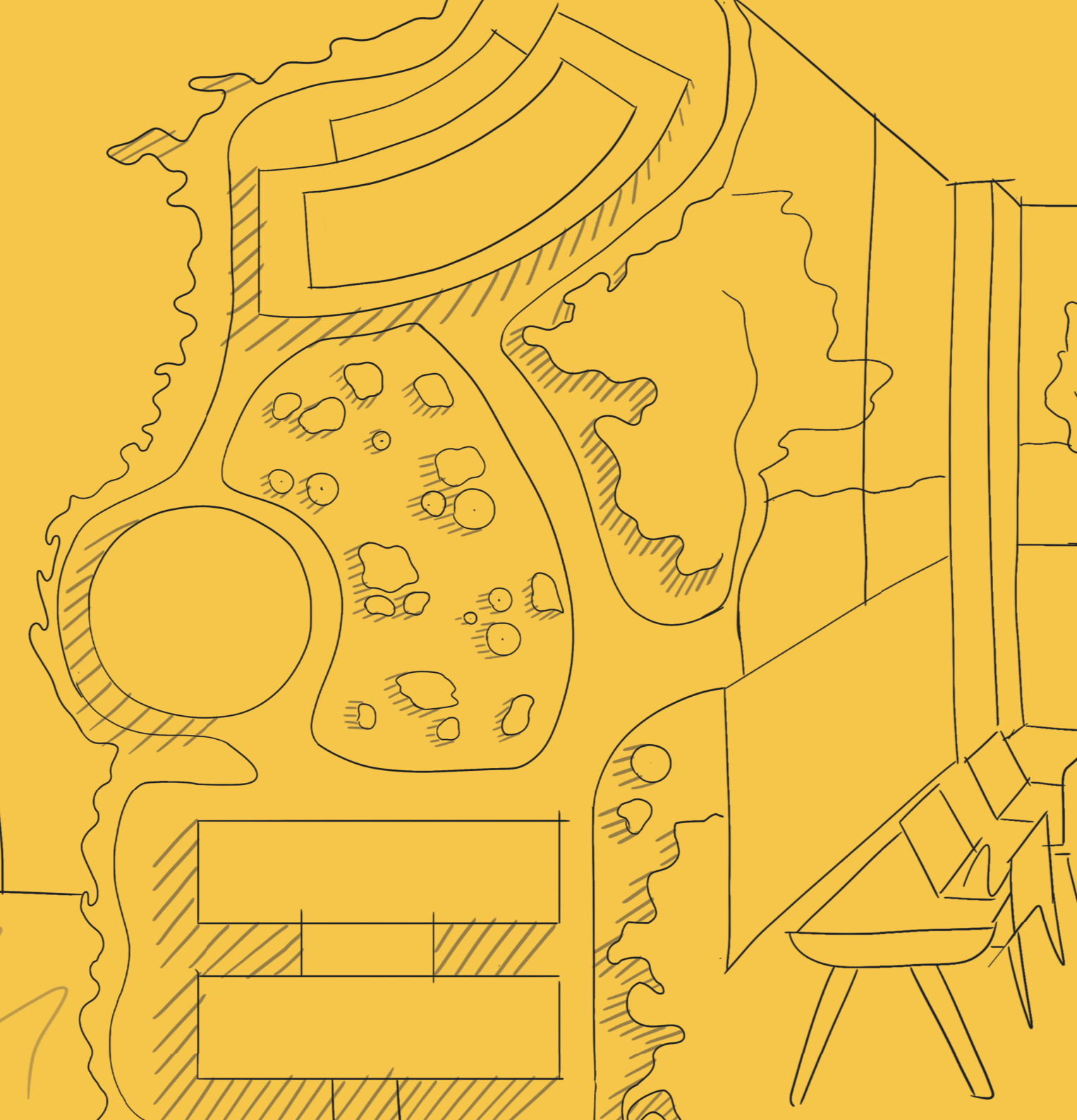
principal, visto que se apoia em parâmetros muito mais técnicos do espaço, enquanto o foco deste trabalho é, principalmente tratar da perspectiva emocional que o ambiente proporciona a quem o habita. A APO se baseia em normativas como a NBR 15575 que estabelece requisitos e critérios de desempenho para edificações habitacionais (Ono et al., 2018).

De acordo com Ono et.al (2018), este método avaliativo faz uso de três principais meios de contato com o usuário e sua experiência: entrevistas, métodos observacionais e o discurso do sujeito coletivo (DSC), que também se baseia em entrevistas, mas também aborda material verbal que esteja presente em artigos de jornais e revistas.

Ainda em consonância com Ono et al. (2018), a entrevista é utilizada para complementar ou confirmar dados já obtidos por outros meios.

Portanto, ao privilegiar o fator subjetivo, esta pesquisa busca ultrapassar o foco tão somente no desempenho normativo, mas também focar nas percepções e sentimentos que surgem com a vivência nos espaços.

10 ONO, Rosaria; ORNSTEIN, Sheila; VILLA, Simone; FRANÇA, Ana (org.). Avaliação Pós-Ocupação: Da Teoria à Prática. São Paulo: Oficina de Textos, 2018. 302 p. ISBN 978-85-7975-306-0.



ESTUDOS CORRELATIVOS

4 ESTUDOS CORRELATOS

Nesta seção serão abordadas universidades das cinco regiões do país, com o objetivo de demonstrar realidades de universidades tradicionais que são referência em todo o Brasil.

4.1 Universidade Federal da Bahia (UFBA)

De acordo com UFBA ([201-?])¹¹, a universidade foi fundada em 1877 por Miguel Navarro Canizares, mas foi em 1961 que o Campus Universitário foi criado e, apenas em 1965, as obras da nova sede da Faculdade de Arquitetura (FAUFBA) tiveram início. A FAUFBA teve seu projeto elaborado pelos professores Diógenes Rebouças, Américo Simas e Oscar Caetano Silva.

Nos dias de hoje, a universidade ainda é marcada pelo concreto aparente, grande projeto de paisagismo, espelhos d'água (Fig.4) e a estética modernista condizente com seu período de construção e claramente influenciada pelo trabalho de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer.

Entre seus espaços, a UFBA possui este auditório com elementos que permitem certa permeabilidade (Fig.5). Os tijolos são posicionados de tal forma que conversam com a ideia do cobogó, peça originalmente nordestina e inspirada nos muxarabis. É possível perceber através da imagem, a presença de árvores no ambiente externo. Portanto, este elemento implica tanto no conforto térmico, como no bem-estar proporcionado pelo contato com a natureza, que pode trazer ao usuário sensação de calma, sons de pássaros e até mesmo cheiros característicos do ambiente ao ar livre.

¹¹ UFBA. FAUFBA. **Histórico**. Bahia, Brasil, [201-?]. Disponível em: <https://arquitetura.ufba.br/pt-br/historico>. Acesso em: 8 set. 2024.



Figura 3 - Espaço externo da FAUFBA

Fonte: UFBA. FAUFBA. 27 abr. 2020. 1 Fotografia. A imagem foi retirada do vídeo, através de uma captura de tela. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VguXjck8o2g>. Acesso em: 8 set. 2024.



Figura 4 - Paisagismo e espelhos d'água FAUFBA

Fonte: FAUFBA. [Sem título] [201-?]. 1 Fotografia. Disponível em: <https://arquitetura.ufba.br/pt-br/historico>. Acesso em: 1 set. 2024.



Figura 5 - Uma tipologia de sala de aula.
Fonte: UFBA. FAUFBA. 27 abr. 2020. 1 Fotografia. A imagem foi retirada do vídeo, através de uma captura de tela.
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VguXjck8o2g>. Acesso em: 8 set. 2024.



Figura 6 - Detalhe de uma sala de aula da FAUFBA
Fonte: UFBA. FAUFBA. 27 abr. 2020. 1 Fotografia. A imagem foi retirada do vídeo, através de uma captura de tela.
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VguXjck8o2g>. Acesso em: 8 set. 2024.

4.2 Universidade Federal do Pará (UFPA)

De acordo com (UFPA, [201-?])¹², a Universidade Federal do Pará (UFPA), criada em 2 de julho de 1957, tem suas origens na consolidação de sete faculdades que já existiam desde o início do século XX. Essas faculdades, com histórias que remontam a instituições como a Faculdade Livre de Direito (1902), a Escola de Farmácia (1903) e a Escola Livre de Odontologia do Pará (1914), formaram a base para a criação da UFPA, que ao longo dos anos expandiu suas atividades e sua presença em várias regiões da Amazônia. Nos anos 1960, a instituição incorporou mais escolas, como a Escola de Química Industrial do Pará (1920) e a Escola de Serviço Social do Pará (1950), reforçando seu compromisso com a formação em diversas áreas do conhecimento. Desde então, a UFPA tem ampliado seu alcance, criando novas faculdades e unidades acadêmicas em diferentes cidades e estados da Amazônia, consolidando-se como um polo de educação superior na região.

A arquitetura da UFPA reflete uma forte inspiração modernista, remetendo à estética presente em outras universidades, como a UnB. O uso de lajes nervuradas (Fig.7 e Fig.8)

e a integração com jardins internos (Fig.9) criam uma relação direta com o conceito de biofilia, que valoriza a conexão dos usuários com a natureza. Essa estética arquitetônica contribui para a criação de espaços mais acolhedores e convidativos, onde o contato visual e físico com o ambiente natural favorece o bem-estar e a sensação de pertencimento.

O impacto desse tipo de arquitetura vai além do estético, pois a presença de elementos naturais dentro do campus reforça o ideal de sustentabilidade e de integração com o contexto amazônico. Em uma região como o Pará, onde a biodiversidade é uma característica marcante, a escolha de projetar espaços que dialoguem com o meio ambiente é uma estratégia poderosa, tanto do ponto de vista ecológico quanto social. A biofilia na UFPA permite que os usuários — estudantes, professores e funcionários — sintam-se conectados ao entorno, promovendo um ambiente que estimula não apenas a interação acadêmica, mas também o respeito e a valorização do ambiente natural.

Além disso, o uso de lajes nervuradas destaca a eficiência estrutural e a estética limpa, características fundamentais da arquitetura modernista. Esse recurso permite a criação de am-

¹² UFPA. **Histórico**. [S. l.], [201-?]. Disponível em: <https://ufpa.br/historico/>. Acesso em: 28 set. 2024.

Figura 7 - Saguão FAU UFPA.

Fonte: FAU UFPA. [Sem título] 2013. 1 Fotografia. Disponível em: <https://fauufpa.org/2013/01/26/postagem-2-000-tarde-na-fau-de-arthur-loureiro/>. Acesso em: 1 set. 2024.





Figura 8 - Mural para exposições.

Fonte: FAU UFPA. **Distopia**: Exposicao de desenhos dos calouros da FAU. 2018. 1 Fotografia. Disponível em: <https://fauufpa.org/2018/07/05/distopia-exposicao-de-desenhos-dos-calouros-da-fau/>. Acesso em: 1 set. 2024.

bientes amplos e iluminados, que favorecem a circulação e o convívio entre os usuários. A UFPA, com essa concepção arquitetônica, transcende a função meramente educativa, assumindo um papel de referência na promoção de uma arquitetura integrada ao ambiente e ao bem-estar dos seus frequentadores.



Figura 9 - Paisagismo FAU UFPA.

Fonte: FAUUFPA. [Sem título] [201-?]. 1 Fotografia. Disponível em: <https://fauufpa.org/page/203/?archives-list=1&=1>. Acesso em: 1 set. 2024.

4.3 Universidade de São Paulo (USP)

De acordo com Fracalossi (2011)¹³, a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), projetada por João Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi em 1961, é uma obra emblemática da arquitetura modernista brasileira. Inaugurada em 1969, a edificação reflete os ideais de liberdade e integração defendidos pelos arquitetos — principalmente por Artigas —, ao criar um espaço que rompe com os modelos tradicionais de ensino. Localizada em São Paulo, a FAU-USP se destaca por seu projeto inovador, com ambientes amplos e interconectados, projetados para promover a convivência e a troca de ideias entre estudantes e professores.

Segundo Fracalossi (2011), o projeto de Artigas expressa uma clara intenção de criar continuidade espacial por meio de um projeto que elimina barreiras físicas evidentes entre os diferentes pavimentos e ambientes. A organização espacial, com suas rampas suaves que conectam os seis pavimentos, gera a impressão de um único plano contínuo, onde as divisões entre os espaços não segmentam, mas indicam usos variados:

[...] Os seis pavimentos, ligados por suaves e amplas rampas de inclinações variáveis, dão a sensação de um só plano. Todos os espaços do prédio encontram-se fisicamente interligados: as divisões utilizadas para separá-los não os seccionam de fato, apenas marcam diferenças de usos e funções. (Fracalossi, 2011, n.p.)

Essa concepção arquitetônica não apenas facilita a comunicação entre os setores, mas também reforça um ideal de vida comunitária, onde a convivência e a colaboração entre os usuários são essenciais. A ausência de portas de entrada e a flexibilidade dos espaços simbolizam uma abordagem democrática, onde o ambiente é aberto e acessível a todos, refletindo os princípios de liberdade e igualdade que Artigas desejava transparecer.

Além disso, a estrutura do edifício é alinhada à pedagogia de ensino de Arquitetura defendida por Artigas, que valoriza a integração entre arte, técnicas industriais e atividades manuais, em uma formação ampla e completa, inspirada na filosofia da Bauhaus.



Figura 10 - Um dos modelos de ateliê da FAU USP.

¹³ FRACALOSSO, Igor. "Clássicos da Arquitetura: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP) / João Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi" 07 Dez 2011. **ArchDaily Brasil**. Acessado 31 Mar 2023. <<https://www.archdaily.com.br/br/01-12942/classicos-da-arquitetura-faculdade-de-arquitetura-e-urbanismo-da-universidade-de-sao-paulo-fau-usp-joao-vilanova-artigas-e-carlos-cascaldi>> ISSN 0719-8906

Fonte: FAU USP. [Sem título] 2022. 1 Fotografia. Disponível em: https://www.fau.usp.br/wp-content/uploads/2022/04/Levantamento_Fotos-das-salas-de-aula-e-estudios-14_04_2022.pdf. Acesso em: 30 mar. 2023.



Figura 11 - Um dos modelos de ateliê da FAU USP.

Fonte: FAU USP. [Sem título] 2022. 1 Fotografia. Disponível em: https://www.fau.usp.br/wp-content/uploads/2022/04/Levantamento_Fotos-das-salas-de-aula-e-estudios-14_04_2022.pdf. Acesso em: 30 mar. 2023.

[...] A escola é concebida como um grande laboratório de ensaios, que articula arte, técnicas industriais e atividades artesanais, em um espírito de formação ampla para um profissional completo, de acordo com a filosofia da Bauhaus. As ideias de desenho e projeto estruturam o curso, que se desenvolve em torno do estúdio ou ateliê, pensados como espaços de aula e também de discussão. (Fracalossi, 2011, n.p.)

Ou seja, o "estúdio ou ateliê" é posicionado como o centro do aprendizado, funcionando não apenas como um espaço de ensino, mas também como um local para debates e discussões, enfatizando a formação crítica do(a) arquiteto(a). Os ambientes compartilhados, como oficinas, bibliotecas, auditórios e espaços de convivência, são projetados para promover o aprendizado coletivo e político, destacando a importância da tomada de decisões em conjunto, reforçando a ideia de que o processo pedagógico é uma construção democrática e participativa.

4.4 Universidade de Brasília (UnB)

De acordo com UNB ([201-?])¹⁴, a Universidade de Brasília (UnB) foi inaugurada em 21 de abril de 1962, apenas dois anos após a fundação da capital federal, com o objetivo ambicioso de transformar a educação superior no Brasil. Desde o início, a UnB se propôs a ser uma instituição inovadora, que integrasse diversas formas de conhecimento e formasse profissionais comprometidos com o desenvolvimento social e político do país.

Ainda em concordância com UNB ([201-?]), a universidade foi pensada como um espaço de mudança e experimentação, onde o ensino seria entrelaçado com a pesquisa e a extensão, rompendo com os modelos tradicionais de ensino superior.

Em concomitância com UNB ([201-?]), a concepção da UnB resultou da colaboração de grandes pensadores brasileiros. O antropólogo Darcy Ribeiro foi o responsável por delinear os princípios institucionais da universidade, enquanto o educador Anísio Teixeira desenhou um modelo pedagógico inovador, que privilegiava a interdisciplinaridade.

Para materializar essas ideias em concreto, o arquiteto

Oscar Niemeyer foi chamado a projetar os edifícios do campus, trazendo sua marca modernista e criando espaços que simbolizavam a abertura e o dinamismo da proposta acadêmica da UnB.

A configuração dos espaços de trabalho com fechamentos parciais é uma estratégia que promove uma sensação de abertura e integração no ambiente. Ao permitir que esses espaços sejam visualmente acessíveis a partir do andar superior, cria-se uma atmosfera de transparência que favorece a circulação das ideias e incentiva a troca entre os usuários. Essa permeabilidade visual também estimula a interação entre diferentes níveis do edifício, proporcionando uma conexão mais fluida entre as atividades que ocorrem em diferentes áreas.

Essa escolha arquitetônica é positiva, pois elimina a sensação de confinamento comum em espaços fechados pequenos, permitindo que os estudantes e profissionais se sintam parte de um ambiente mais amplo e colaborativo. A abertura constante dos espaços reforça um dinamismo que é essencial para ambientes criativos, como ateliês de Arquitetura e Urbanismo, onde o fluxo de comunicação é tão importante quanto

¹⁴ UNB. **História**. [S. l.], [201-?]. Disponível em: <https://www.unb.br/a-unb/historia>. Acesso em: 31 mar. 2023.



Figura 12 - Visão geral FAU UnB. STEPHAN, Ítalo. [Sem título] 2015. 1 Fotografia. Disponível em: <https://italos-tephanarquitecto.blogspot.com/2015/05/>. Acesso em: 1 out. 2024.

o próprio espaço físico. Além disso, essa permeabilidade pode contribuir para a sensação de pertencimento e coletividade, uma vez que os usuários compartilham, ainda que de forma visual, os processos e atividades uns dos outros, criando um senso de comunidade.

No entanto, um ponto a ser considerado é que essa abertura constante pode, em alguns casos, gerar distrações ou comprometer a concentração, dependendo da natureza da atividade desenvolvida.

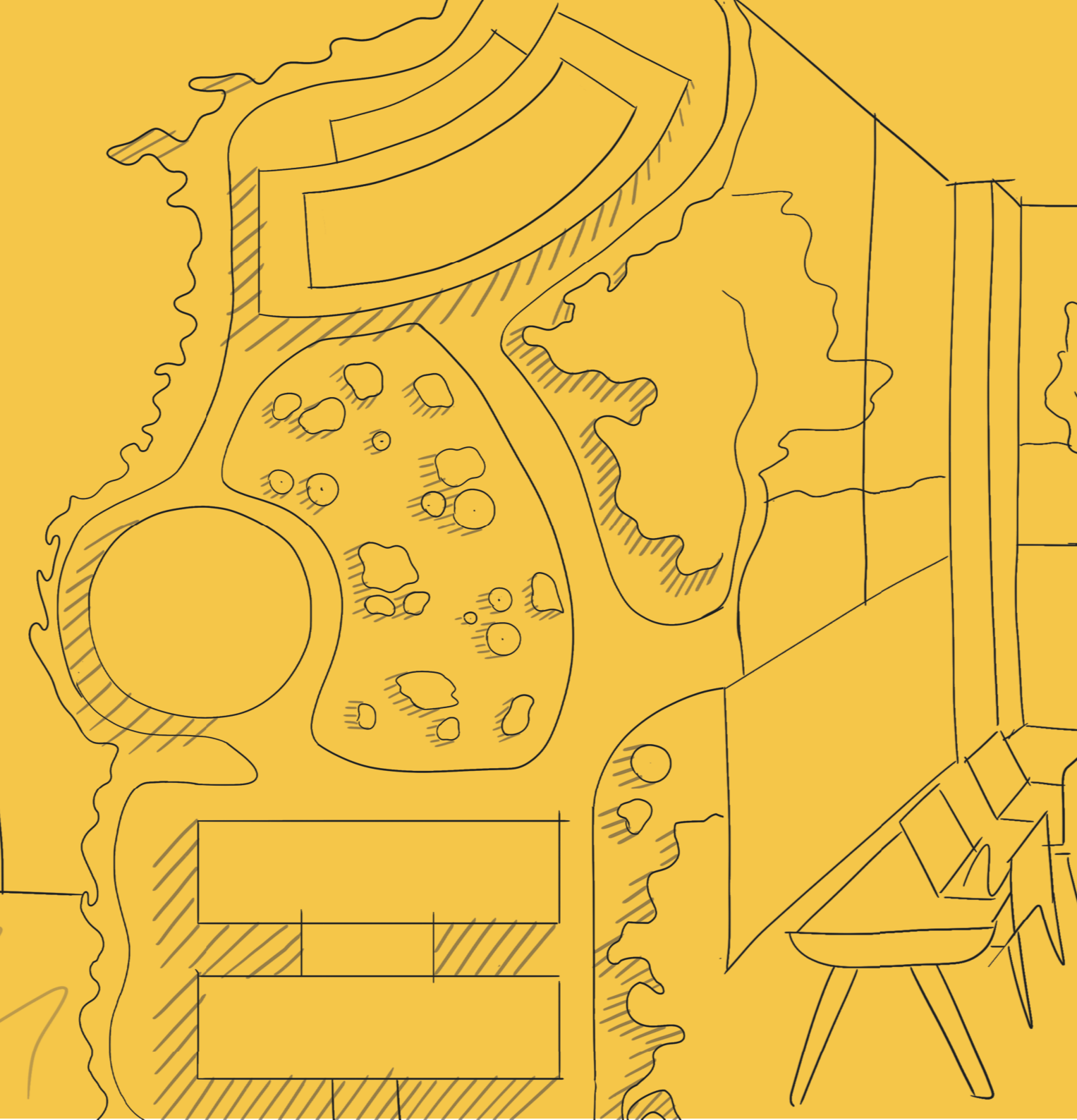
Apesar disso, os benefícios que a permeabilidade proporciona em termos de interação, visibilidade e transparência superam esse potencial problema, fazendo com que a escolha de fechamentos parciais seja uma solução eficaz para ambientes que priorizam a colaboração e o dinamismo.



Figura 13 - Outra perspectiva do uso do espaço
Fonte: A autora, 2023.



Figura 14 - Outra perspectiva do espaço da FAU UnB.
STEPHAN, Ítalo. [Sem título] 2015. 1 Fotografia. Disponível em: <https://italos-tephanarquitecto.blogspot.com/2015/05/>. Acesso em: 1 out. 2024.



DESENVOLVIMENTO

O desenvolvimento da presente pesquisa se dá em alguns momentos: capítulo destinado a entender o que é um ateliê apresentação dos ateliês da UNILA e uma autoetnografia das vivências da autora, estudos de caso, onde serão analisados os aspectos físicos dos ateliês; análise dos questionários respondidos pelos(as) estudantes que frequentam os espaços, a fim de avaliar aspectos subjetivos; e por fim, criação de proposições para a construção de ambientes de ensino com características mais pedagógicas que possam influenciar positivamente no processo de ensino-aprendizagem.

5.1 O ATELIÊ DE ARQUITETURA E URBANISMO

Se projetar é um dos principais ofícios de um(a) arquiteto(a) e urbanista, o ateliê é seu lugar de segurança durante a graduação. O ateliê serve como um verdadeiro laboratório para experimentar e aplicar conhecimentos teóricos e práticos, ou seja, é o espaço onde o estudante pode e deve errar, desistir e começar tudo outra vez. De acordo com Projetar (2018, n.p *apud* Andrade, 2011, n.p), o ateliê é:

[...] o centro de toda escola de arquitetura, em torno do qual acontece o encontro entre os sujeitos da aprendizagem e seu objeto. É o locus que abriga a relação entre o estudante e o professor: seu objetivo é a fabricação, como conhecimento em construção, do processo de projeto.

Esse ambiente é muito mais que uma sala de aula convencional; ele se destaca por ser um espaço de produção contínua e colaborativa, além de influenciar diretamente o processo pedagógico e o envolvimento dos estudantes. Projetar (2018 *apud* Vidigal 2010, p. 23) descreve essa singularidade:

[...] desde o espaço físico da sala de aula de projeto – o ateliê (ou estúdio) possuidor de características distintas das salas de aula do ensino tradicional e que o qualificam como espaço de produção – até os procedimentos didáticos das aulas, baseadas nos atendimentos e no trabalho dos estudantes sobre determinados exercícios de projeto, têm qualidades distintas das atividades de ensino convencionais”.

A infraestrutura do ateliê tem um impacto direto na qualidade do aprendizado, influenciando tanto os métodos de ensino adotados pelos professores quanto o engajamento dos estudantes. Como destaca Projetar (2018, n.p):

[...] acredita-se que a infraestrutura disponibilizada influencia diretamente nos métodos que são adotados pelo docente, uma vez que a depender dos equipamentos disponíveis, por exemplo, este terá que readequar as estratégias planejadas. Além disso, a infraestrutura também pode interferir na permanência do estudante no ateliê, em horário de aula ou não.

Essa relação entre espaço físico e prática pedagógica levanta uma reflexão: até que ponto a falta de infraestrutura adequada limita o potencial criativo e intelectual dos estudantes? Dessa forma, o ateliê não é apenas um espaço físico, mas uma parte essencial da formação do(a) arquiteto(a), impactando diretamente o



Figura 15 - Cotidiano de trabalho em ateliê CAU-UNILA.
Fonte: A autora, 2023.

desenvolvimento de sua criatividade, resiliência e capacidade de adaptação.

Um ateliê deve oferecer possibilidades e não limitações. É praticamente impossível ter tudo à disposição, dadas as diversas variáveis que isso abarca, porém ao observarmos puramente o ambiente, o ateliê deveria proporcionar oportunidades em questão de mobiliário, iluminação, materiais e tecnologia. Tentar proporcionar o máximo de experimentação possível. Afinal, esta não é sua finalidade?

5.2 A UNILA E A EXPERIÊNCIA DE ESPAÇOS PROVISÓRIOS: UMA AUTOETNOGRAFIA

5.2.1 Uma autoetnografia

Após três anos de ensino médio no IFPR (Instituto Federal do Paraná), estudando um curso técnico com o

qual não me identifiquei — mas que tinha ótima infraestrutura —, resolvi tirar um ano para estudar para o ENEM¹⁵ e ingressar na faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UNILA. Em 2017, comecei minha jornada no curso.

A primeira impressão que tive foi, na verdade, um choque de realidade. O espaço e a estrutura física do curso eram extremamente diferentes do ambiente que frequentei durante o ensino médio. Porém, eu estava empolgada demais para me preocupar com isso.

Enquanto estive no IFPR, vivi em um campus que não era perfeito (foi adaptado de um antigo clube da cidade), mas que era muito arborizado e contava com excelente infraestrutura básica, como ar-condicionado, tomadas, computadores, projetores, lousa interativa, cadeiras estofadas, diversos laboratórios devidamente equipados, além de quadras poliesportivas (não tão bem cuidadas, é verdade). Havia tanto contato com a natureza que era

¹⁵ O Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) foi instituído em 1998, com o objetivo de avaliar o desempenho escolar dos estudantes ao término da educação básica. [...] As notas do Enem podem ser usadas para acesso ao Sistema de Seleção Unificada (Sisu) e ao Programa Universidade para Todos (ProUni).[...] Os resultados do Enem possibilitam, ainda, o desenvolvimento de estudos e indicadores educacionais. [...] Os participantes fazem provas de quatro áreas de conhecimento: linguagens, códigos e suas tecnologias; ciências humanas e suas tecnologias; ciências da natureza e suas tecnologias; e matemática e suas tecnologias, que ao todo somam 180 questões objetivas. Os participantes também são avaliados por meio de uma redação, que exige o desenvolvimento de um texto dissertativo-argumentativo a partir de uma situação-problema. Fonte: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). **Enem: Sua porta de entrada para o ensino superior:** Apresentação. [S. l.], [201-?]. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/enem>. Acesso em: 22 set. 2024.

possível fazer piqueniques, descansar na grama no horário de almoço e até colocar redes entre as árvores.

Era um campus que ainda tinha muito a melhorar, mas atendia às necessidades básicas dos estudantes. Não vou entrar no mérito das padronizações rígidas das edificações dos Institutos Federais ao redor do Brasil, já que não é meu objeto de estudo. No entanto, para as atividades que vivenciei, o ambiente em que o campus estava alocado oferecia muitas possibilidades.

Ao chegar no Bloco Antigo Refeitório (BAR), carregando todos os meus preconceitos, me deparei com algo com o qual nunca tinha tido contato antes: a apropriação do espaço. Confesso que, imediatamente, não me identifiquei com o lugar que frequentaria nos próximos sete anos. Acredito que parte disso se deveu muito à rigidez das outras experiências de ensino. Ao longo da minha jornada como estudante, não era permitido nenhum tipo de expressão no espaço físico, salvo aquelas propostas pelos professores e ligadas às disciplinas.

É importante citar que não só a apropriação do espaço me surpreendeu, mas também as adaptações feitas

para transformar o ambiente em salas que atendessem minimamente às necessidades do curso, bem como a desorganização do lugar.

Além disso, a localização do curso de Arquitetura e Urbanismo da UNILA apresenta suas particularidades. Diferentemente dos outros cursos, que estão espalhados por diversos campus da universidade, Arquitetura e Urbanismo é alocado no Itaipu Parquetec. O Parquetec é o único campus da UNILA com acesso restrito, por estar dentro da Usina de Itaipu (Fig.16). O acesso exige passar por uma barreira de controle, onde até mesmo dispositivos eletrônicos, como *notebooks*, precisam ser registrados. Esse controle constante e o isolamento geográfico reforçam a sensação de separação em relação aos demais cursos da UNILA e também ao resto da cidade.

O Bloco Antigo Refeitório (BAR), onde as atividades do curso acontecem, fica ainda mais isolado. Inicialmente, o BAR era um espaço exclusivamente destinado ao curso de Arquitetura, mas, com o passar do tempo, laboratórios de outros cursos começaram a ocupar a mesma edificação, o que ampliou a complexidade da utiliza-



Figura 16 - Saguão Central do Bloco Antigo Refeitório (BAR). Fonte: A autora, 2024.



Figura 17 - Bloco Administrativo IFPR - Campus Foz do Iguaçu.

Fonte: MURAL DO PARANÁ. [Sem título] [201-?]. 1 Fotografia. Disponível em: <https://muraldoparana.com.br/ifpr-inaugura-bloco-de-laboratorios-em-foz-do-iguacu/>. Acesso em: 2 out. 2024.



Figura 18 - Tarde de estudos na biblioteca (em rosa, no centro da imagem, a autora) Fonte: FLICKR IFPR. 2012 - Biblioteca do campus no Bloco Didático. 2018. 1 Fotografia. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/ifpr-foz/44894100561/in/photostream/>. Acesso em: 2 out. 2024.



Figura 19 - Últimos dia do último ano do ensino médio em 2014 (dia em que foi enterrada a cápsula do tempo da turma) Fonte: FLICKR IFPR. 2015 Cápsula do Tempo. 2018. 1 Fotografia. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/ifpr-foz/29957399667/>. Acesso em: 2 out. 2024.

ção do espaço. Esse distanciamento físico e o constante controle no acesso adicionaram uma camada extra de dificuldade ao cotidiano do curso.

No entanto, a realidade que se apresentou ao longo dos anos foi muito mais complexa. Tranquei o curso por duas vezes, achando que havia feito a escolha de carreira errada e também por questões de saúde mental. A sensação de que eu não me encaixava no curso foi intensa em alguns momentos, mas aprendi a lidar com isso ao longo dos anos, já que desistir não era uma opção.

Essa sensação foi acalmada durante a pandemia de 2020, que trouxe outros desafios. A UNILA ficou um ano sem aulas e foi um tempo muito importante para colocar as ideias (com relação à minha formação) no lugar, apesar de estar constantemente rodeada por medo e notícias de mortes em massa.

A formação, que já não era simples, tornou-se à distância, pois no ano seguinte a universidade aderiu ao modelo remoto de ensino e, mais uma vez, todos nós tivemos que nos reinventar. De forma geral, consegui me adaptar relativamente bem ao modelo remoto, mas mui-

tos colegas não tiveram a mesma experiência. Muitos trancaram o curso ou até desistiram completamente de sua formação.

O que inicialmente me causou desconforto foi se transformando em uma oportunidade de repensar o uso do espaço e, mais do que isso, em uma lição sobre flexibilidade e resiliência.

Como já mencionei anteriormente, o perfil do estudante de Arquitetura é bastante multidisciplinar, e este é um fator que, a meu ver, favorece nossa adaptação ao espaço. Por um bom período, ficamos sem cortinas no BAR, e, em determinadas horas do dia, essa condição dificultava enxergarmos bem as projeções. Por isso, foi colocado papel pardo nas janelas. Não temos um espaço comum para interação, então, em uma das disciplinas, foi projetado um mobiliário com banco e mesa (Fig. 20) para minimizar essa necessidade. As necessidades podem ser percebidas por meio das adaptações. Acredito fortemente que se estas condições fossem aplicadas a outros cursos, talvez não houvesse tamanha capacidade de adaptação, mas reforço que, ao meu ver, essa adaptação não deveria ser necessária, mas condições mínimas de infraestrutura para apre-



Figura 20 - Recepção de Calouros 2023, no Ateliê 12.
Fonte: CACAU UNILA (Centro Acadêmico do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UNILA). Recepção de Calouros 2023. Nota: Destaque para o pé direito do ateliê (neste caso, o ateliê 12) e as adaptações do espaço (fechamentos, projeção e iluminação). Disponível em: https://www.instagram.com/p/CumZltGumf-j/?img_index=1. Acesso em 26 out. 2024.

dizagem não estão sendo oferecidas.

Por longos sete anos, vivi o dia a dia no Bloco Antigo Refeitório (BAR): os momentos em que o ar-condicionado não funcionava; quando não tínhamos controles para ligar os projetores e, para isso, usávamos varões de cortina; a época em que ficamos sem cortinas; ou as constantes "brigas" para conseguir um espaço na tomada e carregar o computador. Mesmo percebendo esses problemas frequentes no cotidiano, chega um momento em que parecemos nos tornar indiferentes a essas situações. No entanto, enxerguei nesta monografia a oportunidade de amplificar a voz dos meus colegas e do meu curso.

A verdade é que as limitações do espaço onde estudei não me faziam querer permanecer. Eu ficava apenas para as aulas e atividades extremamente necessárias, e, sempre que possível, desenvolvia meus trabalhos e projetos em casa, no meu lugar de aconchego. No fundo, o BAR nunca foi um lugar que me transmitiu essa sensação.

Porém, o espaço, embora limitado em suas condições físicas, sempre ofereceu uma oportunidade para a troca de ideias, para a diversidade cultural e para uma aprendizagem que ultrapassa as paredes das salas de aula, justamente pela ex-

periência internacional que a proposta da universidade oferece.

Com o tempo, senti que a formação acadêmica é, em grande parte, moldada pelo ambiente, além de outros fatores, claro. Mas os meus colegas também sentiam as minhas dores com relação ao nosso espaço? Será que todas as universidades passam por isso ou é só porque a UNILA é uma instituição muito nova? A partir daí surgiu meu objeto de estudo.

5.2.2 Os Espaços Provisórios

A Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) foi fundada em 2010, na cidade de Foz do Iguaçu (PR), na tríplice fronteira entre Argentina, Brasil e Paraguai (Fig.21). Até os dias de hoje, quatorze anos após sua fundação oficial, a UNILA luta para estabelecer-se fisicamente na cidade.

Entre idas e vindas, hoje a Universidade conta quatro campus oficiais (espaços alugados à Itaipu do Itaipu Parquetec, Campus Integração (CI), Jardim Universitário (JU) e Campus Almada), além do Campus Arandu, recentemente batizado, que estava com suas obras paradas desde 2014 devido à questões financeiras, e possui previsão de retomada de construção.

Os espaços do Parquetec e do JU foram os primeiros

a abrigar a UNILA. O Campus Integração teve sua construção recentemente finalizada e trata-se do primeiro espaço próprio da Universidade, já que os outros são alugados.

O Campus Arandu é o último projeto desenvolvido por Oscar Niemeyer (em 2012) e a promessa de uma Universidade fisicamente unida (apesar de algumas problemáticas que o envolvem). O espaço ainda representa um sonho coletivo, que eu, por exemplo, idealizo para os futuros estudantes, já que não serei capaz de usufruir durante a minha graduação. De acordo com Costa (2024)¹⁶, este campus está sendo construído em terreno doado pela Itaipu Binacional e contará com investimentos de pouco mais de R\$750 milhões, também provenientes da Hidrelétrica.

Em concordância com Angileli, *et al.* (2021)¹⁷, o projeto do Campus Arandu revela contradições marcantes quando comparado à sua missão institucional de integração e desenvolvimento regional.

As autoras Angileli *et al.* (2021) ressaltam que embora a universidade tenha sido idealizada como um espaço de inclusão e diversidade, o projeto arquitetônico original, adota uma abordagem monumentalista que, frequentemente se distancia das necessidades práticas da comunidade acadêmica. Essa desconexão entre a infraestrutura planejada e os valores institucionais evidencia um desalinhamento entre o espaço físico e a proposta de promover a integração latino-americana.

Ainda de acordo com as autoras Angileli *et al.* (2021), a dependência de espaços alugados no Itaipu Parquetec limita a autonomia da UNILA, impondo restrições ao uso integral do campus. Isso impacta diretamente a realização das atividades acadêmicas e dificulta a criação de um ambiente verdadeiramente colaborativo e inclusivo.

A ausência de uma infraestrutura adequada se apresenta como um obstáculo significativo ao desenvolvimento da universidade, especialmente em um contexto complexo como o



Mapa 2 - Mapa temático localização da UNILA. S/E. Fonte: A autora, 2024.



Legenda

- Ponto de ônibus / Parada de Autobus / Bus stop
- Ambulatório / Infirmary
- Estacionamento / Estacionamiento / Parking lot
- Restaurante
- Biblioteca Paulo Freire / Library
- Edifício das Águas / Water Building
- Polo Astronômico / Astronomical Pole
- Nandeva
- Salas Mercosul / Mercosul Rooms
- Cineteatro / Movie Theater
- B2 Restaurante / Restaurant
- B3 Centro de Serviços e Ambulatório / Service Center and Infirmary
- B4 Coordenação da Unila / Unila Coordinator
- B5 Coordenação da Unioeste / Unioeste Coordinator
- B6 Espaço Acadêmico / Academic Space
- B7 Espaço Acadêmico / Academic Space
- B8 UAB / Espaço do Barrageiro / UAB / Dam Worker space
- B9 Espaço Acadêmico / Academic Space
- B10 PTI Administração / PTI Administrative Headquarters
- B11 Espaço Acadêmico / Academic Space
- B12 Espaço Acadêmico / Academic Space
- B13 Espaço de Eventos / César Lattes e Florestan F. / Espaço para Eventos / Events Area
- B14 Logística / Estación de Logística / Logistics
- B15 Estação Ciências / Science Station

Mapa 3 - Mapa temático localização do BAR no Itaipu Parquetec. S/E. Fonte: Adaptado de UNILA. Mapa PTI. 2014. 1 Mapa. Disponível em: https://portal.unila.edu.br/estudantes/MAPA_PTI_2014ORIGINAL.png/view. Acesso em: 13 set. 2024.

¹⁶ COSTA, Flavio. Itaipu vai destinar R\$ 752 milhões para terminar obra de universidade iniciada por Lula no Paraná. *Gazeta do Povo*, [S. l.], 12 mar. 2024. Paraná. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/parana/itaipu-recursos-obra-unila-iniciada-por-lula-parana/#:~:text=Tem%204.241.,tem%20apenas%20um%20pr%C3%A9dio%20pr%C3%B3prio>. Acesso em: 19 jun. 2024.

¹⁷ ANGILELI, Cecília; ZANDONADE, Patricia; KOULIOUMBA, Stamatia. As contradições entre o projeto do Campus Universitário da UNILA e sua missão institucional. *Projectare: Revista de Arquitetura e Urbanismo*, [S. l.], v. 1, ed. 11, p. 31-52, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/Projectare/issue/view/1072>. Acesso em: 25 set. 2024.

Figura 23 - Espaço do Bloco Antigo Refeitório, em seu uso original, na época de construção da Hidrelétrica de Itaipu. Fonte: 3C ARQUITETURA. Refeitório B 1979. [201-?]. 1 Fotografia. Disponível em: http://www.3c.arq.br/portfolio/036_ref/. Acesso em: 30 mar. 2023.



da região trinacional de Foz do Iguaçu, que enfrenta desafios econômicos, sociais e políticos.

Segundo Angileli *et al.* (2021), a elaboração de um Plano Diretor Participativo de Espaço Físico, embora uma iniciativa louvável, destinada a envolver a comunidade acadêmica na definição de prioridades, ainda carece de um alinhamento efetivo entre o espaço físico e a missão institucional (Ver Apêndice B).

Para que a UNILA se aproprie plenamente do seu papel de transformação social e educacional na região, é fundamental que haja uma convergência mais profunda entre a infraestrutura disponível e os valores que a universidade busca promover.

Atualmente, os espaços do curso de Arquitetura e Urbanismo estão alocados provisoriamente no Itaipu Parquetec e estão intrinsecamente ligados aos espaços utilizados ainda nos tempos da construção da usina (Fig.22). Parte da estrutura ainda aloca um restaurante o “Restaurante dos Barrageiros”, outra parte aloca serviços do Parquetec e outra os ateliês de Arquitetura e Urbanismo, bem como laboratórios comuns a outros cursos (Fig.25).

O Bloco Antigo Restaurante, como o próprio nome propõe, era o lugar onde estava a cozinha e refeitório dos barrageiros da época de construção da Usina. O espaço foi adaptado principalmente através do uso de divisórias em “eucatex” e as instalações elétricas, em sua maioria, são aparentes (uso de eletrodutos). O revestimento do piso ainda parece ser original da época de construção. As bancadas de aço inoxidável que davam apoio à cozinha, hoje abrigam maquetes de diferentes disciplinas e semestres (Fig.24). Essa adaptação e provisoriabilidade que já duram cerca de nove anos para o curso de Arquitetura e Urbanismo, despertaram a inquietação e a intenção de pesquisa.

A edificação do Restaurante foi feita para atender os trabalhadores da construção da Usina de Itaipu. Na época do auge da obra, o refeitório chegou a servir 27 toneladas de refeição em um único dia. Mais de 30 mil barrageiros recarregavam suas energias para colocarem de pé a Usina Hidrelétrica de Itaipu.¹⁸

A provisoriabilidade dos espaços vai além dos ateliês, mas também atinge o espaço central de convívio (Fig.20), bem como

¹⁸ ITAIPU PARQUETEC. Restaurante dos Barrageiros: Você conhece a história do restaurante?. In: **Portal do habitante**. [S. l.], [201-?]. Disponível em: <https://habitante.itaipuparquetec.org.br/restaurante-barrageiro/>. Acesso em: 20 jun. 2024.

Figura 24 - Bancadas originais do refeitório, hoje abrigam trabalhos de diversos semestres. Fonte: FLICKR UNILA. [Sem título] 2022. 1 Fotografia. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/unila/52573637148/in/album-72177720304573404/>. Acesso em: 6 out. 2024.

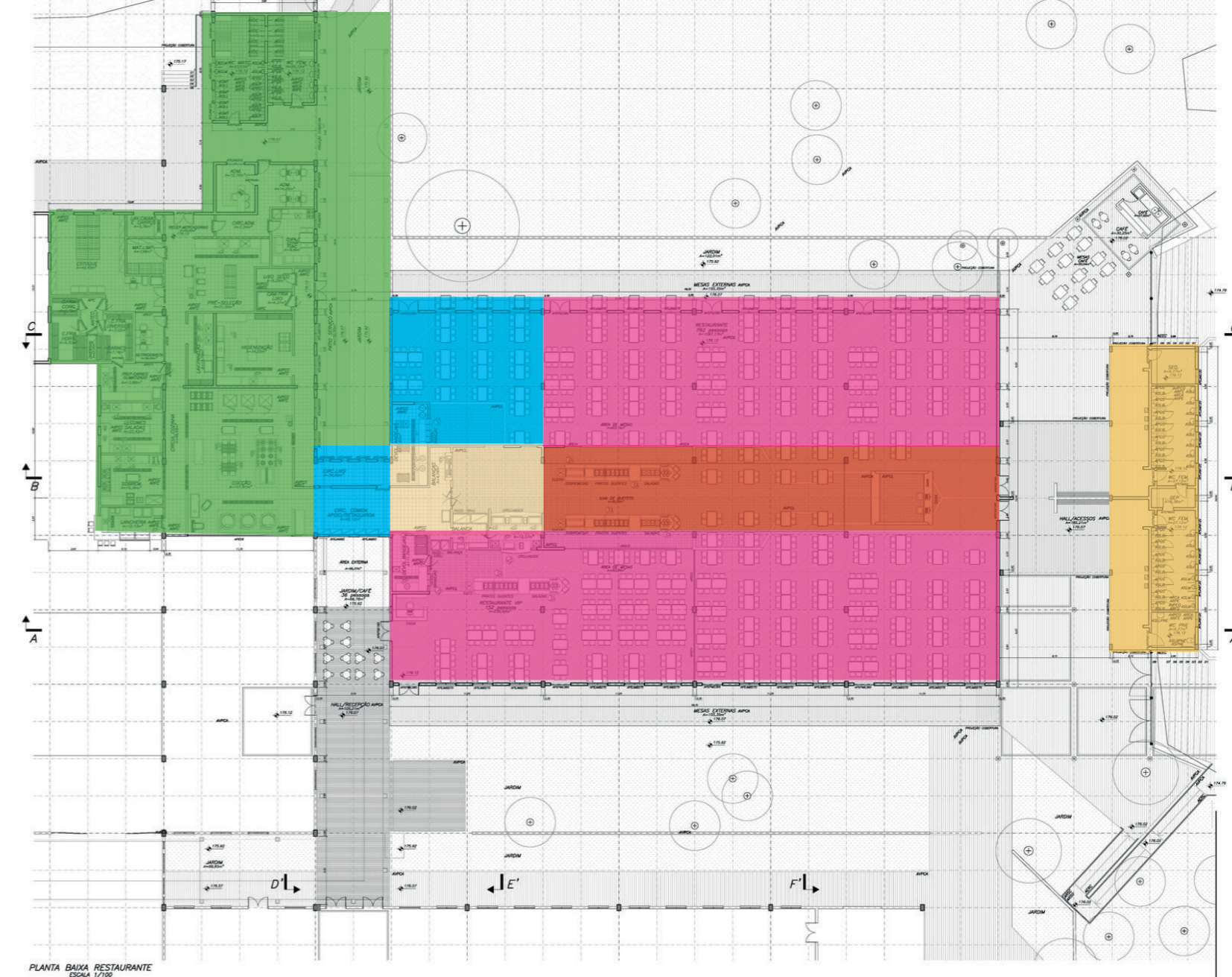


Figura 25 - Planta Baixa - Bloco Antigo Refeitório (BAR) Fonte: Fonte: Adaptado de 3C ARQUITETURA. [201-?]. 1 Fotografia. Disponível em: http://www.3c.arq.br/portfolio/036_ref/. Acesso em: 30 mar. 2023.

- Banheiros
- Corredor/Saguão Principal
- Ateliês
- Laboratórios
- Espaço Comum (cafeteira e microondas)
- Itaipu Parquetec



Figura 26 - Vista externa dos ateliês. Fonte: FLICKR UNILA. [Sem título] 2015. 1 Fotografia.
Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/unila/16531577490/in/album-72157650754872239>. Acesso em: 6 out. 2024.



Figura 27 - Ateliê 12 - CAU-UNILA. Fonte: A autora, 2024.

os laboratórios mais recentemente alocados no BAR. É importante ressaltar que essa provisoriedade (não exclusivamente) acarreta também na precariedade da infraestrutura.

Muito além de acabamentos, a infraestrutura básica está constantemente deixando a desejar, seja nos ares-condicionados que nem sempre funcionam — e, sim em uma cidade como Foz do Iguaçu, em que a temperatura média no verão chega aos 30°, ares-condicionados fazem parte da infraestrutura básica e condições mínimas para aprendizado — ou projetores que precisam ser ligados de maneira alternativa.

5.3 ESTUDOS DE CASO

5.3.1 Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA)

A distribuição do espaço no ateliê, embora inicialmente pareça favorecer o trabalho colaborativo, apresenta alguns detalhes que, se analisados com mais atenção, revelam limitações importantes. A disposição no pavimento térreo oferece uma acessibilidade interessante, mas o desgaste evidente do piso se torna uma barreira ao deslocamento. Embora o espaço

entre as mesas seja suficiente para a circulação de uma cadeira de rodas, por exemplo, a constante desorganização das cadeiras compromete a fluidez e o conforto. A acessibilidade, portanto, é apenas parcialmente atendida, pois a estrutura física e a organização dos móveis podem facilmente transformar o ambiente em algo restritivo para pessoas com mobilidade reduzida.

Quanto à iluminação, a combinação de luz artificial e natural, que deveria garantir conforto lumínico, apresenta-se como um fator de desconforto em algumas situações. A ausência de mecanismos eficientes de controle da luz natural, como brises, cortinas ou persianas em bom estado, faz com que o excesso de luz se torne um obstáculo, particularmente quando o uso do projetor é necessário. Em um ambiente que depende tanto de visibilidade adequada, como o ateliê, essas questões interferem diretamente no desenvolvimento das atividades acadêmicas, limitando a funcionalidade do espaço durante parte do dia.

A orientação leste e oeste também contribui para a questão térmica inadequada. Isso faz com que haja proteção contra o excesso de luz pela manhã no lado leste e à tarde no



Figura 28 - Ateliê com mesas individuais. Fonte: FLICKR UNILA. [Sem título] 2015. 1 Fotografia. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/unila/16099052803/in/album-72157650754872239>. Acesso em: 30 mar. 2023

lado oeste.

A acústica do ambiente é outro fator que compromete a qualidade das aulas. Embora o pé-direito alto possa proporcionar uma sensação de amplitude e favorecer a ventilação (possibilidade recentemente agregada aos ateliês, graças à última reforma de 2021/2022), a falta de adaptações adequadas a essa característica espacial gera dificuldades na comunicação em sala. Os professores precisam elevar o tom de voz frequentemente, e, dependendo da posição em que o estudante está sentado, é possível que não consiga ouvi-los com clareza.

Já em relação ao mobiliário, as grandes mesas retangulares, embora interessantes para o trabalho em grupo, não estão em bom estado de conservação, visto que muitas foram expostas à umidade. A dinâmica de trabalho colaborativo proposta pelo curso é favorecida por essa organização, mas a falta de manutenção e o acúmulo de itens desorganizados, como os armários, contribuem para uma sensação de caos no espaço, bem como à sensação de não-pertencimento. Para um ambiente que deveria promover a concentração e a criação, a desordem física se reflete na experiência de alguns estudantes, que podem se sentir desmotivados a permanecer no local, a não ser

para atividades estritamente necessárias.

Entre os pontos positivos, a disposição das mesas permite uma interação constante entre os(as) estudantes, facilitando o trabalho em equipe, algo fundamental para a formação em Arquitetura e Urbanismo. No entanto, esses pontos positivos são enfraquecidos pelas limitações estruturais e pela falta de atenção a detalhes importantes, como a acessibilidade plena, a organização dos móveis — e do ateliê em geral — bem como o controle da iluminação.

Embora o ateliê tenha potencial para ser um ambiente de aprendizado colaborativo e dinâmico, ele ainda carece de intervenções que poderiam melhorar significativamente a experiência dos(as) estudantes. A substituição do piso, a reorganização do mobiliário e o controle adequado da luz natural, bem como sua organização, são ajustes que não apenas melhorariam a funcionalidade do espaço, mas também contribuiriam para um ambiente mais inclusivo e adaptado às diversas necessidades pedagógicas.



Figura 29 - Ateliê 12 - CAU-UNILA. Fonte: A autora, 2024.

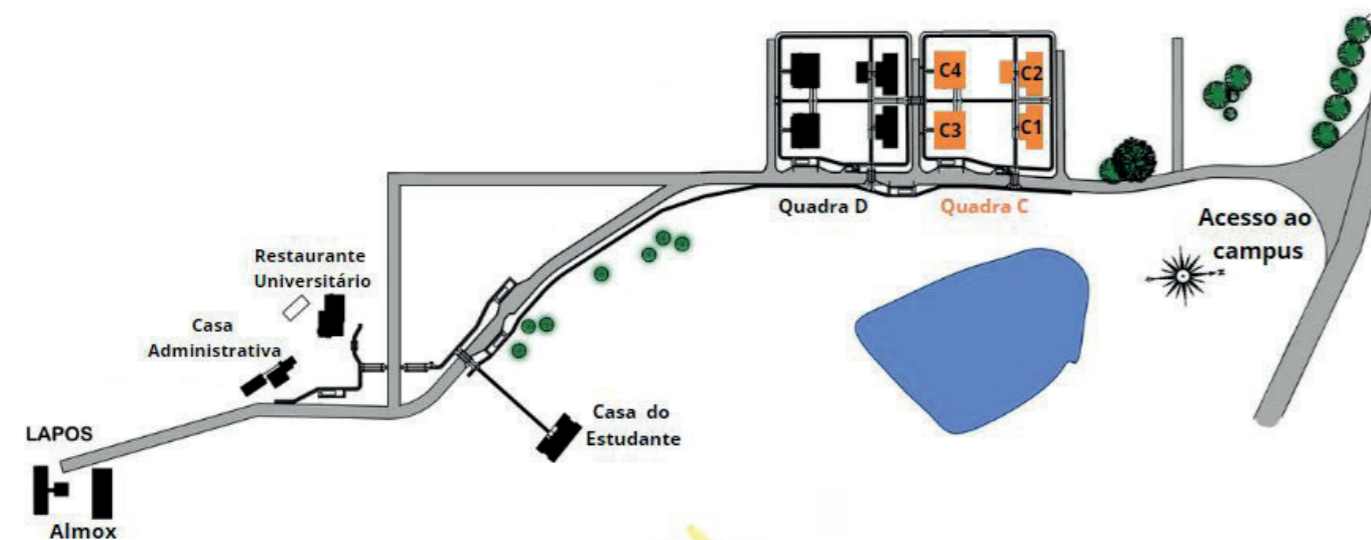
5.3.2 Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) - Campus Cachoeira do Sul

De acordo com UFSM ([201-?])¹⁹, a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) foi fundada no ano de 1960, quando ainda se chamava Universidade de Santa Maria (USM), pelo Prof. José Mariano da Rocha Filho. A UFSM foi a primeira universidade federal criada no interior do Brasil e ao longo de sua história passou por diversas reestruturações, mas só se tornou federal no ano de 1965.

A partir de 2005 iniciou sua expansão e a criação de outros campus. O campus de Cachoeira do Sul, caso a ser analisado a seguir, foi consolidado em 19 de dezembro de 2013, após uma demanda da população local. O campus iniciou suas atividades, oficialmente, em 2014 e contou com iniciais cinco cursos de graduação, entre eles, Arquitetura e Urbanismo.²⁰

¹⁹ UFSM. **Institucional**. [S. l.], [201-?]. Disponível em: <https://www.ufsm.br/institucional>. Acesso em: 28 set. 2024.

²⁰ UFSM-CS. **Apresentação**. [S. l.], [201-?]. Disponível em: <https://www.ufsm.br/unidades-universitarias/cachoeira-do-sul>. Acesso em: 28 set. 2024.



Mapa 4 - Inauguração Campus Cachoeira do Sul. Fonte: UFSM-CS. **Encontre-se na UFSM Cachoeira do Sul**. 2024. 1 Fotografia. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/376/2024/09/Copia-de-ENCONTRE-SE-atualizado-2024.1.pdf>. Acesso em: 6 out. 2024.



Figura 30 - Inauguração Campus Cachoeira do Sul. Fonte:UFSM-CS. **Fita de abertura na solenidade de Inauguração da UFSM-CS, em 20 de agosto de 2014**. 2014. 1 Fotografia. Disponível em: <https://www.ufsm.br/unidades-universitarias/cachoeira-do-sul/historico>. Acesso em: 6 out. 2024.



Figura 31 - Ateliê UFSM-CS. Fonte: Laline Cenci, 2024.

5.3.2.1 Visão Geral do Ateliê

Ao observar a distribuição do espaço no ateliê, a disposição linear das mesas poderia inicialmente ser vista como funcional para facilitar o acompanhamento dos docentes e manter uma estrutura clara no ambiente. No entanto, para um estudante em processo de formação, acostumado a explorar a flexibilidade e a fluidez do espaço como elementos essenciais do processo criativo, essa organização rígida certamente provocaria uma sensação de confinamento.

A falta de liberdade para reconfigurações rápidas, indispensáveis em atividades que demandam dinamismo, limitaria a autonomia dos(as) estudantes, que ficariam presos(as) a uma estrutura que, apesar de eficiente, não promove a adaptabilidade necessária para um ambiente de criação.

No que diz respeito à acessibilidade, o ateliê apresenta uma base sólida, com um piso nivelado e sem barreiras evidentes. No entanto, a proximidade excessiva entre as mesas geraria um impacto negativo na circulação, especialmente em horários de maior movimentação.

A dificuldade de deslocamento, aliada à essa organização mais compacta, comprometeria a sensação de conforto,

tornando a circulação mais retilínea.

Quanto à iluminação, embora possa ser descrita como satisfatória, é evidente que a presença de luz natural poderia ser melhor aproveitada. A combinação de luz artificial e natural precisaria ser cuidadosamente controlada para evitar desconfortos como, por exemplo, o excesso de reflexos sobre as mesas de trabalho. A iluminação, embora funcional, aparenta deixar os usuários reféns da iluminação artificial em determinados horários do dia, já que as persianas provavelmente seriam fechadas.

O mobiliário, apresenta-se como funcional, mas insuficiente. O tampo verde das mesas, embora interessante para reduzir o cansaço visual, não compensaria a falta de ergonomia das cadeiras. Em longas sessões de trabalho, a desconexão entre o mobiliário e o conforto físico criaria um desgaste significativo.

Mesmo com pontos positivos evidentes, como a combinação de iluminação natural e artificial e a acessibilidade básica, a experiência de estudar em um ambiente que carece de flexibilidade e conforto prejudicaria a permanência no espaço. A percepção dessas limitações tornaria o ateliê

liê um espaço mais técnico do que inspirador, mais voltado à função do que à promoção de uma experiência integral.

As impressões pessoais sobre esse espaço são de um ambiente que, apesar de seu potencial, se apresenta como gelido e quase hospitalar. A rigidez da disposição das mesas e a falta de elementos que tragam "calor" ao ambiente criam uma sensação de indiferença e desestímulo. Estudar nesse ateliê poderia ser uma experiência monótona, onde a criatividade se vê sufocada pela estrutura rígida e impessoal do espaço. A sensação de estar em um local de trabalho como este, pode desmotivar os estudantes a se aprofundarem em seus projetos, fazendo com que o espaço se torne mais um mero local de execução de tarefas do que um ambiente propício à criação.

Por fim, embora o ateliê ofereça condições razoáveis para as atividades acadêmicas, ele não potencializa a experiência criativa dos estudantes. Para a autora, o espaço deveria ser mais que um simples local de execução de tarefas, deveria ser um ambiente que promove a liberdade de criação e o bem-estar. Pequenas intervenções, como a reorganização das mesas e a reavaliação do mobiliário, seriam capazes de transformar o ateliê em um lugar que não

apenas atenda às necessidades técnicas, mas que também promova o engajamento e a satisfação dos estudantes, tornando-se um verdadeiro espaço de criação e aprendizado.



Figura 32 - Ateliê UFSC. Fonte: Laline Cenci, 2024.

5.3.3 Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC)

A história da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC)²¹ está intrinsecamente ligada à Associação Pró-Ensino em Santa Cruz do Sul (AAPESC), sua mantenedora, fundada em 1962. AAPESC tinha, desde o início, o objetivo de criar uma instituição de ensino superior na região, e, em 1964, esse sonho começou a se concretizar com a criação da Faculdade de Ciências Contábeis. O caminho até a consolidação da UNISC, porém, foi longo e repleto de desafios, incluindo a unificação das faculdades sob as Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul (FISC) em 1980, que oferecia cursos de licenciatura e pós-graduação.

Ainda de acordo com UNISC ([201-?]), a construção do campus-sede da UNISC iniciou-se em 1982, como parte de uma visão a longo prazo para abrigar todas as faculdades em um mesmo local. Até 1993, a instituição passou por um processo de reorganização, culminando na criação formal da Universidade de Santa Cruz do Sul. A partir desse momento, a UNISC passou por um acelerado processo de crescimento, marcado pela criação de novos cursos e pela



Mapa 5 - Implantação UNISC (blocos 51 e 51 alocam curso de arquitetura e urbanismo). Fonte: SOSTER, Demétrio. Mapa da UNISC. 2011. Disponível em: https://issuu.com/dsoster/docs/mapa_da_unisc. Acesso em: 4 out. 2024.

²¹ UNISC. **Histórico**. [S. l.], [201-?]. Disponível em: <https://www.unisc.br/pt/home/a-universidade>. Acesso em: 28 set. 2024.



Figura 33 - Ateliê 1 UNISC. Fonte: UNISC. **Ateliê, devidamente equipado com mesas de desenho, apropriado para o desenvolvimento das disciplinas práticas do curso.** [201-?]. 1 Fotografia. Disponível em: https://www.unisc.br/images/a_unisc/infraestrutura/Atelie-5.jpg. Acesso em: 4 out. 2024.



Figura 34 - Ateliê 3 UNISC. Fonte: UNISC. **Ateliê, devidamente equipado com mesas de desenho, apropriado para o desenvolvimento das disciplinas práticas do curso, sendo que ateliê possui compartimentação específica para atender à Coordenação do TC e aos acadêmicos formandos.** [201-?]. 1 Fotografia. Disponível em: https://www.unisc.br/imagens/a_unisc/infraestrutura/Atelie-7.jpg. Acesso em: 4 out. 2024.

expansão de sua infraestrutura, sempre buscando equilibrar as necessidades regionais com a qualidade acadêmica.

Segundo UNISC ([201-?]), o caráter comunitário da UNISC é uma das suas principais características, demonstrando um equilíbrio entre inovação tecnológica e responsabilidade social. A criação do Parque Científico e Tecnológico (Tecnounisc) e da Incubadora Tecnológica são exemplos do compromisso da universidade com o desenvolvimento sustentável, ao mesmo tempo que mantém seu foco no ser humano, como evidenciado pela aquisição e transformação do Hospital Santa Cruz em um campo de estágio para seus alunos. Esses elementos fazem da UNISC uma instituição comprometida com a excelência acadêmica e com o desenvolvimento das comunidades onde está inserida.

5.3.3.1 Visão Geral do Ateliê

A distribuição espacial, embora inicialmente favoreça o trabalho individual, apresenta limitações claras que afetam o desenvolvimento das atividades colaborativas. A disposição das mesas em fileiras seguidas promove uma organização rígida e hierárquica, que pode dificultar a interação e troca de

conhecimentos entre os estudantes.

Ainda que o espaçamento permita a circulação de maneira adequada, a própria configuração das cadeiras e mesas restringe a troca de ideias, um aspecto crucial em ambientes criativos. Assim, o espaço acaba por privilegiar a concentração individual ao invés do dinamismo e das trocas colaborativas, essenciais no curso de Arquitetura e Urbanismo.

No que se refere à iluminação, a predominância de luz artificial em vez da luz natural levanta questões importantes sobre o conforto visual dos usuários. O ateliê conta com janelas amplas e persianas em uma das paredes, o que é um ponto positivo ao permitir a entrada controlada de luz natural. Esse controle facilita a adaptação da iluminação conforme as necessidades do ambiente, sendo particularmente útil em atividades que demandam maior visibilidade ou quando é necessário escurecer o espaço para o uso de projetores.

A presença das persianas permite ajustar a luminosidade de forma eficiente, melhorando o conforto visual, ainda que a presença de aberturas apenas em uma das faces do ateliê, matenha os usuários reféns da iluminação artificial em determinados horários do dia. Esse aspecto é bastante importante a

se considerar, já que o excesso de luz artificial, quando não balanceado adequadamente, pode gerar cansaço visual, afetando diretamente a produtividade e a concentração dos estudantes.

O mobiliário do ateliê é composto por grandes mesas individuais, organizadas e enfileiradas em duplas, o que limita, mais uma vez, o dinamismo muitas vezes exigido dos espaços de ensino de Arquitetura. Além disso, o uso prolongado dos ateliês para disciplinas teóricas ou que exijam o uso frequente de dispositivos como *notebooks* pode comprometer a conservação do revestimento especial das mesas de desenho técnico. Essa incompatibilidade entre o tipo de atividade e o mobiliário disponível ressalta a necessidade de um cuidado maior na preservação desses equipamentos para manter a funcionalidade adequada do ambiente ao longo do tempo.

Estudar neste ambiente, assim como na UFSM-CS, traria a sensação de um espaço "quadrado", gélido e quase hospitalar. Tal qual a análise do ateliê anterior, a disposição rígida das mesas, alinhadas em duplas, contribui para uma estética que se afasta da criatividade e da fluidez necessárias para um ateliê. A falta de elementos que tragam "calor" e personalidade ao ambiente pode criar uma atmosfera des-

timulante, onde a rigidez do espaço se sobrepõe ao desejo de exploração e inovação. Essa frieza estrutural, transformaria o que poderia ser um espaço inspirador em um local que mais se assemelha a um laboratório, onde a criatividade fica em segundo plano. A ausência de conforto visual e emocional poderia dificultar a motivação dos estudantes, tornando a experiência acadêmica menos envolvente e mais monótona.

Para que o ateliê atinja seu pleno potencial como um ambiente de ensino colaborativo, seria necessário repensar aspectos fundamentais como a distribuição das mesas, os acabamentos dos móveis, cores e tipo de mobiliário. Intervenções simples, como a introdução de um mobiliário mais flexível, teriam um impacto significativo na funcionalidade do espaço, promovendo um ambiente mais inclusivo, dinâmico e adaptado às exigências pedagógicas do curso.



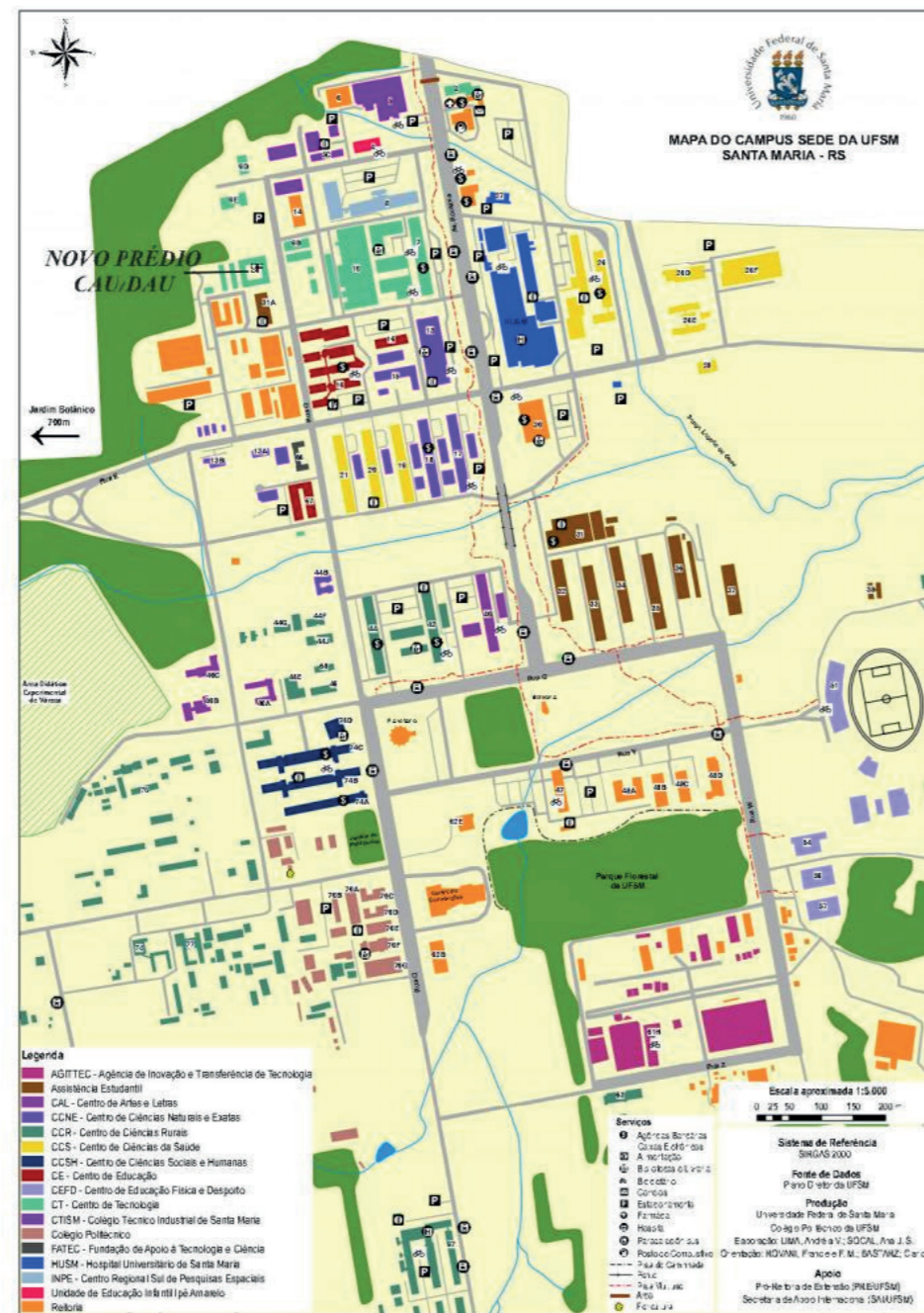
Figura 35 - Ateliê 4 UNISC. Fonte: UNISC. **Ateliê, devidamente equipado com mesas de desenho, apropriado para o desenvolvimento das disciplinas práticas do curso.** [201-?]. 1 Fotografia. https://www.unisc.br/images/a_unisc/infraestrutura/Atelie-1.jpg. Acesso em: 4 out. 2024.

5.3.4 Universidade de Santa Maria - Campus Santa Maria (UFSM-SM)

A história da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)²² no campus de Santa Maria segue os mesmos princípios e eventos fundamentais já mencionados na descrição do campus de Cachoeira do Sul. O processo de fundação, os ideais de expansão da educação superior no interior do Rio Grande do Sul e o impacto da instituição na formação de profissionais qualificados, com foco na inovação e desenvolvimento regional, são traços compartilhados por ambos os campi.

Ainda em concordância com UFSM ([201-?]), o campus de Santa Maria, por sua vez, abarca um número maior de cursos e é o centro administrativo da instituição, o que fortalece ainda mais sua relevância no cenário educacional e social da região. Este campus, sendo o pioneiro, mantém uma forte conexão histórica com as iniciativas do reitor José Mariano da Rocha Filho, que fundou a UFSM com a visão de criar uma universidade pública de qualidade fora dos grandes centros urbanos, ampliando o acesso à educação superior e gerando impacto

²² UFSM. **Institucional**. [S. l.], [201-?]. Disponível em: <https://www.ufsm.br/institucional>. Acesso em: 28 set. 2024.



Mapa 6 - Localização do Prédio 9F – CAU / DAU. S/E. Fonte: LOCALIZAÇÃO do Prédio 9F – CAU / DAU. [201-?]. 1 Mapa. Disponível em: https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/220/2020/02/Predio_9F_CAU_DAU_Local-768x1085.jpg. Acesso em: 28 set. 2024.

socioeconômico direto nas regiões do entorno.

5.3.4.1 Visão Geral do Ateliê

No Pavimento 1 (Fig.37), observa-se uma clara setorização dos ambientes, separando laboratórios técnicos (maquetaria, *fab lab*, laboratório de conforto, canteiro experimental) das áreas de convívio e atividades mais institucionais (auditório e apoios). A setorização, embora favoreça a organização e o fluxo de atividades especializadas, impõe uma barreira entre os espaços criativos e os de socialização.

A maquetaria e o *fab lab*, por exemplo, estão localizados próximos um do outro, o que é funcional para a execução de projetos que requerem tanto a produção de maquetes quanto o uso de tecnologias de fabricação digital. No entanto, o posicionamento desses espaços em uma extremidade do edifício, dis-



Figura 37 - Salas do Prédio 9F – CAU/DAU - Pavimento 1. S/E. Fonte: LOCALIZAÇÃO do Prédio 9F – CAU / DAU. [201-?]. 1 Figura. Disponível em: https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/220/2020/02/CAU_Salas_pavto_1-1024x782.jpg. Acesso em: 28 set. 2024.



Figura 38 - Saguão Central UFSM-SM. Fonte: UFSM-SM. **Fotos do Curso (obras)**. 1 Fotografia. Disponível em: https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/220/2020/02/CAU_DAU_Interno-1-1024x533.jpg. Acesso em: 28 set. 2024.

tante das demais áreas pedagógicas, cria uma sensação de isolamento que poderia ser minimizada com uma melhor integração visual e física com o restante do pavimento.

A circulação ao redor do grande vazio central (Fig.39) é eficiente, mas não aproveita seu potencial como área de interação. Embora o espaço favoreça o deslocamento entre as áreas de laboratórios, a distância física e a falta de mobiliário ou zonas de descanso ao longo dos corredores limitam o incentivo à troca espontânea de ideias entre os alunos e se torna um local apenas de passagem, porém é um ótimo espaço para apro-

priação, exposições e dinâmicas. Colunas estruturais, como as que aparecem ao longo das rotas, poderiam ser integradas ao mobiliário ou servirem como pontos de apoio para prateleiras e exposições de trabalhos, reforçando o caráter colaborativo do ambiente.

A inclusão de áreas de descanso, nichos de estudo ou mesas colaborativas ao longo desse eixo central poderia transformar a circulação de mero espaço de trânsito em um ponto para trocas entre os alunos, promovendo uma dinâmica interativa.

No que tange à iluminação, as amplas aberturas para



Figura 39 - Saguão Central UFSM-SM usado como espaço para exposição. Fonte: UFSM-SM. **Fotos do Curso (obras)**. 1 Fotografia. Disponível em: https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/220/2020/02/IMG_20191216_155556-768x1024.jpg. Acesso em: 28 set. 2024.

luz natural nas áreas mais periféricas do edifício representam um ponto positivo, garantindo um ambiente visualmente confortável e energeticamente eficiente. No entanto, a dependência de iluminação artificial em zonas mais centrais e naquelas com poucas janelas pode resultar em uma uniformidade visual que acaba por reduzir o dinamismo do espaço. A instalação de persianas ajustáveis nas áreas com grandes janelas poderia trazer flexibilidade (infelizmente não é possível ver essa possibilidade na planta), mas a incorporação de luminárias que permitam controle individual da intensidade e temperatura da luz seria

uma melhoria substancial.

O mobiliário no Pavimento 1 (Fig.37), particularmente nas áreas de apoio e laboratórios, reflete uma organização e tipologia voltadas para a funcionalidade, com mesas e bancadas grandes e fixas que suportam o uso contínuo em atividades de fabricação e prototipagem (no caso do *fab lab*). Entretanto, a rigidez desse mobiliário dificulta a reconfiguração do espaço para atividades colaborativas ou pedagógicas mais flexíveis. A introdução de móveis modulares e adaptáveis seria uma solução para criar um ambiente que atenda tanto às necessidades



técnicas quanto pedagógicas, favorecendo um maior dinamismo no uso do espaço.

O Pavimento 2 (Fig.40) é destinado quase que exclusivamente às salas de aula e ateliês, o que reforça seu caráter pedagógico e criativo. No entanto, a segmentação dos ateliês por ano e localização em diferentes extremidades do edifício cria barreiras entre os estudantes, impedindo a troca intergeracional que poderia ser enriquecedora para o processo de aprendizado.

Os ateliês de 1º, 2º, 3º, 4º e 5º anos estão dispostos de maneira estratégica em relação à circulação, com cada um ocupando um quadrante do edifício. Esta organização linear facilita o controle dos espaços, mas também limita o fluxo e a interação entre alunos de diferentes níveis. Um leiaute mais flexível poderia incentivar uma maior integração interdisciplinar, onde alunos de anos distintos tivessem maior contato e oportunidade para

colaborações espontâneas.

A iluminação natural no Pavimento 2 é, em grande parte, favorecida pela presença de janelas nas extremidades do edifício, o que permite uma boa entrada de luz natural, particularmente nos ateliês. No entanto, os ambientes mais internos, como as salas de aula e o laboratório de informática, provavelmente dependem mais da luz artificial, o que pode gerar um cansaço visual ao longo do dia. A adoção de um sistema de iluminação ajustável seria essencial para garantir que os estudantes possam regular a intensidade da luz conforme suas necessidades, oferecendo maior conforto visual e contribuindo para a produtividade ao longo das atividades.

O mobiliário no Pavimento 2 (Fig.40), especialmente nos ateliês, é de vital importância para a qualidade do ambiente pedagógico. A disposição das mesas parece seguir um padrão mais rígido, o que pode limitar a flexibilidade necessária para atividades colaborativas e individuais. A introdução de mesas modulares, que possam ser facilmente reconfiguradas para diferentes dinâmicas de trabalho (como sessões críticas, *workshops* ou exposições), ajudaria a aumentar a versatilidade dos espaços. Além disso, o uso de cadeiras er-

gonômicas e bancos ajustáveis contribuiria para o conforto dos estudantes durante longas horas de trabalho nos ateliês.

A experiência de estudo nesses dois pavimentos parece marcada por uma certa rigidez estrutural, que embora funcione em termos de organização e fluxo, acaba por limitar o potencial criativo e colaborativo dos alunos. A segmentação clara entre os espaços práticos e teóricos no Pavimento 1, somada à organização linear dos ateliês no Pavimento 2, cria um ambiente mais funcional do que inspirador. Para maximizar o potencial criativo do espaço, seria necessário repensar a disposição física, de modo a favorecer interações mais fluidas e dinâmicas entre os diferentes grupos de estudantes.

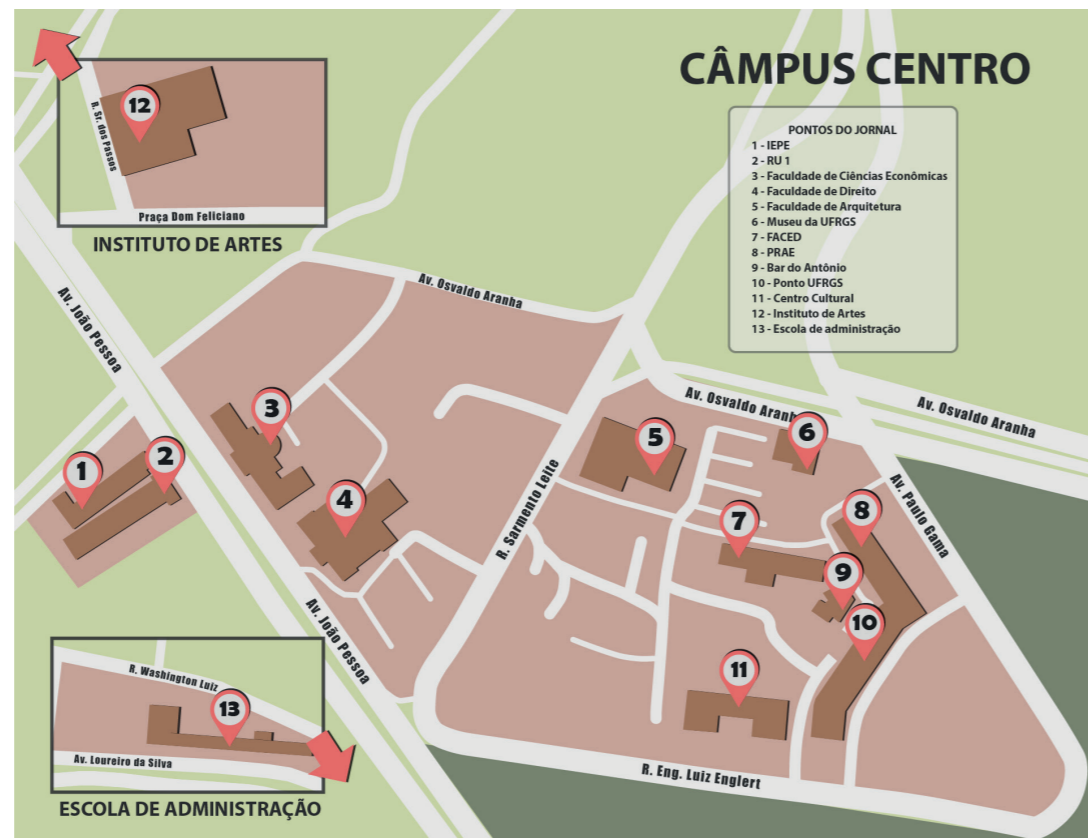
A incorporação de elementos mais flexíveis, tanto na organização do espaço quanto na escolha do mobiliário, seria uma solução eficaz para tornar o ambiente mais acolhedor e propício à inovação. A utilização de cores mais vivas e a introdução de texturas e materiais diversos também poderiam quebrar a monotonia do espaço, criando uma atmosfera mais inspiradora e estimulante para os estudantes.

Figura 40 - Salas do Prédio 9F – CAU/DAU - Pavimento 2. S/E.
Fonte: LOCALIZAÇÃO do Prédio 9F – CAU / DAU. [201-?]. 1 Figura. Disponível em: https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/220/2020/02/CAU_Salas_pavto_2-1024x676.jpg. Acesso em: 28 set. 2024.

5.3.5 Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - Campus Porto Alegre

De acordo com UFRGS ([201-?])²³, a Faculdade de Arquitetura da UFRGS foi instituída em 1952, com a fusão dos cursos do Instituto de Belas Artes e da Escola de Engenharia, em resposta à mobilização estudantil. Reconhecida como uma das mais antigas e renomadas faculdades de arquitetura e urbanismo do Brasil, a unidade desempenha um papel crucial na formação de profissionais qualificados.

Em 2006, o prédio da Faculdade expandiu sua atuação, passando a abrigar também os cursos de Design de Produto e *Design* Visual. A unidade se destaca por promover, por meio de seus diversos órgãos, atividades integradas de ensino, pesquisa e extensão, envolvendo as áreas de Arquitetura, Urbanismo, *Design* e outras correlatas. Essas iniciativas refletem o compromisso da faculdade com o desenvolvimento acadêmico e a inovação nessas áreas.



Mapa 7 - Implantação Campus UFRGS.

Fonte: UFRGS. [Sem título] [201-?]. 1 Fotografia. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/campus-centro/>. Acesso em: 28 set. 2024.

²³ UFRGS. **Apresentação**. [S. l.], [201-?]. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/arquitetura/apresentacao/>. Acesso em: 29 set. 2024.



Figura 41 - Vista externa do prédio da UFRGS.

Fonte: UFRGS. [Sem título] [201-?]. 1 Fotografia. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/arquitetura/apresentacao/>. Acesso em: 28 set. 2024.

5.3.5.1 Visão Geral do Ateliê

O espaço retratado nas imagens oferece uma configuração que, à primeira vista, parece facilitar o estudo individual, mas apresenta desafios importantes para a promoção de interações mais colaborativas e fluidas. A disposição das mesas em fileiras longas e paralelas, embora otimize o uso do espaço, cria uma barreira física e visual que inibe a troca espontânea de ideias entre os alunos. Essa organização linear e rígida limita a possibilidade de discussões em grupo ou de atividades que exijam maior flexibilidade no leiaute, aspectos fundamentais para um ambiente de ateliê que busca fomentar a criatividade e a troca de conhecimentos.

A circulação no espaço, apesar de funcional e ampla, não é suficientemente explorada para incentivar a colaboração. O distanciamento entre as mesas, associado à presença de colunas estruturais no centro da sala, acaba fragmentando o espaço de forma que, mesmo com a proximidade física, os alunos podem se sentir isolados em suas próprias atividades. Isso prejudica a dinâmica de integração que deveria ser promovida em ateliês de

ensino, onde a interação constante e o apoio mútuo são essenciais para o desenvolvimento de projetos.

No que diz respeito à iluminação, o ambiente parece aproveitar bem a luz natural graças às amplas janelas, o que traz um ponto positivo em termos de conforto visual. A presença de persianas ajustáveis permite o controle da luz incidente, oferecendo flexibilidade para as diferentes atividades realizadas no espaço. O equilíbrio entre luz natural e artificial é um fator importante a ser considerado para melhorar o conforto geral.

O mobiliário, formado por mesas grandes e rígidas, reforça uma estética de formalidade que parece destoar das necessidades pedagógicas de um curso que valoriza o processo criativo. A durabilidade e o modelo das mesas são adequados para atividades mais tradicionais, como aulas teóricas e desenhos técnicos, mas o uso prolongado delas em atividades práticas, como maquetes ou modelagem, pode levar ao desgaste prematuro de seus acabamentos. Além disso, a falta de elementos que introduzam flexibilidade ao ambiente, como mesas móveis ou configuráveis, dificulta a adaptação do espaço a dife-



Figura 42 - Visão Geral ateliê UFRGS.
Fonte: , 2024.



rentes modalidades de ensino.

A sensação de estudar nesse espaço seria, portanto, de certa rigidez e falta de estímulos criativos. O ambiente, embora funcional, carece de uma atmosfera acolhedora e inspiradora, que favoreça a exploração e inovação. A estética predominante de cores neutras e o leiaute ortogonal criam um distanciamento entre o espaço físico e as necessidades emocionais e cognitivas dos estudantes. Para maximizar o potencial desse ateliê como um local de aprendizagem colaborativa, seria interessante reavaliar a disposição das mesas e introduzir elementos que "aqueçam" o ambiente, como o uso de cores mais vibrantes e mobiliário adaptável. Essas mudanças promoveriam um espaço mais inclusivo e estimulante, alinhado com as exigências de um ensino dinâmico e interativo.

5.4 ESTUDOS SUBJETIVOS: ENTREVISTAS

Inicialmente, de doze universidades do sul do Brasil partindo do mapeamento de instituições comunitárias e públicas, das quais cinco contribuíram para esta pesquisa ao final. O questionário²⁴ é constituído por trinta e duas perguntas e foi aplicado através de recursos *online*. Foi feito um estudo piloto com um estudante e mais tarde os formulários foram efetivamente divulgados entre os outros acadêmicos. No total, a pesquisa foi enviada para cinco universidades, das quais três participaram e retornaram, ao todo, quarenta e nove respostas.

5.4.1 Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA)

5.4.1.1 Informações Demográficas

Os dados demográficos revelam um perfil diversificado dos estudantes que frequentam os ateliês de Arquitetura e Urbanismo da UNILA. A maioria dos respondentes está na faixa etária de 20 a 25 anos (Fig.44), refletindo

²⁴ O questionário pode ser consultado na íntegra, no Apêndice A.

Qual é a sua idade?

30 respostas

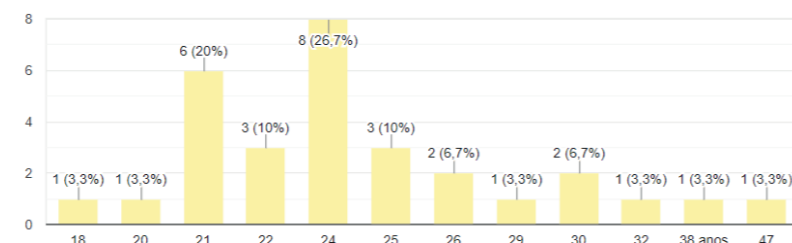


Figura 44 - Idade dos participantes. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UNILA". Disponível em: <https://forms.gle/yuLqPQ5QXtJvqrqY9>. Acesso em: 11 set. 2024.

Qual é a sua identidade de gênero?

30 respostas

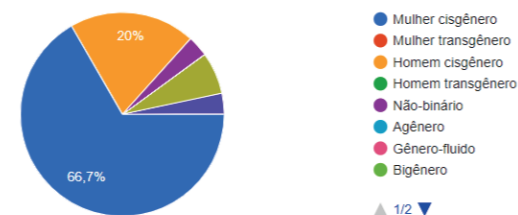


Figura 45 - Identidade de gênero dos participantes. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UNILA". Disponível em: <https://forms.gle/yuLqPQ5QXtJvqrqY9>. Acesso em: 11 set. 2024.

Você mora na mesma cidade da sua universidade?

30 respostas

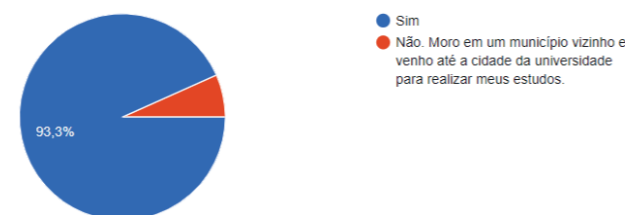


Figura 46 - Participantes que moram na mesma cidade da universidade. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UNILA". Disponível em: <https://forms.gle/yuLqPQ5QXtJvqrqY9>. Acesso em: 11 set. 2024.

a média de idade de universitários em fase intermediária de graduação. A identidade de gênero (Fig.45), outro ponto relevante, apresentou uma distribuição equilibrada, com uma diversidade significativa de estudantes se identificando de diferentes formas, o que reforça a importância de pensar em ambientes inclusivos e acolhedores.

No que diz respeito à residência (Fig.46), muitos estudantes moram fora da cidade onde a universidade está localizada, o que pode influenciar sua permanência nos ateliês. Além disso, a maioria dos estudantes frequenta os ateliês em diferentes períodos do dia, incluindo manhã e tarde, o que indica uma alta rotatividade e utilização desses espaços (Fig.46). Esse dado sugere a necessidade de que os ateliês sejam adequados tanto em termos de iluminação quanto de ventilação para diferentes condições de uso ao longo do dia.

5.4.1.2 Aspectos Físicos do Ambiente

Os aspectos físicos dos ateliês foram criticados em vários pontos. A iluminação artificial (Fig.48), em-

Em qual(is) período(s) você frequenta os ateliês?

30 respostas

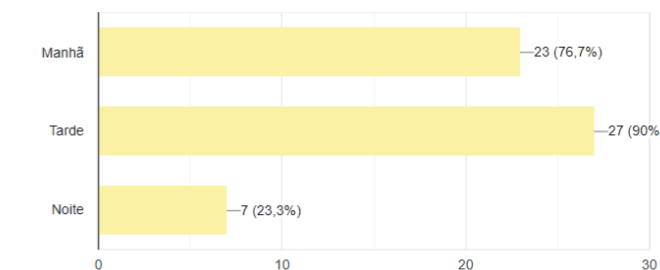


Figura 46 - Períodos que os participantes frequentam os ateliês. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UNILA". Disponível em: <https://forms.gle/yuLqPQ5QXtJvqrqY9>. Acesso em: 11 set. 2024.

Em qual semestre/período você está?

30 respostas

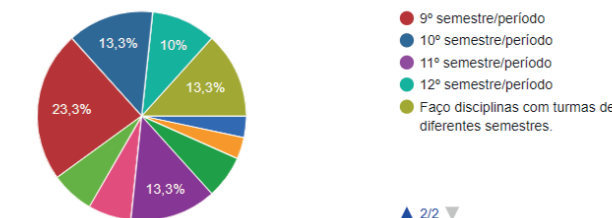


Figura 47 - Semestres em que os participantes estão. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UNILA". Disponível em: <https://forms.gle/yuLqPQ5QXtJvqrqY9>. Acesso em: 11 set. 2024.

Em uma escala de 1 a 5, como você avalia a iluminação *ARTIFICIAL* nos ateliês?

30 respostas

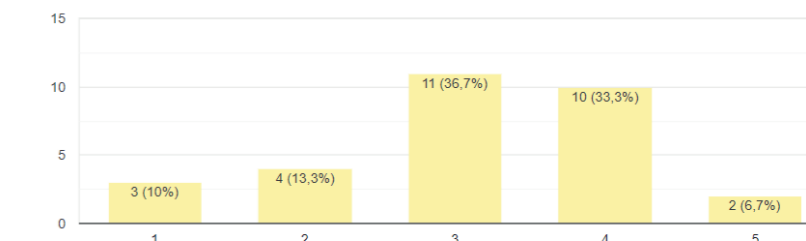


Figura 48 - Avaliação da Iluminação Artificial. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UNILA". Disponível em: <https://forms.gle/yuLqPQ5QXtJvqrqY9>. Acesso em: 11 set. 2024.

Em uma escala de 1 a 5, como você avalia a iluminação *NATURAL* nos ateliês?

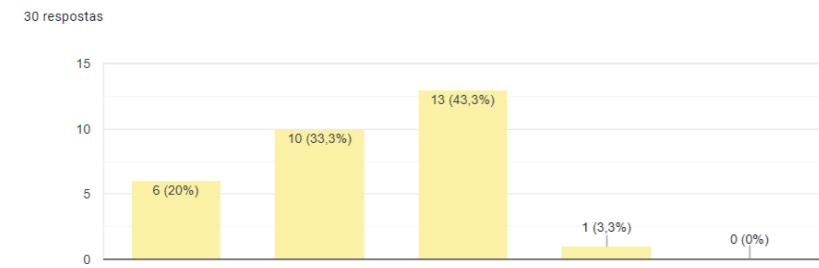


Figura 49 - Avaliação da Iluminação Natural. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UNILA". Disponível em: <https://forms.gle/yuLqPQ5QXtJvqrqY9>. Acesso em: 11 set. 2024.

Como você descreveria a temperatura nos ateliês?

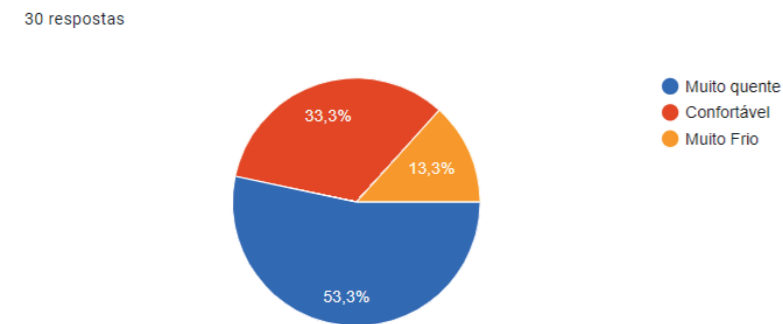


Figura 50 - Avaliação da Temperatura nos Ateliês. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UNILA". Disponível em: <https://forms.gle/yuLqPQ5QXtJvqrqY9>. Acesso em: 11 set. 2024.

Há ventilação cruzada (janelas em dois lados do ambiente)?

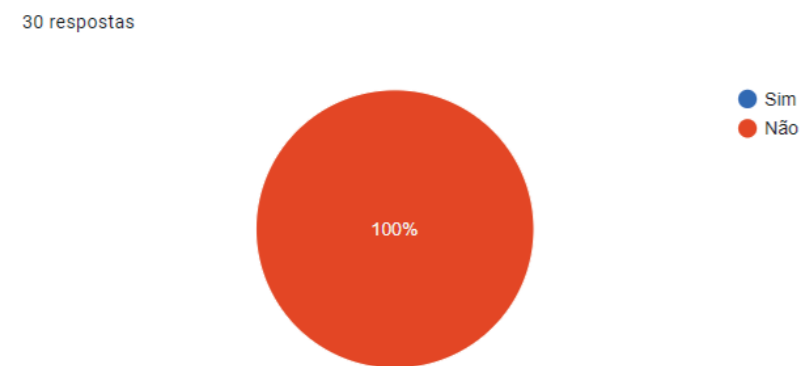


Figura 51 - Existência de Ventilação Cruzada. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UNILA". Disponível em: <https://forms.gle/yuLqPQ5QXtJvqrqY9>. Acesso em: 11 set. 2024.

bora avaliada como moderada (com notas entre 3 e 4), ainda precisa de ajustes para melhor atender às necessidades dos estudantes. Já a iluminação natural (Fig.49) foi avaliada negativamente, com a maioria das notas abaixo de 3, indicando que a entrada de luz natural é inadequada ou mal aproveitada. Para um curso que depende da clareza visual e da observação de detalhes, isso se torna um aspecto crucial a ser melhorado.

Em relação à temperatura (Fig.50), a falta de controle adequado foi amplamente criticada. Muitos estudantes relataram desconforto com ambientes "muito quentes" ou "muito frios", sugerindo que os sistemas de ventilação e ar-condicionado não estão funcionando de maneira eficaz. A falta de ventilação cruzada (Fig.51) também foi mencionada como um ponto negativo, limitando a circulação natural do ar e tornando o ambiente menos saudável e agradável.

Outro ponto que merece destaque é a disposição do mobiliário (Fig.53). Embora alguns estudantes tenham relatado que o leiaute facilita o trabalho individual, muitos apontaram que ele dificulta a realização de atividades em grupo, um componente essencial do proces-

so criativo. A acústica (Fig.54) foi outro aspecto criticado, com muitos estudantes relatando que o ruído excessivo e a falta de isolamento sonoro comprometem a concentração, especialmente durante períodos de alta demanda.

Além disso, muitos estudantes mencionaram que os ateliês não são totalmente adequados para atividades práticas como a produção de maquetes e desenhos técnicos, refletindo uma inadequação dos recursos disponíveis para atender a essas necessidades específicas do curso.

5.4.1.3 Aspectos Psicológicos e Emocionais

Em termos emocionais, os ateliês foram descritos como ambientes que não inspiram criatividade (Fig. 58). Muitos estudantes relataram que não se sentem inspirados (Fig.56) para desenvolver seus projetos dentro dos ateliês, o que impacta diretamente o desempenho acadêmico e o envolvimento com as atividades práticas. Além disso, o nível de estresse nos ateliês (Fig.57) foi apontado como alto durante os períodos de maior demanda de trabalho, o que pode estar relacionado às condições físicas inadequadas,

Os ateliês possuem ar-condicionado/sistema de condicionamento de ar/ventiladores?

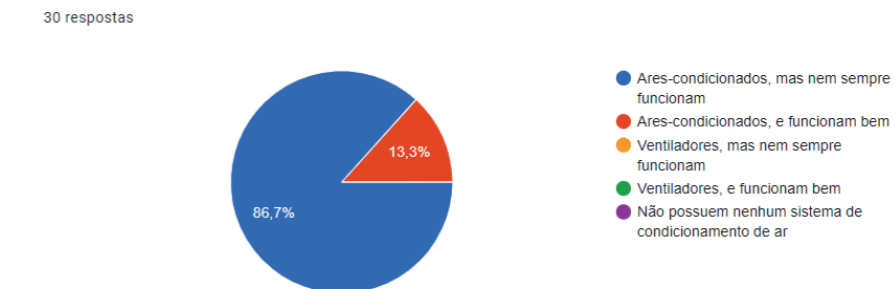


Figura 52 - Existência de sistema de condicionamento de ar. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UNILA". Disponível em: <https://forms.gle/yuLqPQ5QXtJvqrqY9>. Acesso em: 11 set. 2024.

Você acha que a disposição do mobiliário nos ateliês facilita ou dificulta o trabalho em grupo?

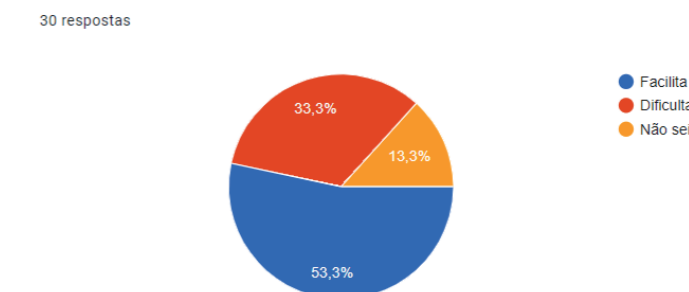


Figura 53 - Avaliação da Disposição do Mobiliário. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UNILA". Disponível em: <https://forms.gle/yuLqPQ5QXtJvqrqY9>. Acesso em: 11 set. 2024.

Como você avalia a qualidade da acústica nos ateliês?

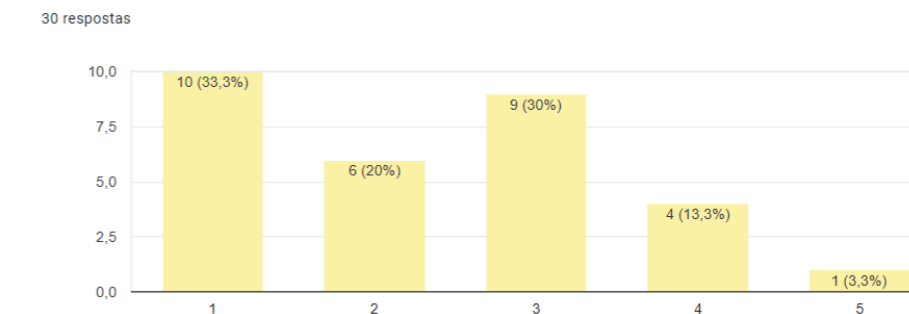


Figura 54 - Avaliação da Qualidade Acústica. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UNILA". Disponível em: <https://forms.gle/yuLqPQ5QXtJvqrqY9>. Acesso em: 11 set. 2024.

Você acha que os espaços são adequados para a realização de atividades práticas, como maquetes e desenhos técnicos?

30 respostas

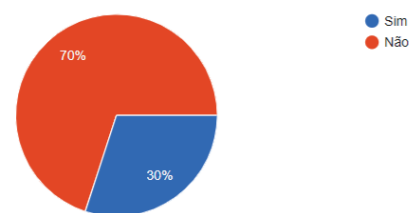


Figura 55 - Adequação dos Espaços às Atividades Práticas. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UNILA". Disponível em: <https://forms.gle/yuLqPQ5QXtJvqrqY9>. Acesso em: 11 set. 2024.

Os ateliês da sua universidades são espaços que te deixam inspirado(a) para desenvolver seus projetos?

30 respostas

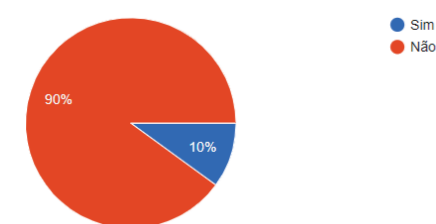


Figura 56 - Avaliação se os ateliês geram inspiração. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UNILA". Disponível em: <https://forms.gle/yuLqPQ5QXtJvqrqY9>. Acesso em: 11 set. 2024.

Como você descreveria o nível de estresse nos ateliês durante os períodos de alta demanda de trabalho?

30 respostas

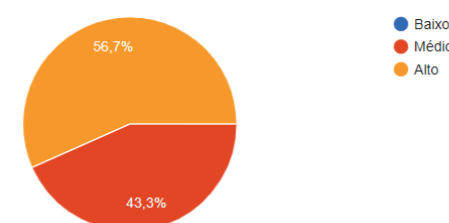


Figura 57 - Nível de estresse em períodos de alta demanda. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UNILA". Disponível em: <https://forms.gle/yuLqPQ5QXtJvqrqY9>. Acesso em: 11 set. 2024.

como temperatura e acústica ruins, além de problemas de organização espacial.

A falta de inspiração é acompanhada por um sentimento de que os ateliês não proporcionam um ambiente propício à criatividade. Os estudantes parecem sentir que o espaço, ao invés de estimular a inovação, impõe limitações físicas e emocionais. Esse ambiente gélido e pouco acolhedor dificulta a colaboração e o engajamento entre os colegas, tornando o ateliê mais um local técnico do que criativo.

5.4.1.4 Sensação de Pertencimento

A sensação de pertencimento (Fig.60) em relação ao ateliê é outro ponto que merece atenção, já que é um fator crucial que afeta diretamente o engajamento e a produtividade dos estudantes. Os dados revelam que muitos dos entrevistados não se sentem totalmente conectados ao ateliê, descrevendo-o como um espaço impessoal e pouco acolhedor, impactando diretamente a forma como os estudantes se relacionam com o ambiente. Quando questionados sobre se o ateliê era um ambiente inclusivo e acolhedor (Fig.61), a resposta geral foi de insatisfação. Isso indica

que os estudantes não percebem o espaço como um local que promove a integração ou onde diferentes identidades e perspectivas são valorizadas.

Essa percepção afeta não apenas a permanência dos estudantes no espaço, mas também sua disposição para contribuir criativamente e interagir com colegas e professores.

A falta de identificação com os valores e a cultura do ateliê (Fig. 62) faz com que os estudantes se sintam desconectados do espaço, o que compromete a dinâmica de expressão de opiniões e ideias dentro do ambiente acadêmico. Este é um ponto crucial e particularmente preocupante, pois em um ambiente acadêmico voltado para a criatividade e a colaboração, a capacidade de se expressar (Fig.63) livremente e de compartilhar ideias é essencial. Esse desconforto em expressar-se afeta o desenvolvimento acadêmico, pois limita as trocas intelectuais que poderiam enriquecer tanto o aprendizado individual quanto coletivo; e vai além de barreiras físicas.

Portanto, os estudantes sentem que, apesar de ser um espaço técnico necessário, o ateliê não é um local onde se

Os ateliês proporcionam um ambiente propício para a criatividade?

30 respostas

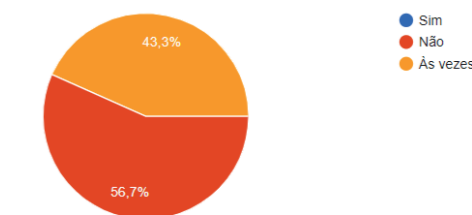


Figura 58 - Avaliação se o ambiente propicia a criatividade. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UNILA". Disponível em: <https://forms.gle/yuLqPQ5QXtJvqrqY9>. Acesso em: 11 set. 2024.

Como você se sente em relação à colaboração com seus colegas nos ateliês?

30 respostas

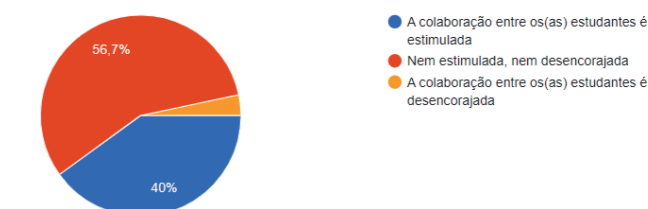


Figura 59 - Colaboração com os colegas. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UNILA". Disponível em: <https://forms.gle/yuLqPQ5QXtJvqrqY9>. Acesso em: 11 set. 2024.

Como você se sente em relação ao seu ateliê?

30 respostas

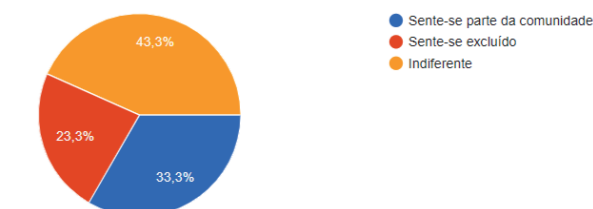


Figura 60 - Sentimento em relação ao ateliê. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UNILA". Disponível em: <https://forms.gle/yuLqPQ5QXtJvqrqY9>. Acesso em: 11 set. 2024.

sentem confortáveis para expressar suas ideias livremente. Esse distanciamento pode impactar negativamente a produção criativa e a construção de um ambiente colaborativo, que é essencial na formação de arquitetos(as) e urbanistas.

5.4.1.5 O ateliê ideal

Quando questionados sobre o ateliê ideal (Fig.67), os estudantes descreveram um espaço flexível, com características arquitetônicas que permitam uma circulação fluida e iluminação controlável. O mobiliário seria adaptável, permitindo a reorganização conforme as necessidades do momento, com mesas ergonômicas e recursos que promovam tanto o trabalho individual quanto o coletivo.

Em termos de recursos (Fig.68), os estudantes destacaram a necessidade de equipamentos modernos, como computadores, projetores de alta qualidade, e uma área separada para a produção de maquetes. Para eles, o ambiente emocional do ateliê ideal seria acolhedor, promovendo conforto e inspiração, algo que o ambiente atual não oferece de forma satisfatória.

Você percebe que o ateliê é um espaço inclusivo e acolhedor para todos os estudantes?

30 respostas

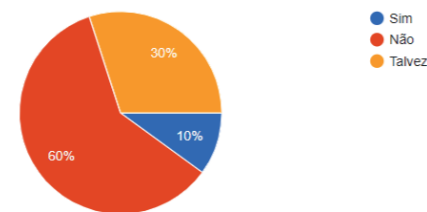


Figura 61 - Avaliação se o espaço é inclusivo e acolhedor. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UNILA". Disponível em: <https://forms.gle/yuLqPQ5QXtJvqrqY9>. Acesso em: 11 set. 2024.

Em que medida você se identifica com os valores e a cultura do ateliê? (princípios, crenças, normas e comportamentos que são valorizados e praticados dentro do ambiente do ateliê)

30 respostas

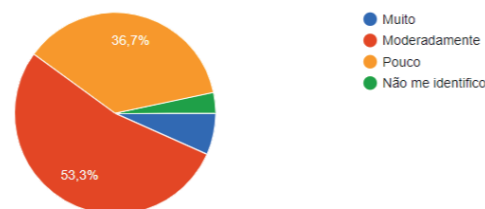


Figura 62 - Identificação com valores e cultura do ateliê. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UNILA". Disponível em: <https://forms.gle/yuLqPQ5QXtJvqrqY9>. Acesso em: 11 set. 2024.

Você se sente encorajado(a) a expressar suas opiniões e ideias nos ateliês?

30 respostas

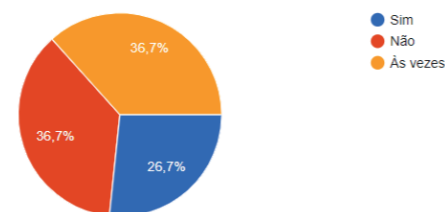


Figura 63 - Encorajamento à expressão de opiniões. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UNILA". Disponível em: <https://forms.gle/yuLqPQ5QXtJvqrqY9>. Acesso em: 11 set. 2024.

5.4.1.6 Perfil do Estudante

O perfil dos estudantes de Arquitetura e Urbanismo que frequentam os ateliês é multifacetado e revela a necessidade de um ambiente que atenda às diferentes demandas acadêmicas e criativas. A maioria dos estudantes leva o projeto como ponto norteador para a forma como vai trabalhar (sozinho ou em grupo) (Fig.64). Isso destaca a importância de um espaço que facilite a interação entre os alunos, permitindo o trabalho coletivo, mas que também proporcionem a possibilidade de trabalhar de maneira individual.

A arquitetura dos ateliês deve permitir a coexistência de espaços para o trabalho coletivo e áreas onde os alunos possam se concentrar em suas atividades pessoais. Esse equilíbrio é fundamental para garantir que os estudantes possam alternar entre atividades colaborativas e individuais, conforme o tipo de projeto que estão desenvolvendo.

Outro ponto importante é o uso constante de dispositivos eletrônicos (Fig.66), como *notebooks* e *tablets*, que se tornaram ferramentas indispensáveis para o desenvolvimento dos projetos acadêmicos. A dependência desses

Você prefere trabalhar sozinho(a) ou em grupo?

30 respostas

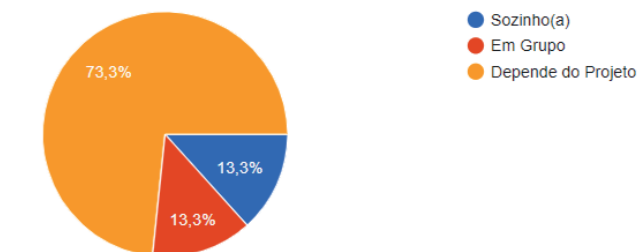


Figura 64 - Preferência de forma de trabalho. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UNILA". Disponível em: <https://forms.gle/yuLqPQ5QXtJvqrqY9>. Acesso em: 11 set. 2024.

Qual a sua principal fonte de motivação para frequentar os ateliês?

30 respostas

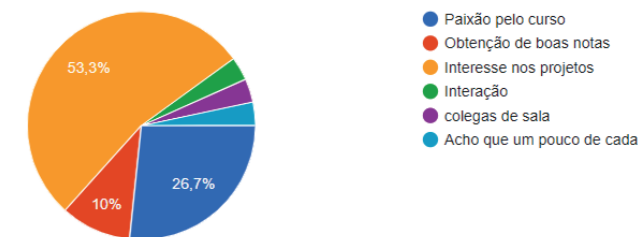


Figura 65 - Motivação para frequentar os ateliês. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UNILA". Disponível em: <https://forms.gle/yuLqPQ5QXtJvqrqY9>. Acesso em: 11 set. 2024.

Você costuma utilizar dispositivos eletrônicos (como notebooks, tablets) nos ateliês para auxiliar nos estudos?

30 respostas

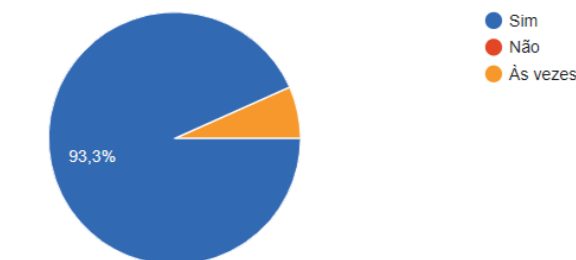


Figura 66 - Uso de dispositivos eletrônicos. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UNILA". Disponível em: <https://forms.gle/yuLqPQ5QXtJvqrqY9>. Acesso em: 11 set. 2024.

Quais características arquitetônicas seriam essenciais para o seu ateliê ideal?
(marque todos que julgar ideais)

30 respostas

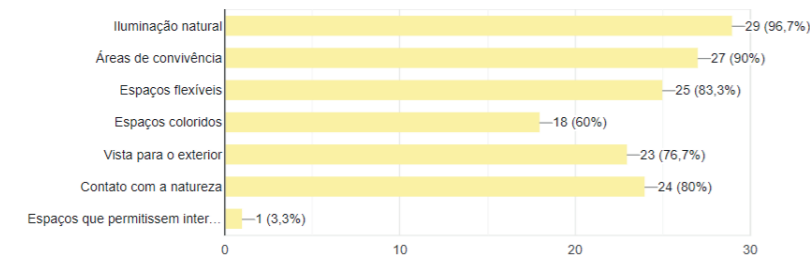


Figura 67 - Características arquitetônicas essenciais para o ateliê ideal. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UNILA". Disponível em: <https://forms.gle/yuLqPQ5QXtJvqrqY9>. Acesso em: 11 set. 2024.

Que tipo de recursos e equipamentos você gostaria que estivessem disponíveis no ateliê ideal?

30 respostas

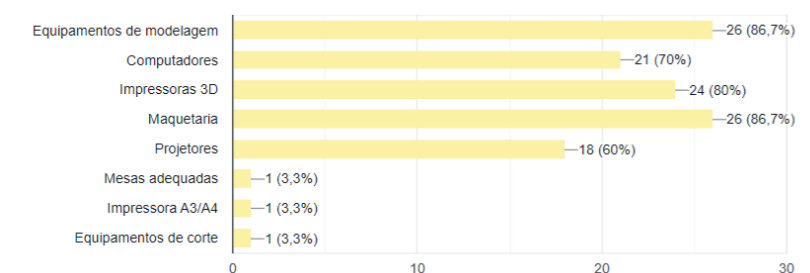


Figura 68 - Equipamentos e recursos para o ateliê ideal. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UNILA". Disponível em: <https://forms.gle/yuLqPQ5QXtJvqrqY9>. Acesso em: 11 set. 2024.

Qual seria o ambiente emocional do ateliê ideal? (marque todos que julgar ideais)

30 respostas

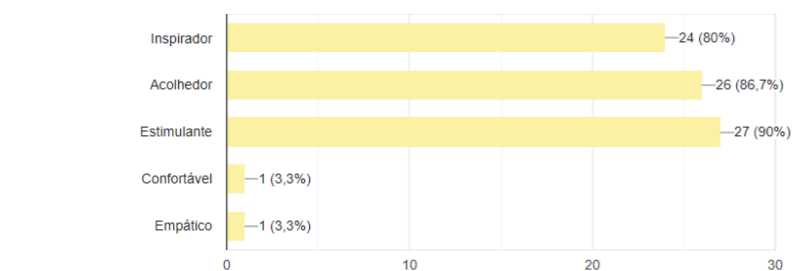


Figura 69 - Ambiente emocional do ateliê ideal. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UNILA". Disponível em: <https://forms.gle/yuLqPQ5QXtJvqrqY9>. Acesso em: 11 set. 2024.

dispositivos reflete uma mudança nas práticas de ensino, onde o trabalho digital se integra às atividades manuais de desenho e maquetes. Portanto, os ateliês devem estar preparados para acomodar essa nova realidade, fornecendo infraestrutura adequada, como tomadas, mesas apropriadas e conectividade.

Por fim, a maioria dos estudantes destacou que o ambiente físico do ateliê tem um impacto direto sobre seu desempenho acadêmico. Um espaço desconfortável ou inadequado limita o potencial criativo e reduz a motivação para permanecer no ambiente. Isso reforça a importância de se repensar o projeto e o leiaute dos ateliês, para que eles ofereçam um suporte físico e emocional adequado aos estudantes, promovendo não apenas a produtividade, mas também o bem-estar.

5.4.2 A Persona

No *marketing*, a construção de *personas* é um processo estratégico que visa aproximar as empresas de seu público-alvo de maneira mais precisa e eficiente. A *persona*, sendo uma representação

fictícia, é baseada em uma análise detalhada de características demográficas, psicográficas e comportamentais, entre outros aspectos relevantes. Ao traçar um "cliente ideal", as empresas conseguem direcionar melhor suas abordagens, compreendendo profundamente as necessidades e motivações de seus consumidores.

[...] A Persona, no contexto de *marketing*, é uma representação fictícia de um 'cliente ideal' com base em dados demográficos, psicográficos, comportamentais e outras informações relevantes. Ela é criada para ajudar as empresas a compreender melhor o seu público-alvo, suas necessidades, preferências, comportamentos e motivações.²⁵

A criação de *personas* não apenas facilita a segmentação do público, mas também permite que as estratégias de comunicação sejam personalizadas, resultando em interações mais eficazes e direcionadas. Dessa forma, é possível criar experiências que ressoem de maneira mais significativa com os clientes, promovendo um engajamento mais profundo e a construção de relacionamentos sólidos e duradouros, essenciais para a fidelização e para

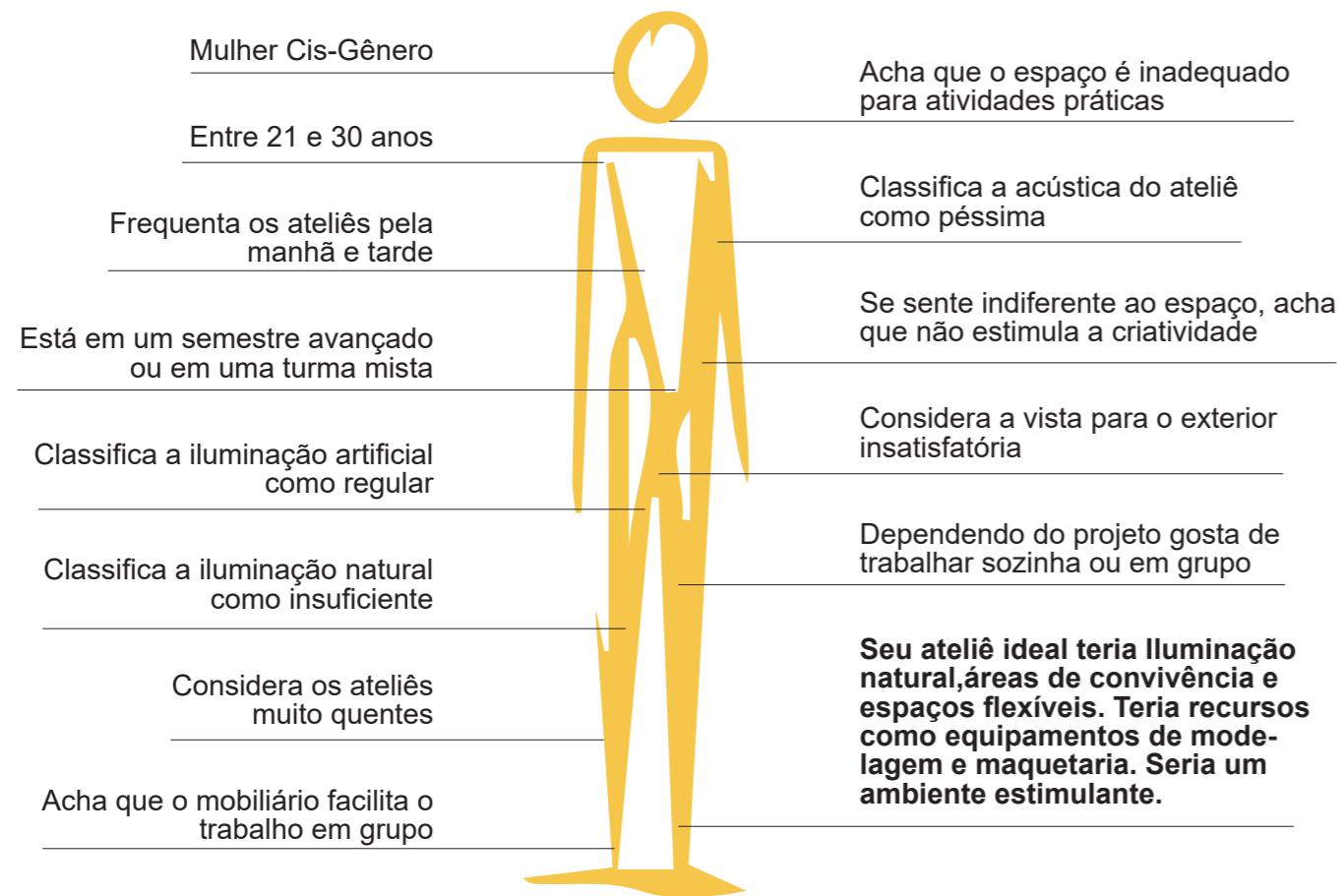
o sucesso a longo prazo.

Analogamente, a elaboração de uma *persona* no contexto de pesquisa é interessante para a análise e interpretação dos resultados obtidos. Essa *persona* deve ser construída com base em dados coletados, refletindo as características dos participantes da pesquisa. Assim como no *marketing*, essa representação não apenas enriquece a análise dos dados, mas também orienta as futuras decisões de ação, garantindo que as estratégias desenvolvidas estejam alinhadas às necessidades e expectativas do público estudado.

É válido reafirmar que neste cenário a *persona* está sendo usada de acordo com a definição da área do *marketing* e neste caso representa exclusivamente o recorte de indivíduos que participaram da pesquisa e não delineando um perfil de usuário do curso inteiro ou quiçá da universidade.

²⁵ LESSA, M. M. Persona, uma Ferramenta do Marketing Digital nas Metodologias de Ensino: Segmentar para Valorizar as Diferenças. *EaD em Foco*, v.14, n.1, e2147, 2024. DOI: [https://doi.org/10.18264/eadf.v14i1.2147EaDemFoco,2024,14\(1\):e2147|14](https://doi.org/10.18264/eadf.v14i1.2147EaDemFoco,2024,14(1):e2147|14)

UNILA PERSONA - RECORTE DA PESQUISA



Fonte: A autora, 2024.

5.4.3 Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) - Campus Cachoeira do Sul

5.4.3.1 Informações Demográficas

Os dados demográficos dos estudantes da UFSM-CS indicam uma diversidade em termos de faixa etária e identidade de gênero. A maioria dos estudantes está na faixa dos 20 a 25 anos (Fig.70), com uma distribuição equilibrada entre aqueles que moram na cidade universitária e os que vivem em cidades vizinhas (Fig. 72). O impacto dessa dispersão geográfica reflete na permanência dos estudantes no campus, especialmente no ateliê, onde o acesso frequente é limitado pela distância. A maioria dos estudantes frequenta os ateliês em períodos variados ao longo do dia (Fig.73), sendo que os horários de maior ocupação tendem a ser manhã e tarde. Essa rotatividade sugere a necessidade de um ambiente que funcione bem em todas as condições de luz e temperatura, proporcionando conforto aos alunos ao longo do dia.

5.4.3.2 Aspectos Físicos do Ambiente

A iluminação nos ateliês da UFSM foi um dos as-

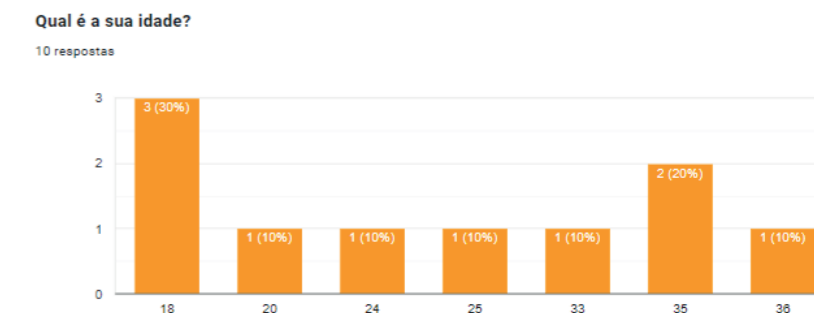


Figura 70 - Idade dos participantes. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UFSM-CS". Disponível em: <https://forms.gle/Qm6QQ3p7AAX8u9fs7>. Acesso em: 11 set. 2024.



Figura 71 - Identidade de gênero dos participantes. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UFSM-CS". Disponível em: <https://forms.gle/Qm6QQ3p7AAX8u9fs7>. Acesso em: 11 set. 2024.



Figura 72 - Participantes que moram na mesma cidade da universidade. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UFSM-CS". Disponível em: <https://forms.gle/Qm6QQ3p7AAX8u9fs7>. Acesso em: 11 set. 2024.

Em qual(is) período(s) você frequenta os ateliês?

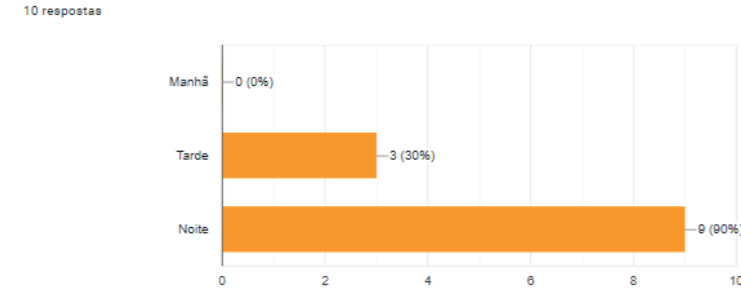


Figura 73 - Períodos que os participantes frequentam os ateliês. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UFSM-CS". Disponível em: <https://forms.gle/Qm6QQ3p7AAX8u9fs7>. Acesso em: 11 set. 2024.

Em qual semestre/período você está?

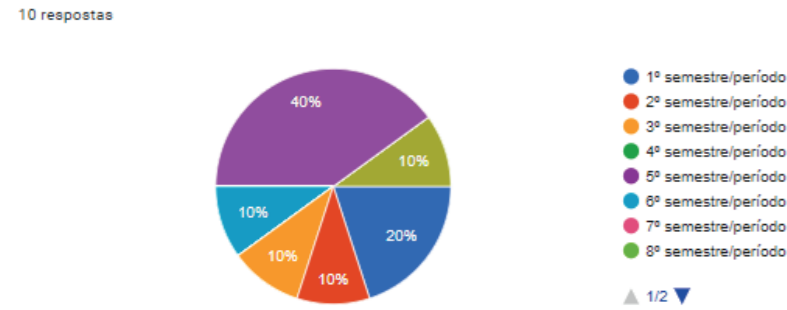


Figura 74 - Semestres em que os participantes estão. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UFSM-CS". Disponível em: <https://forms.gle/Qm6QQ3p7AAX8u9fs7>. Acesso em: 11 set. 2024.

Em uma escala de 1 a 5, como você avalia a iluminação *ARTIFICIAL* nos ateliês?

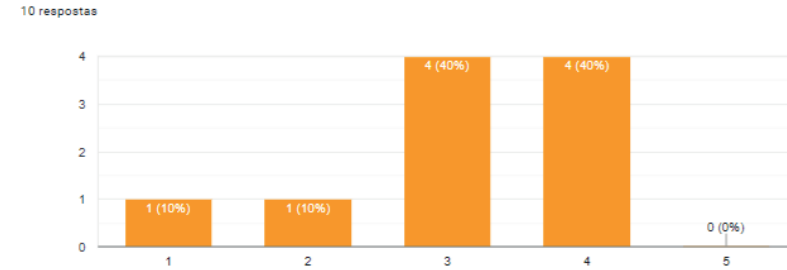


Figura 75 - Avaliação da Iluminação Artificial. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UFSM-CS". Disponível em: <https://forms.gle/Qm6QQ3p7AAX8u9fs7>. Acesso em: 11 set. 2024.

pectos mais criticados. A iluminação natural foi avaliada como insuficiente (Fig. 76), com a maioria dos estudantes expressando insatisfação quanto à entrada de luz nos espaços. A predominância de iluminação artificial (Fig.75), sem mecanismos eficientes de controle da luminosidade natural, limita o uso do ambiente para atividades que exigem visibilidade adequada, como o desenho técnico e a produção de maquetes.

A temperatura (Fig. 77), em sua maioria, foi classificada como confortável, mesmo não havendo ventilação cruzada (Fig.78), o que pressupõe que o ambiente é condicionado artificialmente, já que o sistema parece funcionar bem (Fig. 79). Em termos de mobiliário, os ateliês da UFSM também deixam a desejar. As mesas e cadeiras são vistas como rígidas e inadequadas para o trabalho colaborativo, os estudantes parecem estar divididos se a disposição do mobiliário favorece ou não o trabalho em grupo (Fig. 80). Aparentemente, o mobiliário limita o dinamismo do espaço e o uso criativo do ambiente, essenciais para uma disciplina que demanda tanto trabalho coletivo quanto individual.

A acústica foi outra área de preocupação (Fig. 81), os estudantes parecem estar divididos, ainda que a acústica pareça bem avaliada

5.4.2.4 Aspectos Psicológicos e Emocionais

Os ateliês, foram descritos por muitos estudantes como espaços que não necessariamente inspiram a criatividade (Fig.83). A falta de elementos visuais estimulantes, como cores vibrantes ou texturas diversas, faz com que o ambiente seja percebido como neutro e impessoal. Essa falta de estímulos sensoriais pode prejudicar a capacidade dos alunos de desenvolverem ideias inovadoras e se sentirem motivados a explorar novas abordagens em seus projetos. A criatividade, sendo um elemento fundamental no curso de Arquitetura e Urbanismo, precisa de um ambiente que ative a mente dos estudantes, promovendo um fluxo de ideias que ultrapasse a mera funcionalidade.

5.4.2.5 Sensação de Pertencimento

A sensação de pertencimento é baixa. Muitos estudantes indicaram que o espaço não é inclusivo ou acolhedor (Fi.

Em uma escala de 1 a 5, como você avalia a iluminação *NATURAL* nos ateliês?

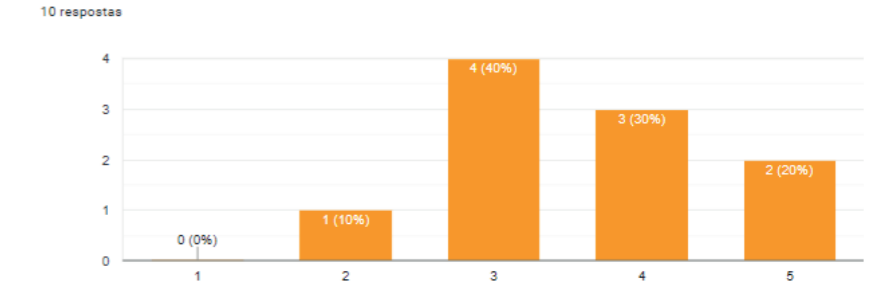


Figura 76 - Avaliação da Iluminação Natural. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UFSM-CS". Disponível em: <https://forms.gle/Qm6QQ3p7AAX8u9fs7>. Acesso em: 11 set. 2024.

Como você descreveria a temperatura nos ateliês?

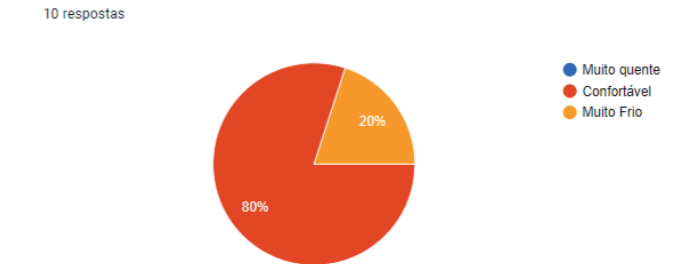


Figura 77 - Avaliação da Temperatura nos Ateliês. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UFSM-CS". Disponível em: <https://forms.gle/Qm6QQ3p7AAX8u9fs7>. Acesso em: 11 set. 2024.

Há ventilação cruzada (janelas em dois lados do ambiente)?

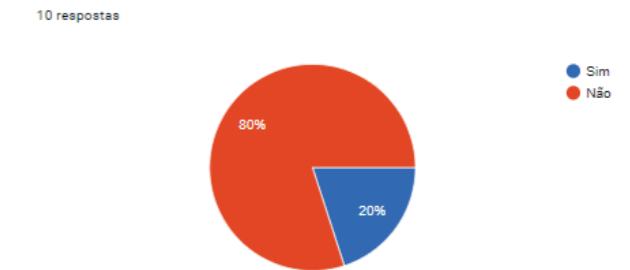


Figura 78 - Existência de Ventilação Cruzada. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UFSM-CS". Disponível em: <https://forms.gle/Qm6QQ3p7AAX8u9fs7>. Acesso em: 11 set. 2024.

Os ateliês possuem ar-condicionado/sistema de condicionamento de ar/ventiladores?

10 respostas

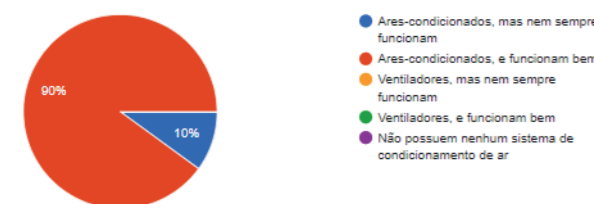


Figura 79 - Existência de sistema de condicionamento de ar. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UFSM-CS". Disponível em: <https://forms.gle/Qm6QQ3p7AAX8u9fs7>. Acesso em: 11 set. 2024.

Você acha que a disposição do mobiliário nos ateliês facilita ou dificulta o trabalho em grupo?

10 respostas

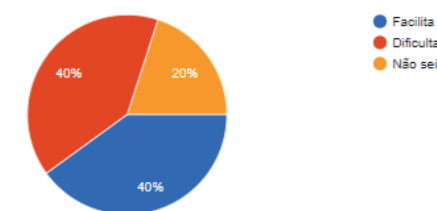


Figura 80 - Avaliação da Disposição do Mobiliário. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UFSM-CS". Disponível em: <https://forms.gle/Qm6QQ3p7AAX8u9fs7>. Acesso em: 11 set. 2024.

Como você avalia a qualidade da acústica nos ateliês?

10 respostas

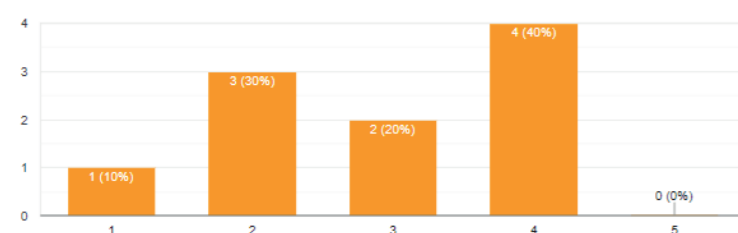


Figura 81 - Avaliação da Qualidade Acústica. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UFSM-CS". Disponível em: <https://forms.gle/Qm6QQ3p7AAX8u9fs7>. Acesso em: 11 set. 2024.

88), sendo percebido como impessoal e pouco estimulante. A falta de identificação com os valores e a cultura do ateliê reflete uma desconexão entre o ambiente físico e a prática acadêmica, o que leva a um distanciamento emocional dos estudantes. O ateliê, em vez de ser um local de troca de ideias e aprendizado, torna-se um espaço de passagem, onde os alunos se sentem obrigados a realizar suas atividades sem desenvolver uma relação afetiva com o ambiente.

5.4.2.6 O ateliê ideal

A visão dos estudantes sobre o ateliê ideal revela a importância de um espaço que vai além da funcionalidade técnica (Fig.94). Muitos indicaram que o ateliê ideal deveria incluir iluminação natural, áreas de convivência e um maior contato com a natureza, mostrando que os estudantes não querem apenas um local para executar projetos, mas um espaço que estimule a criatividade e o bem-estar. A presença de janelas amplas com vistas agradáveis e uma conexão com elementos naturais foi amplamente mencionada como essencial para um ambiente acolhedor e inspirador.

Em termos de mobiliário e recursos, os estudantes

apontaram a necessidade de equipamentos modernos como impressoras 3D, computadores potentes, projetores e uma maquete bem equipada. Esses recursos são fundamentais para que o ateliê seja um local de produção completa, onde os alunos possam desenvolver seus projetos de forma integrada, sem precisar buscar ferramentas fora da universidade. A falta desses equipamentos no ateliê atual parece ser uma limitação importante, o que afeta o desenvolvimento pleno dos projetos e contribui para a frustração dos alunos.

O ambiente emocional também foi uma preocupação destacada pelos estudantes. Eles descreveram o ateliê ideal como um espaço acolhedor, inspirador e estimulante, com cores, plantas e um design que traga vida e energia ao ambiente. A ausência desses elementos nos ateliês atuais reforça a sensação de que o ambiente é despersonalizado e frio, gerando desmotivação. Um estudante observou que “a arquitetura é colorida e alegre”, e o ateliê deveria refletir isso, trazendo mais elementos que conectem o espaço ao espírito criativo da profissão. Outro fator mencionado foi a necessidade de espaços flexíveis, que permitam uma reconfiguração do ambiente conforme a necessidade, favorecendo tanto o trabalho individual quanto as atividades em grupo.

Você acha que os espaços são adequados para a realização de atividades práticas, como maquetes e desenhos técnicos?

10 respostas

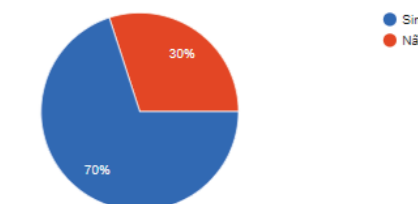


Figura 82 - Adequação dos Espaços às Atividades Práticas. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UFSM-CS". Disponível em: <https://forms.gle/Qm6QQ3p7AAX8u9fs7>. Acesso em: 11 set. 2024.

Os ateliês da sua universidades são espaços que te deixam inspirado(a) para desenvolver seus projetos?

10 respostas

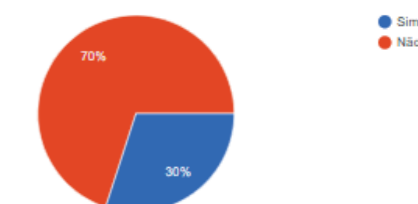


Figura 83 - Avaliação se os ateliês geram inspiração. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UFSM-CS". Disponível em: <https://forms.gle/Qm6QQ3p7AAX8u9fs7>. Acesso em: 11 set. 2024.

Como você descreveria o nível de estresse nos ateliês durante os períodos de alta demanda de trabalho?

10 respostas

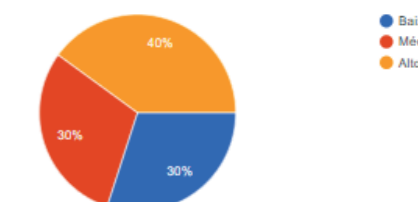


Figura 84 - Nível de estresse em períodos de alta demanda. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UFSM-CS". Disponível em: <https://forms.gle/Qm6QQ3p7AAX8u9fs7>. Acesso em: 11 set. 2024.

5.4.2.7 Perfil do Estudante

O perfil dos estudantes que frequentam os ateliês é bastante diverso, e isso reflete nas suas expectativas em relação ao ambiente de trabalho. Muitos relataram que preferem trabalhar em grupo ou que essa preferência varia de acordo com o tipo de projeto. Isso evidencia a necessidade de que o espaço ofereça flexibilidade para diferentes dinâmicas de trabalho. Estudantes que relataram preferir trabalhar sozinhos destacaram a importância de ambientes que permitam concentração e foco, enquanto aqueles que preferem trabalhar em grupo mencionaram a colaboração como uma das principais motivações para frequentar os ateliês.

A principal fonte de motivação dos estudantes está fortemente ligada ao interesse pelos projetos e pela obtenção de boas notas. No entanto, muitos mencionaram que o ambiente físico atual gera estresse e desmotivação, especialmente durante períodos de alta demanda. A falta de recursos adequados e o design pouco acolhedor dificultam a execução de atividades acadêmicas de forma satisfatória, tornando o ateliê mais um espaço de frustração do que de criação.

O uso de dispositivos eletrônicos como notebooks e ta-

Os ateliês proporcionam um ambiente propício para a criatividade?

10 respostas

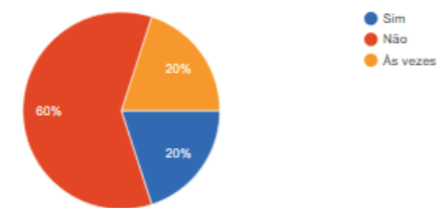


Figura 85 - Avaliação se o ambiente propicia a criatividade. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UFSM-CS". Disponível em: <https://forms.gle/Qm6Q-Q3p7AAX8u9fs7>. Acesso em: 11 set. 2024.

Como você se sente em relação à colaboração com seus colegas nos ateliês?

10 respostas

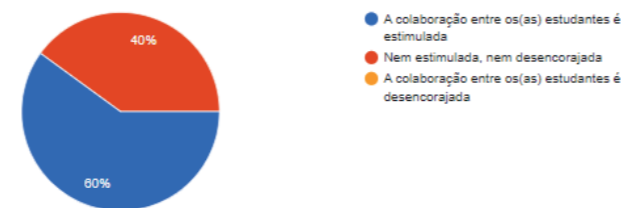


Figura 86 - Colaboração com os colegas. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UFSM-CS". Disponível em: <https://forms.gle/Qm6QQ3p7AAX8u9fs7>. Acesso em: 11 set. 2024.

Como você se sente em relação ao seu ateliê?

10 respostas

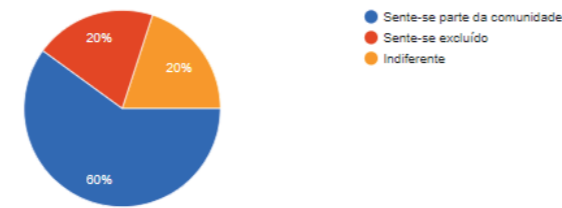


Figura 87 - Sentimento em relação ao ateliê. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UFSM-CS". Disponível em: <https://forms.gle/Qm6QQ3p7AAX8u9fs7>. Acesso em: 11 set. 2024.

blets é uma prática comum entre os estudantes, o que reforça a necessidade de espaços adequados para o uso desses equipamentos. Isso inclui a disponibilidade de tomadas e mesas apropriadas que permitam a integração do trabalho digital com o manual. Além disso, muitos estudantes mencionaram que a qualidade do ambiente físico influencia diretamente seu desempenho acadêmico. Um espaço que promova bem-estar, inspire criatividade e ofereça os recursos necessários é fundamental para que os alunos possam desenvolver seus projetos com qualidade e se sentir motivados a permanecer no ateliê por mais tempo.

A pesquisa com os estudantes de Arquitetura e Urbanismo da UFSM-CS revela que, embora os ateliês ofereçam o básico para a execução de atividades acadêmicas, eles carecem de elementos que estimulem a criatividade, o pertencimento e a colaboração. A ausência de um ambiente acolhedor, com recursos modernos e flexibilidade, gera frustração e desmotivação entre os alunos. O ateliê ideal, segundo os estudantes, deve ser um espaço dinâmico, que integre natureza, cores, flexibilidade e tecnologia, promovendo o desenvolvimento acadêmico e pessoal de forma equilibrada e inspiradora.

Você percebe que o ateliê é um espaço inclusivo e acolhedor para todos os estudantes?

10 respostas

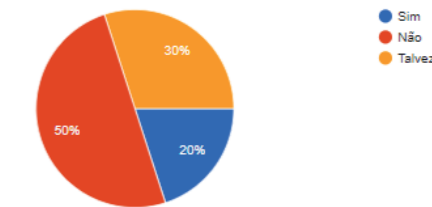


Figura 88 - Avaliação se o espaço é inclusivo e acolhedor. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UFSM-CS". Disponível em: <https://forms.gle/Qm6Q-Q3p7AAX8u9fs7>. Acesso em: 11 set. 2024.

Em que medida você se identifica com os valores e a cultura do ateliê? (princípios, crenças, normas e comportamentos que são valorizados e praticados dentro do ambiente do ateliê)

10 respostas

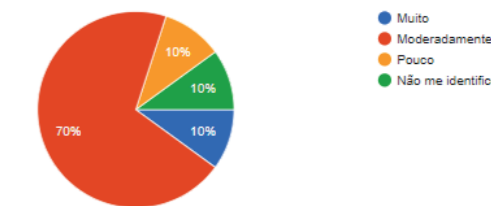


Figura 89 - Identificação com valores e cultura do ateliê. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UFSM-CS". Disponível em: <https://forms.gle/Qm6QQ3p7AAX8u9fs7>. Acesso em: 11 set. 2024.

Você se sente encorajado(a) a expressar suas opiniões e ideias nos ateliês?

10 respostas

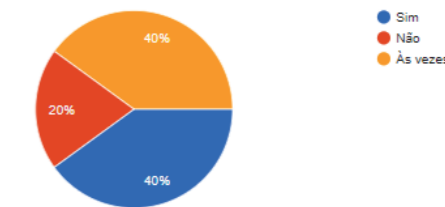


Figura 90 - Encorajamento à expressão de opiniões. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UFSM-CS". Disponível em: <https://forms.gle/Qm6QQ3p7AAX8u9fs7>. Acesso em: 11 set. 2024.

Você prefere trabalhar sozinho(a) ou em grupo?

10 respostas

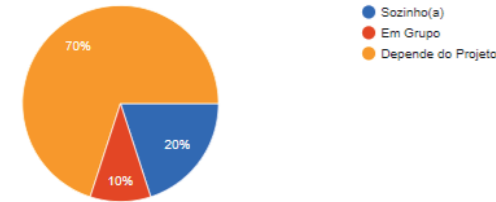


Figura 91 - Preferência de forma de trabalho. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UFSM-CS". Disponível em: <https://forms.gle/Qm6QQ3p7AAX8u9fs7>. Acesso em: 11 set. 2024.

Qual a sua principal fonte de motivação para frequentar os ateliês?

10 respostas

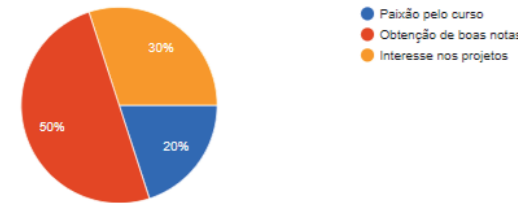


Figura 92 - Motivação para frequentar os ateliês. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UFSM-CS". Disponível em: <https://forms.gle/Qm6QQ3p7AAX8u9fs7>. Acesso em: 11 set. 2024.

Você costuma utilizar dispositivos eletrônicos (como notebooks, tablets) nos ateliês para auxiliar nos estudos?

10 respostas

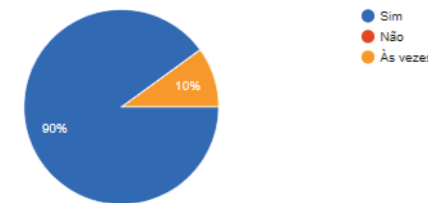


Figura 93 - Uso de dispositivos eletrônicos. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UFSM-CS". Disponível em: <https://forms.gle/Qm6QQ3p7AAX8u9fs7>. Acesso em: 11 set. 2024.

Quais características arquitetônicas seriam essenciais para o seu ateliê ideal?

10 respostas

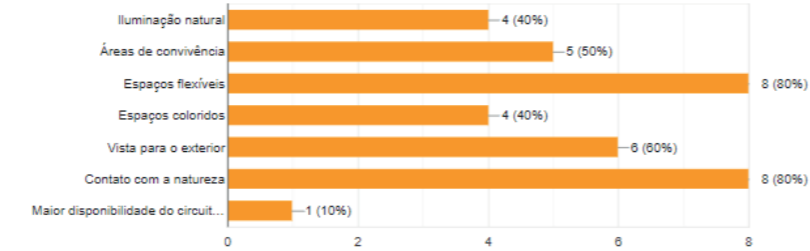


Figura 94 - Características arquitetônicas essenciais para o ateliê ideal. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UFSM-CS". Disponível em: <https://forms.gle/Qm6QQ3p7AAX8u9fs7>. Acesso em: 11 set. 2024.

Que tipo de recursos e equipamentos você gostaria que estivessem disponíveis no ateliê ideal?

10 respostas

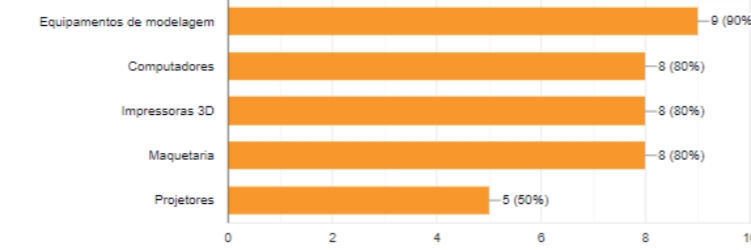


Figura 95 - Equipamentos e recursos para o ateliê ideal. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UFSM-CS". Disponível em: <https://forms.gle/Qm6QQ3p7AAX8u9fs7>. Acesso em: 11 set. 2024.

Qual seria o ambiente emocional do ateliê ideal? (marque todos que julgar ideais)

10 respostas

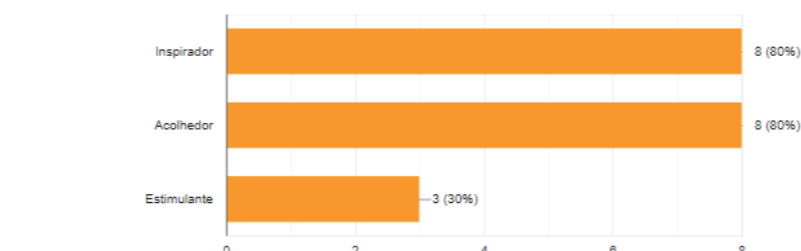
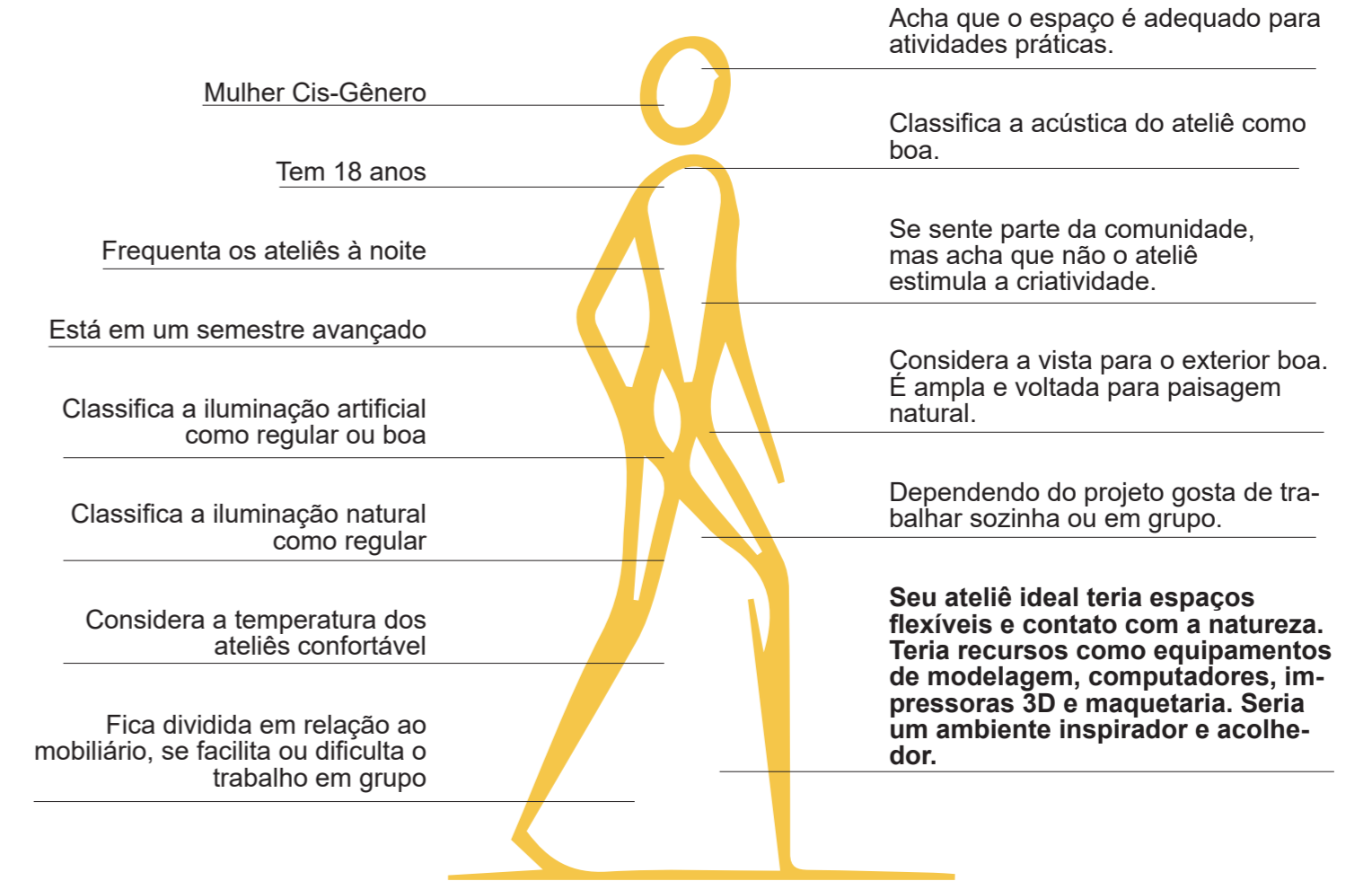


Figura 96 - Ambiente emocional do ateliê ideal. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UFSM-CS". Disponível em: <https://forms.gle/Qm6QQ3p7AAX8u9fs7>. Acesso em: 11 set. 2024.

UFSM-CS PERSONA - RECORTE DA PESQUISA



Fonte: A autora, 2024.

Qual é a sua idade? (Por favor, responda apenas o número. Ex: 25)

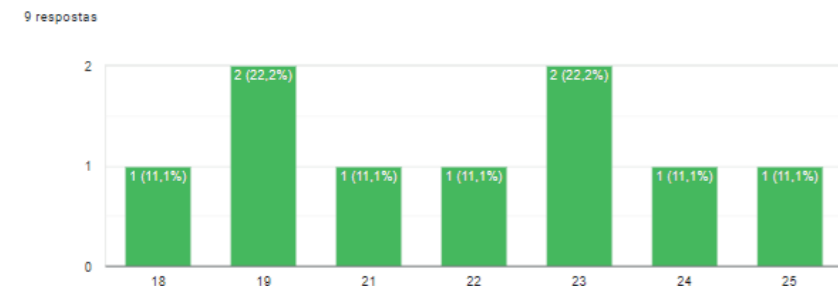


Figura 97 - Idade dos participantes. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UNISC". Disponível em: <https://forms.gle/gzFX4P8FyoWTKkL17>. Acesso em: 11 set. 2024.

Qual é a sua identidade de gênero?

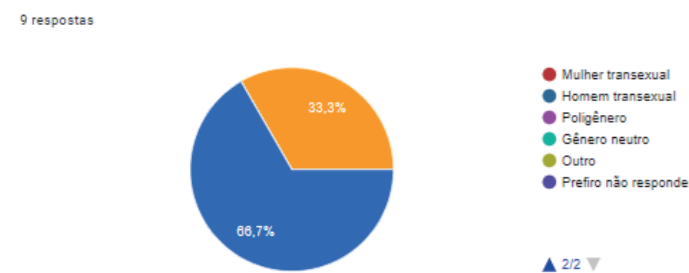


Figura 98 - Identidade de gênero dos participantes. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UNISC". Disponível em: <https://forms.gle/gzFX4P8FyoWTKkL17>. Acesso em: 11 set. 2024.

Você mora na mesma cidade da sua universidade?

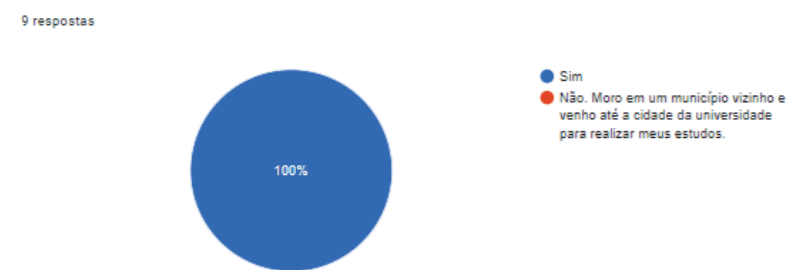


Figura 99 - Participantes que moram na mesma cidade da universidade. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UNISC". Disponível em: <https://forms.gle/gzFX4P8FyoWTKkL17>. Acesso em: 11 set. 2024.

5.4.3 Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC)

5.4.3.1 Informações Demográficas

A análise revela um perfil jovem, com a maioria na faixa etária de 20 a 25 anos, semelhante ao observado na UFSM-CS. No entanto, um aspecto crucial que diferencia a UNISC é o fato de a maioria dos estudantes residir na mesma cidade onde a universidade está localizada. Isso sugere que eles passam mais tempo nos ateliês, o que reforça a importância de um ambiente flexível e confortável, capaz de atender às suas demandas cotidianas.

A frequência mais constante exige que o espaço ofereça maior adaptabilidade para acomodar atividades diversas ao longo do dia, incluindo intervalos e momentos de descanso. Além disso, essa proximidade com o campus pode influenciar a forma como os estudantes se relacionam com o espaço, gerando uma expectativa de que o ambiente contribua para uma experiência acadêmica mais integrada, acolhedora e funcional.

5.4.3.2 Aspectos Físicos do Ambiente

Os aspectos físicos dos ateliês da UNISC, de forma si-

mlar à UFSM-CS, foram fonte de insatisfação dos estudantes, com destaque para a questão da iluminação. A falta de controle eficiente da luz natural impacta diretamente a visibilidade e o conforto visual, criando um ambiente que pode ser inadequado para atividades que exigem precisão, como o desenho técnico e maquetes. O desequilíbrio entre luz natural e artificial também contribui para a fadiga visual, comprometendo o rendimento dos estudantes ao longo do dia.

O mobiliário rígido e fixo, composto por grandes mesas, limita a possibilidade de reorganizar o espaço para trabalhos em grupo, algo fundamental em cursos que demandam colaboração constante. A acústica, por sua vez, foi outro ponto crítico, uma vez que o nível de ruído interfere na concentração, dificultando o trabalho coletivo e individual em momentos de maior demanda.

5.4.3.3 Aspectos Psicológicos e Emocionais

Do ponto de vista psicológico, o ambiente é descrito como pouco estimulante. A ausência de elementos visuais marcantes, como cores, texturas e detalhes arquitetônicos que remetam à criatividade, faz com que o espaço seja percebido

Em qual(is) período(s) você frequenta os ateliês? (Selecione mais de um, se for o caso)

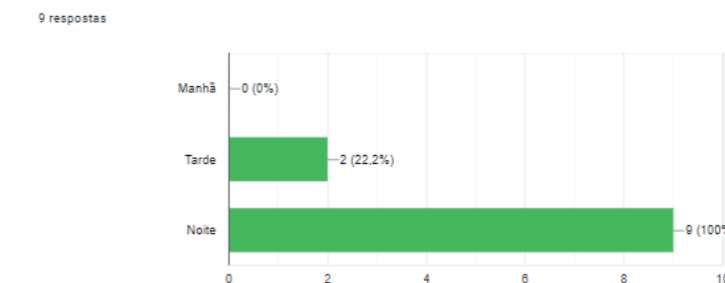


Figura 100 - Períodos que os participantes frequentam os ateliês. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UNISC". Disponível em: <https://forms.gle/gzFX4P8FyoWTKkL17>. Acesso em: 11 set. 2024.

Em qual semestre/período você está?

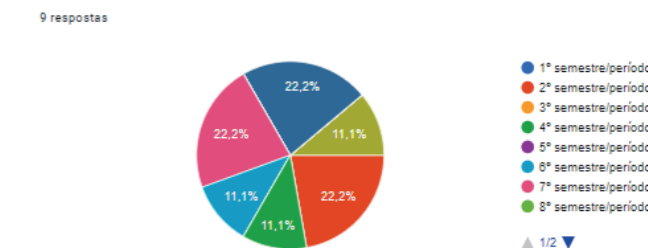


Figura 101 - Semestres em que os participantes estão. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UNISC". Disponível em: <https://forms.gle/gzFX4P8FyoWTKkL17>. Acesso em: 11 set. 2024.

Em uma escala de 1 a 5, como você avalia a iluminação *ARTIFICIAL* nos ateliês?

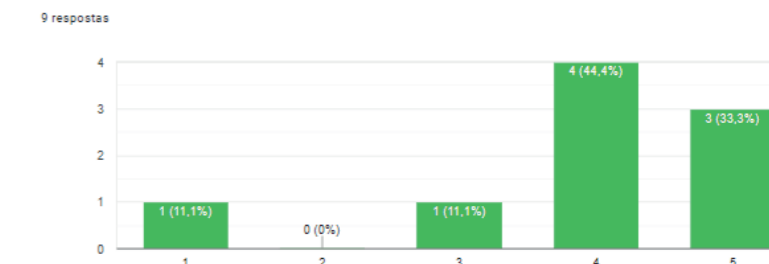


Figura 102 - Avaliação da Iluminação Artificial. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UNISC". Disponível em: <https://forms.gle/gzFX4P8FyoWTKkL17>. Acesso em: 11 set. 2024.

como impessoal e desprovido de inspiração. Em um curso que exige inovação e originalidade, essa carência de estímulos visuais pode minar a motivação dos estudantes e reduzir a sensação de engajamento.

O estresse também é uma constante, especialmente em períodos de alta demanda acadêmica, como a entrega de projetos. O espaço físico, ao invés de aliviar essa pressão, parece acentuá-la, criando uma atmosfera de tensão contínua. A falta de áreas de descontração ou elementos que promovam o bem-estar emocional contribui para a percepção de que o ambiente acadêmico não oferece o suporte necessário para enfrentar os desafios cotidianos.

5.4.3.4 Sensação de Pertencimento

A sensação de pertencimento nos ateliês da UNISC é baixa, o que reflete a falta de acolhimento percebida pelos estudantes. Eles não se sentem incentivados a expressar suas ideias ou a interagir de forma colaborativa, em grande parte devido ao caráter impessoal do espaço. Essa percepção de impessoalidade gera um distanciamento emocional entre os estudantes e o ateliê, o que é prejudicial, considerando que o ateliê

Em uma escala de 1 a 5, como você avalia a iluminação *NATURAL* nos ateliês?

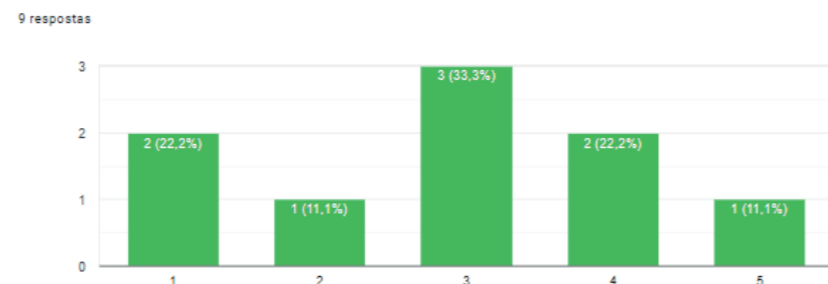


Figura 103 - Avaliação da Iluminação Natural. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UNISC". Disponível em: <https://forms.gle/gzFX4P8FyoWTKkL17>. Acesso em: 11 set. 2024.

Como você descreveria a temperatura nos ateliês?

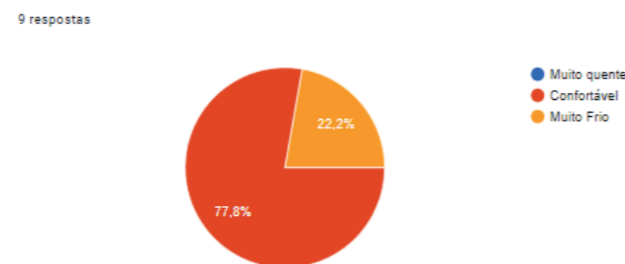


Figura 104 - Avaliação da Temperatura nos Ateliês. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UNISC". Disponível em: <https://forms.gle/gzFX4P8FyoWTKkL17>. Acesso em: 11 set. 2024.

Há ventilação cruzada (janelas em dois lados do ambiente)?

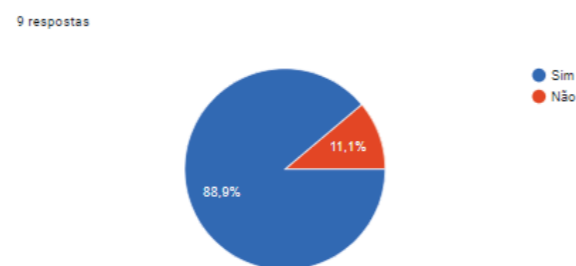


Figura 105 - Existência de Ventilação Cruzada. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UNISC". Disponível em: <https://forms.gle/gzFX4P8FyoWTKkL17>. Acesso em: 11 set. 2024.

deveria ser um local que estimula a criatividade e a troca de conhecimentos. A ausência de elementos que promovam integração, como áreas comuns bem desenhadas ou espaços que favoreçam a socialização, acentua esse distanciamento, tornando o ambiente mais técnico do que colaborativo. Assim, os estudantes acabam tratando o ateliê como um local puramente utilitário, sem a sensação de pertencimento ou de envolvimento emocional com o espaço.

5.4.3.5 O ateliê ideal

O ateliê ideal, segundo os estudantes da UNISC, seria um espaço flexível, que pudesse ser adaptado conforme as diferentes necessidades acadêmicas. Eles sugerem a incorporação de mobiliário reconfigurável, como mesas modulares e cadeiras ergonômicas, que pudessem ser rearranjadas para favorecer tanto o trabalho individual quanto em grupo. A iluminação natural seria um dos principais elementos a ser explorado, com grandes janelas e recursos que permitam o controle da intensidade da luz.

Além disso, o uso de tecnologias avançadas, como impressoras 3D, projetores e estações de trabalho digitais, é visto como

Os ateliês possuem ar-condicionado/sistema de condicionamento de ar/ventiladores?

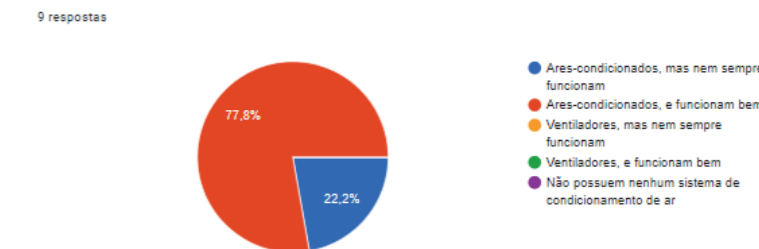


Figura 105 - Existência de sistema de condicionamento de ar. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UNISC". Disponível em: <https://forms.gle/gzFX4P8FyoWTKkL17>. Acesso em: 11 set. 2024.

Você acha que a disposição do mobiliário nos ateliês facilita ou dificulta o trabalho em grupo?

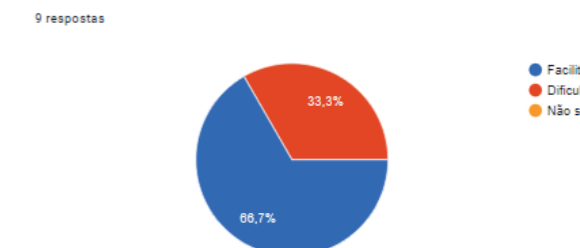


Figura 106 - Avaliação da Disposição do Mobiliário. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UNISC". Disponível em: <https://forms.gle/gzFX4P8FyoWTKkL17>. Acesso em: 11 set. 2024.

Como você avalia a qualidade da acústica nos ateliês?

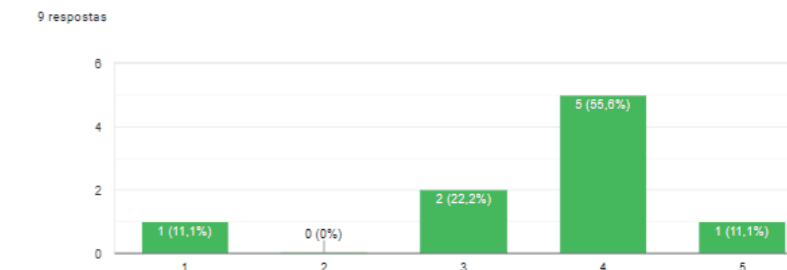


Figura 107 - Avaliação da Qualidade Acústica. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UNISC". Disponível em: <https://forms.gle/gzFX4P8FyoWTKkL17>. Acesso em: 11 set. 2024.

Você acha que os espaços são adequados para a realização de atividades práticas, como maquetes e desenhos técnicos?

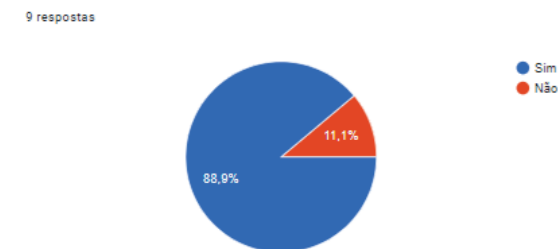


Figura 108 - Adequação dos Espaços às Atividades Práticas. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UNISC". Disponível em: <https://forms.gle/gzFX4P8FyoWTKkL17>. Acesso em: 11 set. 2024.

Os ateliês da sua universidades são espaços que te deixam inspirado(a) para desenvolver seus projetos?

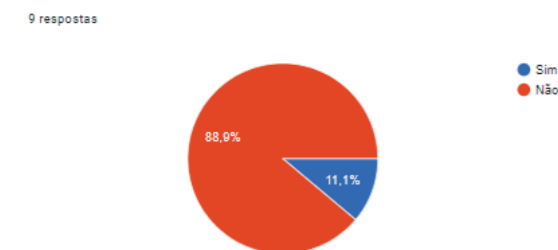


Figura 109 - Avaliação se os ateliês geram inspiração. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UNISC". Disponível em: <https://forms.gle/gzFX4P8FyoWTKkL17>. Acesso em: 11 set. 2024.

Como você descreveria o nível de estresse nos ateliês durante os períodos de alta demanda de trabalho?

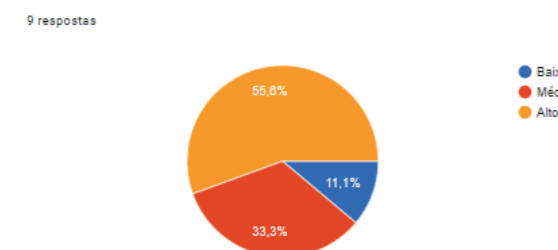


Figura 110 - Nível de estresse em períodos de alta demanda. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UNISC". Disponível em: <https://forms.gle/gzFX4P8FyoWTKkL17>. Acesso em: 11 set. 2024.

essencial para facilitar o desenvolvimento de projetos mais complexos. O ateliê ideal também incluiria elementos que promovam o bem-estar emocional, como a presença de cores estimulantes, texturas variadas e áreas de convivência onde os alunos possam relaxar e socializar. Esses fatores seriam fundamentais para criar um ambiente que alie produtividade e conforto, promovendo um espaço mais humano e adaptado às necessidades contemporâneas do ensino de arquitetura.

5.4.3.6 Perfil do Estudante

O perfil do estudante da UNISC reflete uma clara preferência por trabalhar em grupo, especialmente em projetos de maior escala que exigem colaboração e troca de ideias. No entanto, para atividades mais técnicas ou que demandam foco individual, muitos optam por trabalhar sozinhos, o que ressalta a necessidade de um espaço versátil, capaz de acomodar diferentes dinâmicas de trabalho.

A motivação para frequentar os ateliês está diretamente ligada ao desenvolvimento de projetos práticos e à busca por boas notas, o que reflete a natureza orientada para resultados dos estudantes. O uso de dispositivos eletrônicos, como notebooks e

Os ateliês proporcionam um ambiente propício para a criatividade?

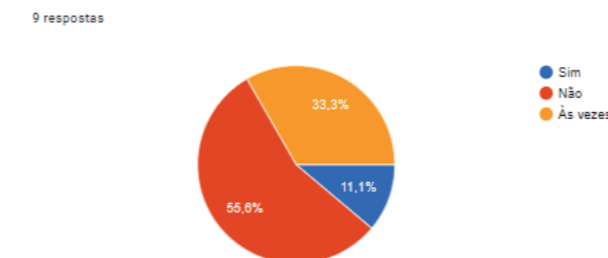


Figura 111 - Avaliação se o ambiente propicia a criatividade. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UNISC". Disponível em: <https://forms.gle/gzFX4P8FyoWTKkL17>. Acesso em: 11 set. 2024.

Como você se sente em relação à colaboração com seus colegas nos ateliês?

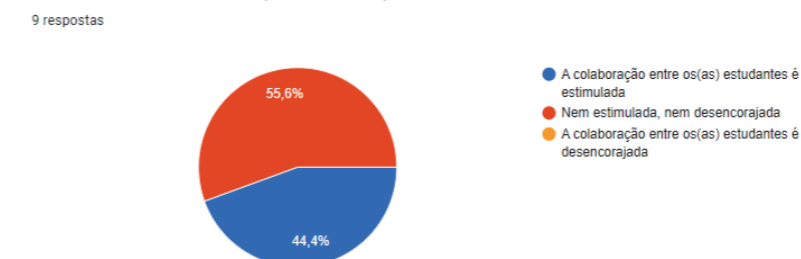


Figura 112 - Colaboração com os colegas. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UNISC". Disponível em: <https://forms.gle/gzFX4P8FyoWTKkL17>. Acesso em: 11 set. 2024.

Como você se sente em relação ao seu ateliê?

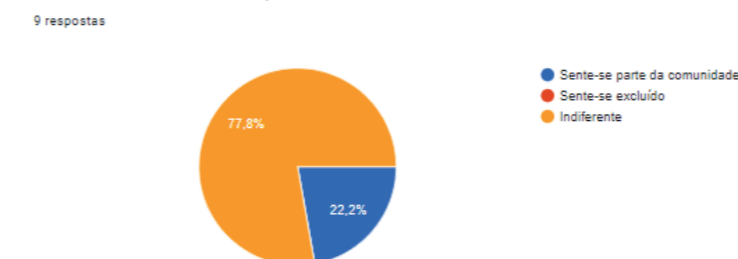


Figura 113 - Sentimento em relação ao ateliê. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UNISC". Disponível em: <https://forms.gle/gzFX4P8FyoWTKkL17>. Acesso em: 11 set. 2024.

Você percebe que o ateliê é um espaço inclusivo e acolhedor para todos os estudantes?

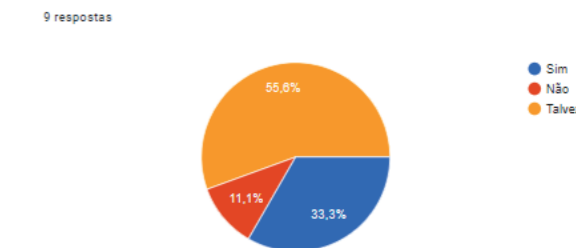


Figura 114 - Avaliação se o espaço é inclusivo e acolhedor. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UFSM-CS". Disponível em: <https://forms.gle/gzFX4P8FyoWTKkL17>. Acesso em: 11 set. 2024.

Em que medida você se identifica com os valores e a cultura do ateliê? (princípios, crenças, normas e comportamentos que são valorizados e praticados dentro do ambiente do ateliê)

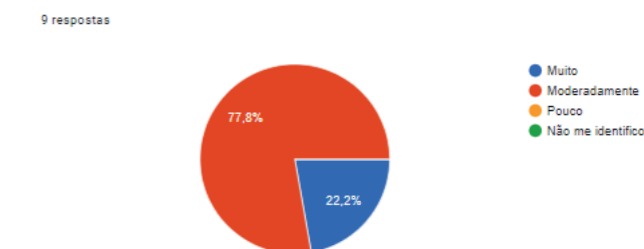


Figura 115 - Identificação com valores e cultura do ateliê. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UNISC". Disponível em: <https://forms.gle/gzFX4P8FyoWTKkL17>. Acesso em: 11 set. 2024.

Você se sente encorajado(a) a expressar suas opiniões e ideias nos ateliês?

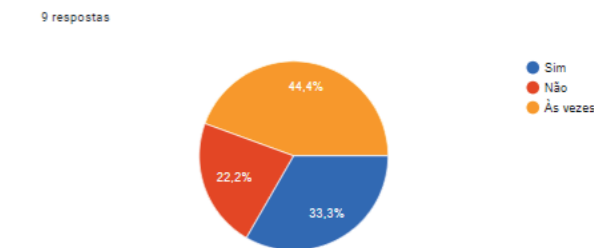


Figura 116 - Encorajamento à expressão de opiniões. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UNISC". Disponível em: <https://forms.gle/gzFX4P8FyoWTKkL17>. Acesso em: 11 set. 2024.

Você prefere trabalhar sozinho(a) ou em grupo?

9 respostas

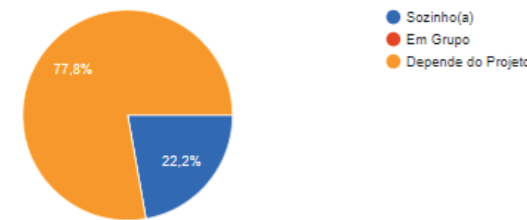


Figura 117 - Preferência de forma de trabalho. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UNISC". Disponível em: <https://forms.gle/gzFX4P8FyoWTKkL17>. Acesso em: 11 set. 2024.

Qual a sua principal fonte de motivação para frequentar os ateliês?

9 respostas

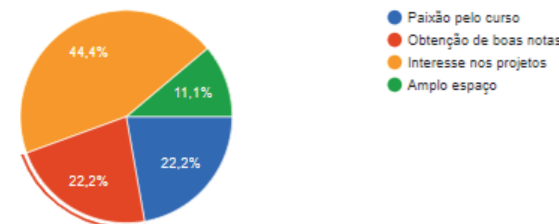


Figura 118 - Motivação para frequentar os ateliês. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UNISC". Disponível em: <https://forms.gle/gzFX4P8FyoWTKkL17>. Acesso em: 11 set. 2024.

Você costuma utilizar dispositivos eletrônicos (como notebooks, tablets) nos ateliês para auxiliar nos estudos?

9 respostas

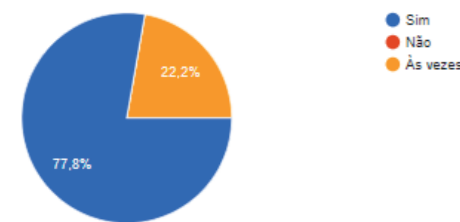


Figura 119 - Uso de dispositivos eletrônicos. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UNISC". Disponível em: <https://forms.gle/gzFX4P8FyoWTKkL17>. Acesso em: 11 set. 2024.

Quais características arquitetônicas seriam essenciais para o seu ateliê ideal?

9 respostas



Figura 120 - Características arquitetônicas essenciais para o ateliê ideal. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UNISC". Disponível em: <https://forms.gle/gzFX4P8FyoWTKkL17>. Acesso em: 11 set. 2024.

Que tipo de recursos e equipamentos você gostaria que estivessem disponíveis no ateliê ideal?

9 respostas

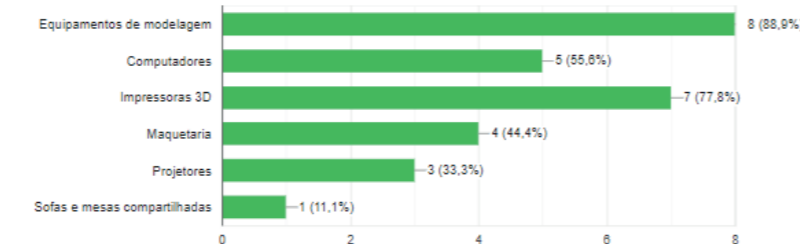


Figura 121 - Equipamentos e recursos para o ateliê ideal. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UNISC". Disponível em: <https://forms.gle/gzFX4P8FyoWTKkL17>. Acesso em: 11 set. 2024.

Qual seria o ambiente emocional do ateliê ideal? (marque todos que julgar ideais)

9 respostas

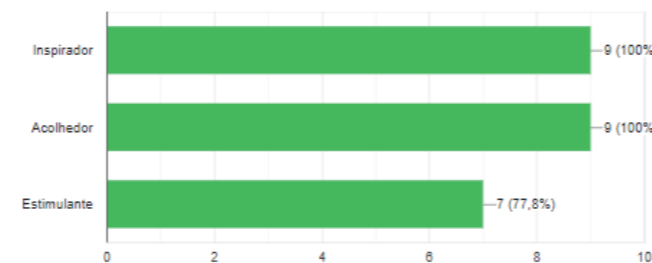
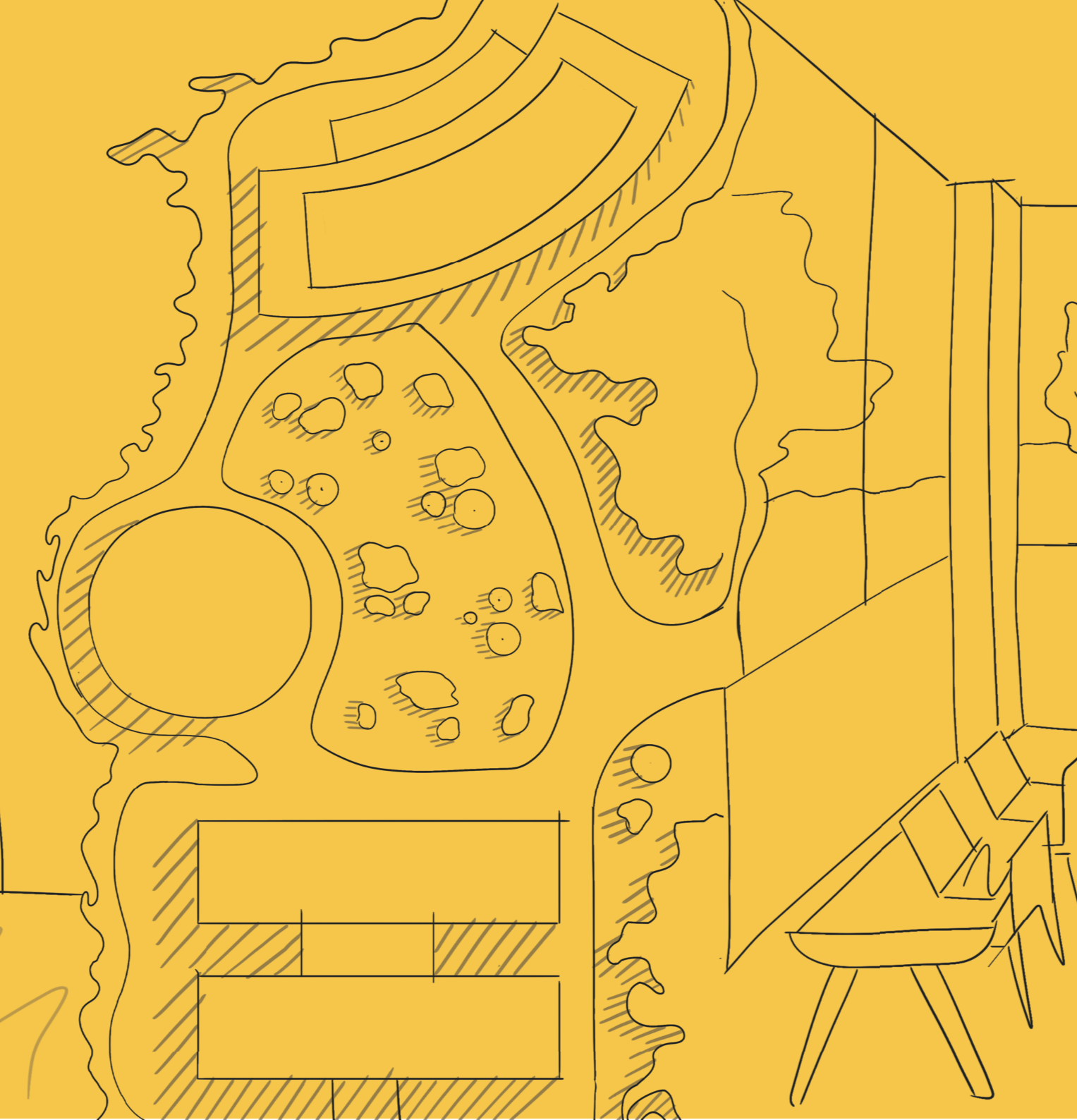


Figura 122 - Ambiente emocional do ateliê ideal. Fonte: MOREIRA, Thays. "Ateliês de Arquitetura e Urbanismo: Como é o seu? - UNISC". Disponível em: <https://forms.gle/gzFX4P8FyoWTKkL17>. Acesso em: 11 set. 2024.

UNISC PERSONA - RECORTE DA PESQUISA



Fonte: A autora, 2024.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

6.1 PROPOSIÇÕES PARA A CONSTRUÇÃO DE UM AMBIENTE PEDAGÓGICO

Nesta seção são abordadas as considerações finais e propostas para proporcionar um ambiente mais interessante para o aprendizado. É importante ressaltar que aqui não serão abordadas leis ou diretrizes, mas sugestões com base em todo o trabalho desenvolvido nos capítulos anteriores. Da mesma forma que foram avaliados os estudos de caso, serão abordadas recomendações gerais para um ateliê mais agradável e eficiente, entre elas: distribuição do espaço, acessibilidade, iluminação (e outras abordagens de conforto ambiental) e mobiliário.

6.1.1 Discussão

A pesquisa realizada trouxe uma série de surpresas ao confrontar as expectativas iniciais com a realidade dos espaços visitados. A observação do cenário vivido na UNILA foi, inicialmente, permeada por uma visão pessimista, reforçada pelas dificuldades cotidianas de utilização do ateliê. Contudo, a análise mais aprofundada revelou que, mesmo diante de limitações estruturais, a configuração do curso na UNILA oferece elementos

inovadores que podem ser aprimorados. O processo de comparação com outras universidades, como a UFSM e a UNISC, demonstrou que há uma padronização generalizada dos espaços de ensino em Arquitetura e Urbanismo, que muitas vezes não corresponde às necessidades do estudante.

Os ateliês dessas instituições apresentaram um ambiente que contraria a essência do curso, afastando-se do que deveria ser uma incubadora de criatividade. Em vez de proporcionar uma atmosfera estimulante, os espaços se revelaram gélidos, inflexíveis e, muitas vezes, estéreis. A proposta pedagógica do curso de Arquitetura e Urbanismo demanda um ambiente que não seja apenas funcional, mas também inspirador — um espaço onde a criatividade flua naturalmente e onde a apropriação do espaço pelo estudante seja incentivada —.

Um dos elementos mais importantes do processo de ensino em Arquitetura é a experimentação. O ateliê é, ou deveria ser, o espaço central onde isso ocorre. Porém, quando esse ambiente carece de elementos fundamentais, como mobiliário ajustável, materiais adequados e iluminação apropriada, o aprendizado se torna uma tarefa árdua. Nessas condições, os estudantes passam a utilizar sua criatividade não para projetar,

mas para contornar as limitações do próprio espaço.

Essa dicotomia entre o que o ateliê deveria ser e o que ele é na prática gera uma tensão entre a resiliência exigida dos estudantes e o verdadeiro potencial criativo que o curso visa desenvolver. É imperativo repensar a função desses espaços. Um ateliê de Arquitetura e Urbanismo deve, acima de tudo, ser um lugar de acolhimento, onde a troca de ideias e a inovação sejam fomentadas pela própria estrutura física e simbólica do ambiente.

6.1.2 Distribuição do Espaço

De acordo com a pesquisa feita, a distribuição do espaço em um ateliê de Arquitetura e Urbanismo deve ser pensada para promover flexibilidade e dinamismo, permitindo que o ambiente se adapte às necessidades diversas dos estudantes e professores e dinâmicas de aulas.

É interessante que o leiaute seja configurado de forma modular, com mobiliário que possa ser reconfigurado rapidamente para acomodar tanto atividades individuais quanto colaborativas. A organização tradicional das mesas em fileiras seguidas, que tende a limitar a interação e a flexibilidade, pode

ser substituída por uma disposição que favoreça o trabalho coletivo e o intercâmbio de ideias, mantendo a autonomia para reconfigurações conforme as demandas das disciplinas.

A setorização dentro do ateliê também pode se mostrar proveitosa para otimizar o uso do espaço. Por exemplo, áreas dedicadas ao trabalho prático — como a construção de maquetes e o desenho técnico — podem ser separadas das zonas de discussão e apresentação, criando uma organização funcional que apoia as diferentes etapas do processo criativo. Além disso, a circulação precisa ser ampla, permitindo fácil movimentação entre as áreas e garantindo acessibilidade para todos(as) os(as) estudantes, inclusive aqueles(as) com mobilidade reduzida.

6.1.3 Acessibilidade

A acessibilidade é um aspecto essencial para que o ateliê seja inclusivo e acolhedor para todos os estudantes. Para garantir que o ambiente seja acessível, é necessário atender às normas vigentes e ir além, criando um espaço verdadeiramente fluido. O piso deve ser nivelado, sem barreiras físicas que possam prejudicar a mobilidade, e os corredores devem ser suficientemente amplos para permitir o livre deslocamento de

cadeiras de rodas e outros dispositivos de apoio. Além disso, a disposição dos móveis deve ser organizada de maneira a facilitar a circulação e o acesso a todos os recursos do ateliê, como mesas de trabalho, áreas de maquete e estantes de materiais.

É importante também considerar a acessibilidade cognitiva, ou seja, a facilidade de compreensão e orientação no espaço. O leiaute deve ser intuitivo, com uma sinalização clara que permita a navegação rápida pelo ambiente, que não necessariamente precisa ser feita como as tradicionais placas de identificação, mas a partir do mobiliário já é possível definir os espaços.

A organização do mobiliário e dos materiais de trabalho também precisa ser pensada de modo a evitar desordem e confusão, criando um espaço mais funcional e acessível para todos. Para completar, a criação de áreas de descanso e decompressão dentro do ateliê é fundamental para que os estudantes possam relaxar e se revitalizar em momentos de alta demanda ou estresse, algo comum nos períodos intensos do curso.

6.1.4 Iluminação e Conforto Ambiental

A iluminação é um elemento crucial para o conforto visual e a produtividade no ateliê, especialmente considerando as demandas de precisão no trabalho. Para criar um ambiente que favoreça tanto o trabalho manual quanto o digital, é necessário garantir um equilíbrio eficiente entre a luz natural e a artificial. Janelas amplas podem ser incorporadas ao projeto do ateliê, permitindo a entrada de luz natural, que não só melhora a visibilidade, mas também contribui para o bem-estar psicológico dos estudantes. O controle dessa luz natural, no entanto, deve ser garantido com o uso de persianas ou cortinas ajustáveis, permitindo que o ambiente se adapte a diferentes atividades e horários do dia.

A iluminação artificial também deve ser planejada (ou adaptada) com cuidado. Luminárias que distribuem a luz de maneira uniforme, com uma temperatura de cor neutra, são interessantes para ajudar na produção de uma maquete detalhada, por exemplo. É recomendável o uso de sistemas ajustáveis de intensidade de luz, como *dimmers* (ou também chamados de dimerizadores), para que a iluminação possa ser adaptada às diferentes atividades — desde os trabalhos em detalhes até as projeções em sala de aula —.

Além disso, o conforto térmico precisa ser garantido por meio de uma ventilação cruzada eficiente e sistemas de ar-condicionado que mantenham a temperatura estável. O controle acústico também deve ser considerado, com materiais que minimizem o ruído externo e interno, favorecendo a concentração em momentos de trabalho mais técnico ou criativo.

6.1.5 Mobiliário

O mobiliário de um ateliê de Arquitetura e Urbanismo deve ser pensado com base na flexibilidade e ergonomia, atendendo às diferentes necessidades do curso. As mesas de trabalho precisam ser amplas o suficiente para acomodar o desenhos, plantas e a produção de maquetes, mas ao mesmo tempo, devem ser leves e móveis, permitindo que o espaço seja reconfigurado conforme as exigências de cada aula ou projeto. O uso de mesas modulares é uma solução interessante para promover essa adaptabilidade, evitando que o espaço se torne rígido e pouco propício para a experimentação.

As cadeiras, por sua vez, precisam ser ergonômicas, oferecendo suporte adequado para longas jornadas de estudo e trabalho. O uso prolongado de cadeiras desconfortáveis pode

prejudicar não apenas a saúde física dos estudantes, mas também sua concentração e rendimento acadêmico. A ergonomia, portanto, é um aspecto que não pode ser negligenciado. Além disso, o mobiliário deve ser durável e fácil de manter, pois um ateliê bem equipado e em boas condições contribui diretamente para a motivação e o engajamento dos estudantes.

A organização do espaço também passa pela disponibilidade de armários e gaveteiros que facilitem o armazenamento de materiais de forma eficiente. Esses itens, quando bem distribuídos, ajudam a manter o ambiente organizado e funcional, evitando o acúmulo de objetos que comprometem o espaço criativo, mas não se pode esquecer de que os estudantes devem manter essa consciência coletiva de organização do espaço. A organização física reflete diretamente no conforto mental dos estudantes, criando um ambiente mais harmonioso e propício ao trabalho colaborativo e individual.

6.1.5 Considerações Finais

A diversidade observada nas diferentes instituições participantes desta pesquisa levou a uma conclusão inevitável: não existe um modelo universal para o ambiente ideal de um

ateliê de Arquitetura. A tentativa de padronizar esses espaços, como foi observado em várias universidades, ignora o fato de que cada curso possui suas particularidades, suas demandas pedagógicas e, principalmente, seu próprio perfil de estudantes. É essencial que cada curso de Arquitetura e Urbanismo desenvolva um ateliê adaptado ao seu Projeto Pedagógico do Curso (PPC), e à sua *persona*, considerando as características únicas de seu corpo discente.

Ao propor um ambiente pedagógico ideal, deve-se abandonar a ideia de que funcionalidade por si só é suficiente. A arquitetura de um espaço educacional precisa transcender o conceito modernista de eficiência e funcionalidade, passando a abarcar também o bem-estar emocional, a criatividade e o engajamento dos usuários. Assim como uma casa é adaptada às necessidades de seus moradores, o ateliê deve ser pensado para aqueles que o habitam diariamente. Se os estudantes passam grande parte de seu tempo nesse ambiente, ele deve ser não apenas funcional, mas também acolhedor e adaptável às suas necessidades acadêmicas e emocionais.

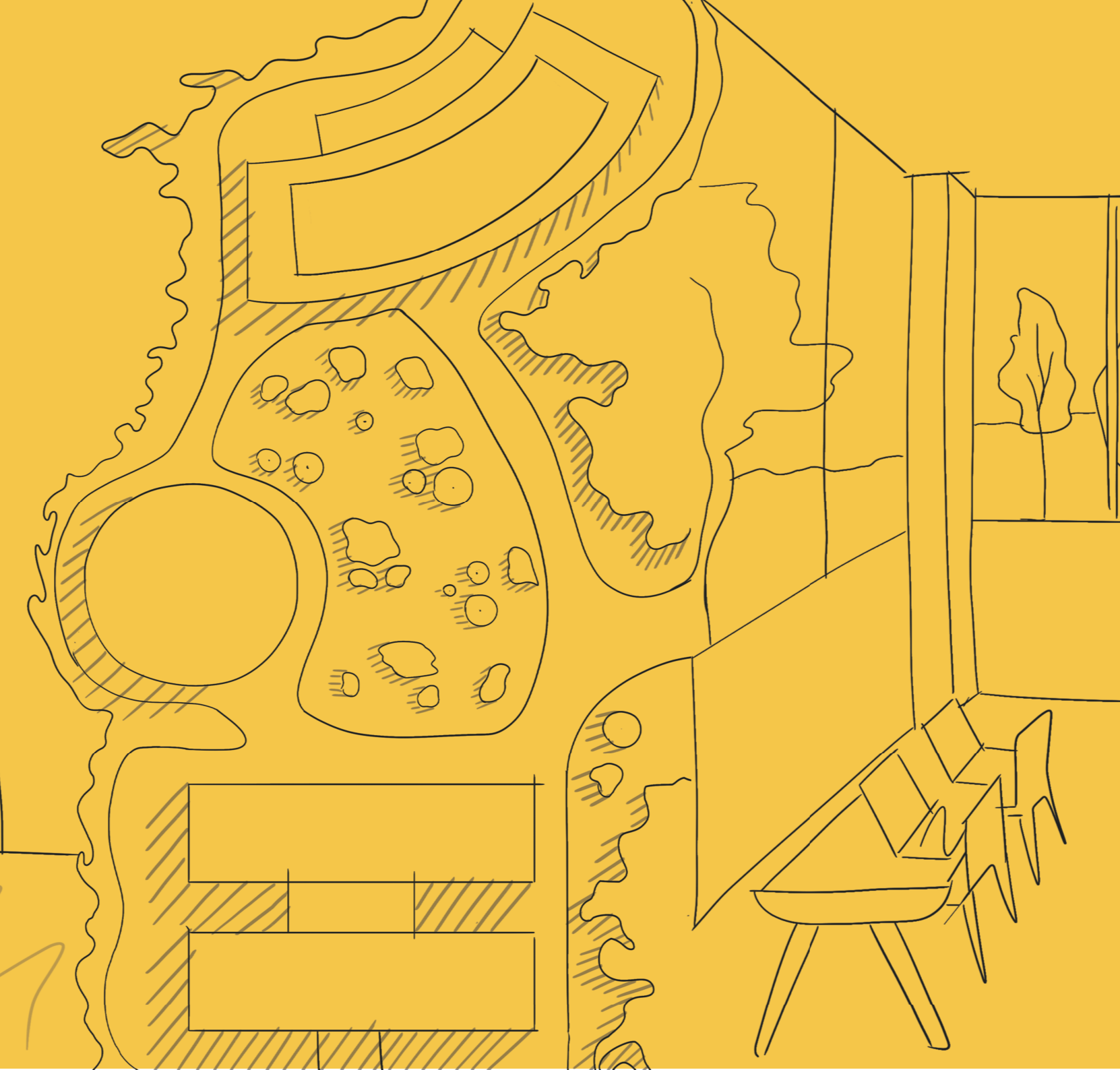
A arquitetura não pode ser dissociada das emoções e das sensações humanas. Se o principal propósito de um espa-

ço é ser habitado, então deve-se reconhecer que o habitante — no caso, o estudante — é o elemento central da equação. Não considerar a diversidade de perfis e experiências dos usuários do ateliê é ignorar um princípio fundamental da Arquitetura. É possível pontuar sugestões mais amplas, como feitas anteriormente, porém é preciso fazer um estudo (de tempos em tempos, já que esse público se renova a cada cinco anos, em média) do usuário que frequenta o ateliê. Por isso, é crucial que as universidades realizem estudos contínuos, como a Avaliação Pós-Ocupação (APO), para monitorar e ajustar o ambiente às mudanças no perfil dos estudantes ao longo do tempo.

Essas avaliações periódicas devem levar em consideração não apenas os aspectos técnicos, mas também as impressões subjetivas dos usuários. Unir análises quantitativas — como normativas técnicas e simulações computacionais — com abordagens qualitativas, que dão voz aos estudantes, pode transformar a experiência acadêmica em um processo mais integrado e harmônico. Essa fusão entre os parâmetros técnicos e a psicologia ambiental pode gerar uma percepção interessante sobre a relação entre o espaço físico e a performance acadêmica dos estudantes.

No fim, a arquitetura é muito mais do que a criação de estruturas funcionais: é sobre criar espaços que inspirem, que conectem e que acolham seus usuários. O ateliê ideal é aquele que respeita a individualidade e a coletividade ao mesmo tempo, permitindo que o estudante se aproprie dele de maneira significativa. Assim, a verdadeira transformação se dará quando o espaço for visto não apenas como suporte para as atividades acadêmicas, mas como um catalisador de criatividade e inovação.

Finalizando, propõe-se que cada *persona* (corpo discente) seja estudada detalhadamente, de forma que o ambiente se adapte ao público que o frequenta. A individualidade e as necessidades de cada estudante devem guiar a concepção e o desenvolvimento dos espaços, assegurando que o ateliê seja, acima de tudo, um lugar onde o potencial criativo seja nutrido e onde a aprendizagem ocorra de maneira orgânica e integrada com o ambiente. Isso é fundamental para garantir que o espaço seja funcional e, ao mesmo tempo, um refúgio criativo, emocional e social para todos os que o utilizam.



REFERÊNCIAS

4 REFERÊNCIAS

BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz; DELABRIDA, Zenith Nara Costa; FERREIRA, Karla Patrícia Martins. Emoções e afetividade ambiental. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A. (org.). Psicologia Ambiental: Conceitos para a Leitura da Relação Pessoa-Ambiente. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2018. cap. 5, p. 60-74. ISBN 978-85-326-5679-7.

HOLZER, Werther. Lugar. GEOgraphia, Niterói, Universidade Federal Fluminense, v. 21, n. 47, set./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/download/40757/23468/136971>. Acesso em: 31 mar. 2023.

IMDS. Na Região Sul, mobilidade social educacional ainda mostra diferença entre brancos e negros. Em Pauta, [S. l.], [(201-?)]. Disponível em: <https://imdsbrasil.org/em-pauta/materias/25/na-regiao-sul-mobilidade-social-educacional-ainda-mostra-diferenca-entre-brancos-e-negros>. Acesso em: 6 mar. 2023.

KOWALTOWSKI, Doris K.. Arquitetura escolar. O projeto do ambiente de ensino. São Paulo, Oficina de Textos, 2011.

MARAGNO, Gogliardo Vieira. Quase 300 cursos de Arquitetura e Urbanismo no país: como tratar a qualidade com tanta quantidade?: Algumas questões sobre qualificação e ensino no Brasil. Arqtextos, [s. l.], ano 14, 2013. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/14.161/4930>. Acesso em: 5 mar. 2023.

NASCIMENTO, Ives; SOUZA, Raimundo; SALVIANO, Eliel. XXXI SIMPÓSIO DE GESTÃO DA INOVAÇÃO TECNOLÓGICA, 2021, Evento Online. A Criação das Novíssimas Universidades Federais Brasileiras: um Caso de Inovação Social [...]. [S. l.: s. n.], 2021. Disponível em: <http://anpad.com.br/uploads/articles/112/approved/28f0b864598a1291557bed248a998d4e.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2023.

NÓBREGA, Lana; ELIAS, Terezinha Façanha; FERREIRA, Karla Patrícia Martins. Conscientização. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A. (org.). Psicologia Ambiental: Concei-

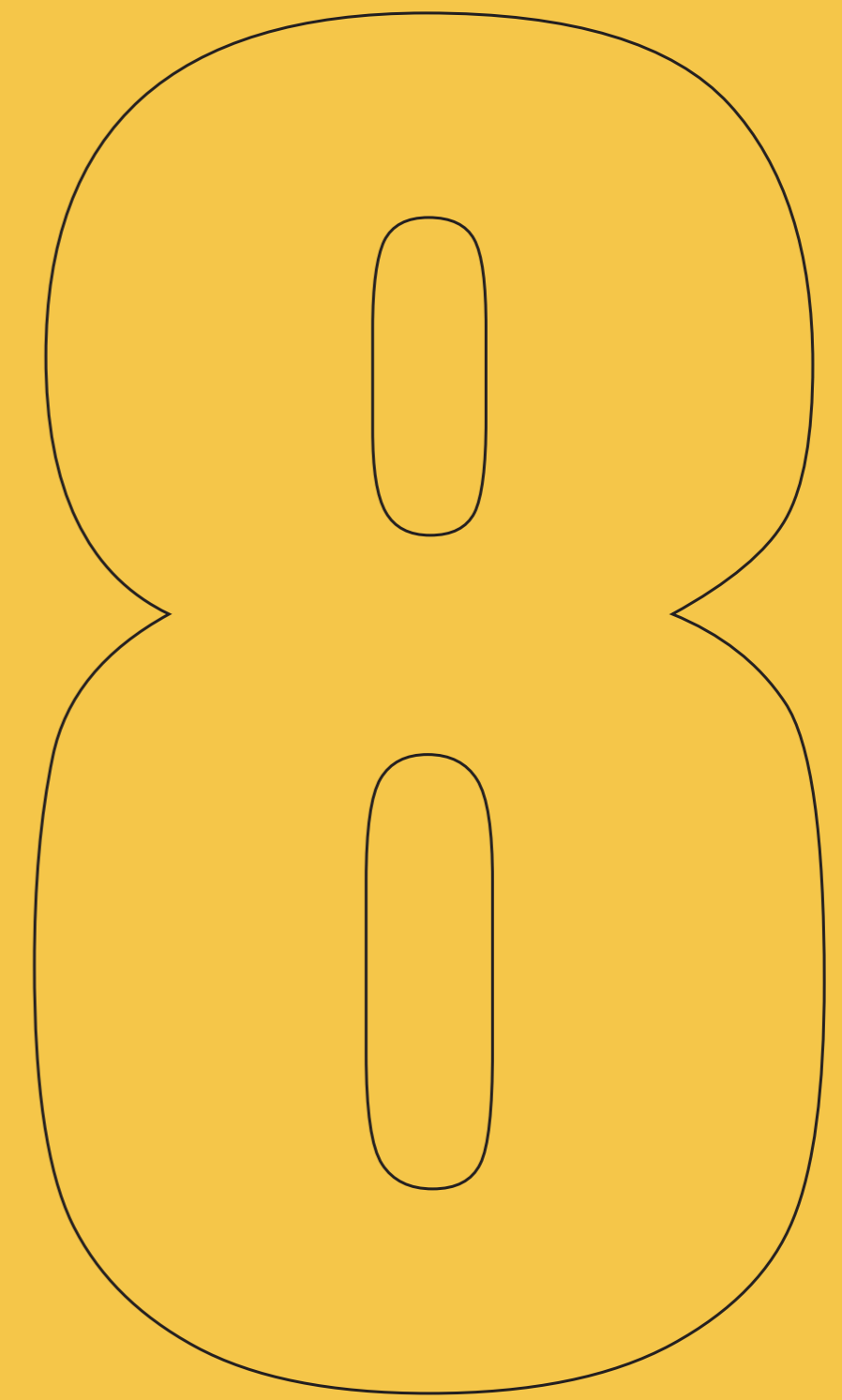
tos para a Leitura da Relação Pessoa-Ambiente. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2018. cap. 2, p. 26-35. ISBN 978-85-326-5679-7.

ORNSTEIN, Sheila Walbe; ROMERO, Marcelo de Andrade. Avaliação Pós-Ocupação do Ambiente Construído: Da Teoria à Prática. São Paulo: Studio Nobel/Usf. 1992. Acesso em: 02 mar. 2023.

SALAMA, A. M. (2005). Skill-based/knowledge-based architectural pedagogies: An argument for creating humane environments. In P. Hardie (Ed.), 7th International Conference on Humane Habitat (pp. 1–15). Rizvi College of Architecture.

SIMAS, Tarciso Binoti; DIAS, Laura Noletto; SILVA, Joanne Leal Almeida. Panorama do ensino público de Arquitetura e Urbanismo no Brasil em 2020. The Journal of Engineering and Exact Sciences – JCEC, [s. l.], v. 07, n. 01, p. 1-12, 2021. DOI 10.18540/jcecvl7iss1pp12075-01-12e. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/jcec/article/download/12075/6506/55450>. Acesso em: 7 mar. 2023.

VILLAROUCO, Vilma; FERRER, Nicole; PAIVA, Marie Monique; FONSECA, Julia; GUEDES, Ana Paula. Neuroarquitetura: a neurociência no ambiente construído. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Rio Books, 2021. 256 p. ISBN 978-65-87913-47-6.



APÊNDICES

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO APLICADO

ÀS UNIVERSIDADES

Informações Demográficas

- Qual é a sua idade? (Por favor, responda apenas o número.
Ex: 25)
- Qual é a sua identidade de gênero?
*Mulher cisgênero/Mulher transgênero/Homem cisgênero/
Homem transgênero/Não-binário/Agênero/Gênero-fluido/
Bigênero/Mulher transexual/Homem transexual/Poligênero/
Gênero neutro/Outro/Prefiro não responder*
- Você mora na mesma cidade da sua universidade?
Sim/Não. Moro em um município vizinho e venho até a cidade da universidade para realizar meus estudos./Outra
- Em qual(is) período(s) você frequenta os ateliês? (Selecione mais de um, se for o caso)
Manhã/Tarde/Noite

- Em qual semestre/período você está?
1º semestre/período/ 2º semestre/período / 3º semestre/período / 4º semestre/período / 5º semestre/período / 6º semestre/período / 7º semestre/período / 8º semestre/período

Aspectos Físicos do Ambiente

- Em uma escala de 1 a 5, como você avalia a iluminação *ARTIFICIAL* nos ateliês?
Onde 1 é Insatisfatória e 5 Excelente.
- Em uma escala de 1 a 5, como você avalia a iluminação *NATURAL* nos ateliês?
Onde 1 é Insatisfatória e 5 Excelente.
- Como você descreveria a temperatura nos ateliês?
Muito quente/Confortável/Muito Frio
- Há ventilação cruzada (janelas em dois lados do ambiente)?
Sim/Não

- Os ateliês possuem ar-condicionado/sistema de condicionamento de ar/ventiladores?
Ares-condicionados, mas nem sempre funcionam/Ares-condicionados, e funcionam bem/Ventiladores, mas nem sempre funcionam/Ventiladores, e funcionam bem/Não possuem nenhum sistema de condicionamento de ar
- Você acha que a disposição do mobiliário nos ateliês facilita ou dificulta o trabalho em grupo?
Facilita/Dificulta/Não sei
- Como você avalia a qualidade da acústica nos ateliês?
Onde 1 é Insatisfatória e 5 Excelente.
- Você acha que os espaços são adequados para a realização de atividades práticas, como maquetes e desenhos técnicos?
Sim/Não
- Como é a vista para o exterior? (Descritiva)

- Gostaria de fazer alguma observação sobre os aspectos físicos do(s) ateliê(s) que frequenta? (Descritiva e Opcional)

Aspectos Psicológicos e Emocionais

- Os ateliês da sua universidades são espaços que te deixam inspirado(a) para desenvolver seus projetos?
Sim/Não
- Como você descreveria o nível de estresse nos ateliês durante os períodos de alta demanda de trabalho?
Baixo/Médio/Alto
- Os ateliês proporcionam um ambiente propício para a criatividade?
Sim/Não/Às Vezes
- Como você se sente em relação à colaboração com seus colegas nos ateliês?
A colaboração entre os(as) estudantes é estimulada/Nem estimulada, nem desencorajada/A colaboração entre os(as) estudantes é desencorajada

- Gostaria de fazer alguma observação sobre os aspectos psicológicos e emocionais relacionados ao(s) ateliê(s) que frequenta? (Descritiva e Opcional)

Sensação de Pertencimento

- Como você se sente em relação ao seu ateliê?
Sente-se parte da comunidade/Sente-se excluído/Indiferente
- Você percebe que o ateliê é um espaço inclusivo e acolhedor para todos os estudantes?
Sim/Não/Talvez
- Em que medida você se identifica com os valores e a cultura do ateliê? (princípios, crenças, normas e comportamentos que são valorizados e praticados dentro do ambiente do ateliê)¹
Muito/Moderadamente/Pouco/Não me identifico

- Você se sente encorajado(a) a expressar suas opiniões e ideias nos ateliês?
Sim/Não/Às Vezes
- Gostaria de fazer alguma observação sobre a sua sensação de pertencimento ao(s) ateliê(s) que frequenta? (Descritiva e Opcional)

Seu ateliê ideal

- Quais características arquitetônicas seriam essenciais para o seu ateliê ideal? (marque todos que julgar ideais)
Iluminação natural/Áreas de convivência/Espaços flexíveis/Espaços coloridos/Vista para o exterior/Contato com a natureza
- Que tipo de recursos e equipamentos você gostaria que estivessem disponíveis no ateliê ideal? (marque todos que julgar ideais)
Equipamentos de modelagem/Computadores/Impressoras 3D/Maquetaria/Projetores/Sofas e mesas compartilhada

- Qual seria o ambiente emocional do ateliê ideal? (marque todos que julgar ideais)
Inspirador/Acolhedor/Estimulante
- Gostaria de fazer alguma observação sobre o seu ateliê ideal? (Descritiva e Opcional)

Perfil do Estudante

- Você prefere trabalhar sozinho(a) ou em grupo?
Sozinho(a)/Em Grupo/Depende do Projeto
- Qual a sua principal fonte de motivação para frequentar os ateliês?
Paixão pelo curso/Obtenção de boas notas/Interesse nos projetos/Outro
- Você costuma utilizar dispositivos eletrônicos (como notebooks, tablets) nos ateliês para auxiliar nos estudos?
Sim/Não/Às Vezes
- Em sua opinião, qual a importância do ambiente físico dos

ateliês para o seu desempenho acadêmico? (Descritiva)

¹ Esta pergunta se refere à organização do espaço, postura quanto aos materiais compartilhados, uso do espaço, etc.



